

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23295

DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA

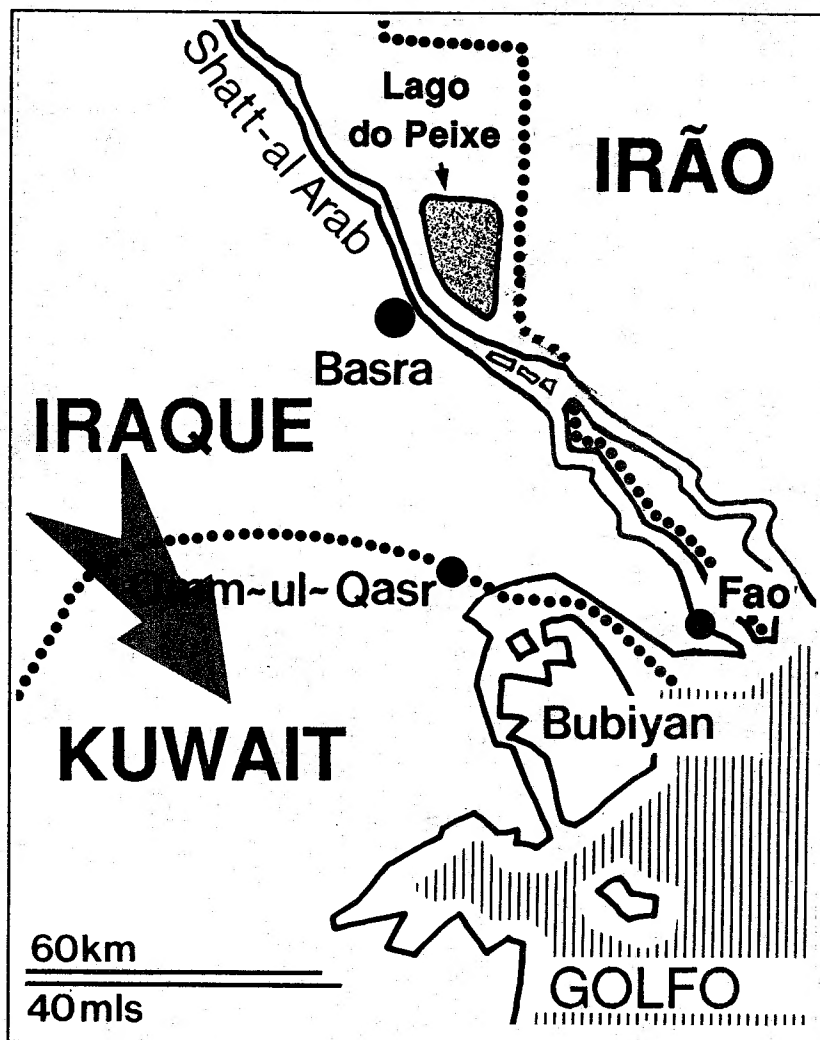
QUINTA-FEIRA 2 AGOSTO 90 70\$00

Guerra em tempo de paz

Conselho de Segurança já condenou o Iraque

Guerras longe são, para nós e para todos, guerras macias. Iraque, Kuwait, Golfo Pérsico... ficam lá para esses sítios do mundo em que a vida humana parece nada valer nem a morte impressionar. Mas de novo há gente com forma, calor e nome a sangrarem-se, lá longe. É o petróleo, é a economia de guerra, são outros interesses.

Esta madrugada o Iraque invadiu o Kuwait e, militarmente, parece ter tido êxito. Os EUA e a URSS, juntamente com a ONU e os principais países da Europa Ocidental, já condenaram o Iraque. O ambiente internacional mostra-se favorável à paz, que este conflito veio alterar. É, afinal, uma guerra na paz. **Págs. 2 e 3**



O mapa ilustra a vizinhança entre o Iraque e o Kuwait e assinala a invasão feita esta madrugada pelos iraquianos

Madonna para adultos

Madonna terminou, em triunfo, a «Blond Ambition Tour». Foi ontem, em Barcelona, a poucas semanas de «Dick Tracy» se estreiar nos cinemas europeus, a cantora provou que era capaz de se tornar uma lenda do show-bizz.

A sensualidade que tornou sua imagem de marca desde «Holliday» e de «Like a Virgin», Madonna juntou agora alusões sexuais óbvias, seguidas de alusões religiosas tão óbvias como as primeiras, tudo para fabricar pequenos escândalos. O Vaticano reagiu, os estudantes de liceu deliraram.

Quem ficou a ganhar foi esta loura com jeito para o negócio.

Págs. 14 e 15



Só para adultos? Eventualmente chocante? O que se quiser. Ela, Madonna, o que quer é fazer destas e outras imagens semelhantes o seu «show business»

Holandês repete vitória na Volta

Reportagem nas págs. 24 a 27 com o patrocínio de



Os números da controvérsia açoriana
Pág. 4

Carlos Encarnação à fala com o «DL»
Pág. 5

A Ópera de Pequim do Casino para Belém
Págs. 16 e 17

Marsalis encontra musa em Lisboa
Pág. 18

Hoje: Suplemento Literário



PORTE PAGO

**GRANDE
ANGULAR**

Numa fulminante ofensiva militar, o Iraque invadiu esta madrugada o Kuwait. Ao fim desta manhã, o poderoso exército iraquiano já tinha o país sob controlo, embora haja pequenos focos de resistência na capital. A invasão foi condenada hoje por unanimidade pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas. Os EUA já mandaram para o Golfo Pérsico o seu maior vaso de guerra

Iraque invade Kuwait e conquista a capital



O Emir do Kuwait, sheik Jaber al-Ahmed

O Iraque invadiu esta madrugada o Kuwait, às 02H00 locais (zero horas em Lisboa), numa acção rápida que já lhe permitiu o controlo dos principais pontos do país. Embora ainda haja notícias de focos de resistência do pequeno exército kuwaitiano, a capital, Kuwait, foi tomada. As tropas iraquianas tomaram o palácio real mas o Emir Jaber al-Ahmed al-Sabah conseguiu fugir encontrando-se a salvo na Arábia Saudita, segundo informou esta manhã o embaixador norte-americano na ONU, Thomas Pickering.

A invasão do Kuwait vem na sequência do fracasso das conversações de ontem em Djeddah, na Arábia Saudita, entre representantes do Governo do Kuwait e de Bagdad.

As informações falam de um verdadeiro «banho de sangue», embora seja impossível de momento determinar com exactidão o número de vítimas.

A intervenção iraquiana no Kuwait obedeceu a uma operação extremamente bem preparada com base numa máquina de guerra demolidora, se tivermos em conta a desproporção das forças em confronto. Os efec-

tivos militares do Iraque estão calculadas em cerca de um milhão de homens, contra os 20 mil do Kuwait. Segundo dados fornecidos pela cadeia de televisão norte-americana CNN o Iraque dispõe ainda de cerca de cinco mil e 500 tanques, 531 aviões de combate e 51 navios de guerra. O Kuwait, por seu lado tem apenas 275 tanques 36 aviões e 36 navios de guerra.

Esta manhã as posições iraquianas na capital kuwaitiana estavam a ser combatidas por cinco helicópteros e por alguns aviões de combate não identificados. Mas as últimas informações divulgadas pela CNN dão conta de que já «não existe resistência aparente no centro da capital».

Golpe de Estado é pretexto

O Iraque evocou como pretexto da invasão desta manhã o facto de se ter verificado um golpe de Estado no Kuwait, liderado por «jovens revolucionários», que após terem derrubado o Emir teriam pedido auxílio a Bagdad.

Segundo testemunhas oculares citadas pela AFP, o centro dos confrontos na capital kuwaitiana situava-

se ao fim da manhã nas proximidades do palácio real, ocupado desde o princípio da manhã, próximo das embaixadas dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha que se encontram totalmente cercadas.

Durante o fulminante ataque iraquiano, as tropas kuwaitianas quase não opuseram resistência concentrando as suas principais posições defensivas em torno do palácio real, que foi severamente bombardeado.

Os bombardeamentos estão na origem de vários focos de incêndio de importantes proporções no centro da cidade do Kuwait.

Segundo testemunhas oculares, citadas ainda pela AFP, o Hotel Sheraton situado em pleno centro da capital, estava sob controlo das tropas iraquianas que o evacuaram. Os seus ocupantes foram obrigados a concentrarem-se num jardim público em frente.

A Rádio Kuwait foi também alvo dos bombardeamentos tendo-se registado vários feridos. No entanto continuava ao fim desta manhã a emitir apelos à resistência contra a «invasão bárbara» do país

Redacção DL/AFP

Cronologia de uma crise

A entrada das tropas iraquianas em território do Kuwait, na noite de ontem para hoje, segue-se a uma crise que se iniciou a 18 de Julho quando o Governo de Bagdad acusou o Kuwait de ter «roubado» desde 1980 petróleo iraquiano e de haver ocupado parte do seu território.

As relações entre os dois países têm sido difíceis devido à persistência de um problema fronteiriço que desde a independência do Kuwait, em 1961, ficou por resolver. O Iraque, que inicialmente considerou o Kuwait como parte integrante do seu território, só reconheceu a independência do emirato em 1963.

De 1963 e 1973 decorre um período de normalização das relações entre os dois Estados sem que, no entanto, se chegasse a um acordo quanto ao diferendo fronteiriço.

Na guerra irano-iraquiana (1980-88), durante a qual o Kuwait apoiou política e financeiramente Bagdad, o desentendimento entre os dois países foi temporariamente posto de parte.

A evolução recente da crise

- 3 de Maio de 1990: O ministro iraquiano dos Negócios estrangeiros, Terek Aziz, faz duras críticas aos países responsáveis pela superprodução de petróleo no seio da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo), numa ocasião em que o comité de fiscalização se encontra reunido em Genebra. O Kuwait figura, segundo os meios ligados ao petróleo, entre esses países.

- 17 de Julho: O Presidente iraquiano Saddam Hussein acusa «alguns» dirigentes árabes do Golfo de aplicarem uma política pró-americana, visando fazer baixar os preços do petróleo bruto. A agência oficial iraquiana INA reproduz uma declaração do Presidente feita em Maio por ocasião da Cimeira Árabe, que se reuniu em Bagdad. Hussein afirmou que as guerras podem ser provocadas por razões económicas.

- 18 de Julho: Publicação em Bagdad de uma mensagem do Iraque transmitida a 16 de Julho à Liga Árabe, acusando o Kuwait de «roubar» desde 1980 petróleo iraquiano ao explorar o campo petrolífero de Roumilla (sul do Iraque) e de ocupar parte do seu território. O Iraque reclama o reembolso por parte do Kuwait de 2,4 mil milhões de dólares, o que segundo Bagdad corresponde ao valor do petróleo «roubado», ao mesmo tempo que qualifica o comportamento do Kuwait de «agressão» militar contra o Iraque. Bagdad vai mais longe e acusa ainda o Kuwait de se ter aproveitado da guerra irano-iraquiana para executar «um plano de avanço progressivo e programado» em direcção do território iraquiano. O Emir do Kuwait, Sheikh Jaber al-Ahmed al-Sabah, envia emissários aos diferentes Estados Árabes.

- 19 de Julho: O Kuwait rejeita em bloco as acusações de Bagdad, acusa o Iraque de ter tentado por diversas vezes abrir furos para exploração petrolífera no interior do território kuwaitiano e faz um apelo à Liga

Árabe no sentido de mediar o conflito fronteiriço.

- 20 de Julho: A Liga Árabe e a Arábia Saudita desenvolvem esforços para resolver a crise. A 21 de Julho, o secretário-geral da Liga Árabe, Chedli Klibi, é recebido pelo Emir do Kuwait.

- 21 de Julho: Bagdad acusa o Kuwait de preparar o terreno para uma intervenção das forças estrangeiras no Golfo ao apelar à ONU para intervir no diferendo. Bagdad considera que o Kuwait renuncia desta forma a «opção árabe» e à mediação da Liga Árabe.

- 22 de Julho: O Kuwait faz um apelo a Bagdad no sentido de favorecer a mediação das nações árabes e reafirma o seu interesse em ver o diferendo resolvido a nível dos países que compõem a Liga Árabe. Em Bagdad, a Imprensa oficial faz um apelo aos cidadãos do Kuwait para se dissociarem do Governo do seu país.

- 23 de Julho: Cimeira entre o rei Hussein da Jordânia e o Presidente egípcio Hosni Mubarak, em Alexandria, com a presença do chefe da diplomacia iraquiana, Tarek Aziz. Oficialmente, o Cairo desenvolve esforços para chegar ao fim do conflito.

- 24 de Julho: Visita a Bagdad e ao Kuwait do Presidente Mubarak, que manifesta o desejo de que a sua intervenção conduza a uma reunião quadripartida Iraque-Kuwait-Egipto-Arábia Saudita. Segundo o «Washington Post», o Iraque colocou tropas de elite junto da sua fronteira com o Kuwait numa acção de intimidação.

- 25 de Julho: O Presidente Mubarak anuncia um encontro entre as autoridades dos Governos do Iraque e o Kuwait para os dias 28 e 29 de Julho, na Arábia Saudita.

- 26 de Julho: Abertura da Conferência Ministerial da OPEP, em Genebra, com o objectivo de estabelecer os novos preços do petróleo, assim como fixar as novas quotas de produção da organização.

- 27 de Julho: Os ministros da OPEP decidem aumentar os preços do petróleo de 18 para 21 dólares, fixando um *plafond* de produção em 22,5 milhões de barris/dia até ao fim do ano, contra os 22 mil barris/dias verificados no primeiro semestre deste ano.

- 29 de Julho: O Iraque anuncia que a reunião com o Kuwait, na Arábia Saudita, não se pôde realizar durante o fim-de-semana como estava previsto. Ryad anuncia um novo encontro para o dia 31 de Julho.

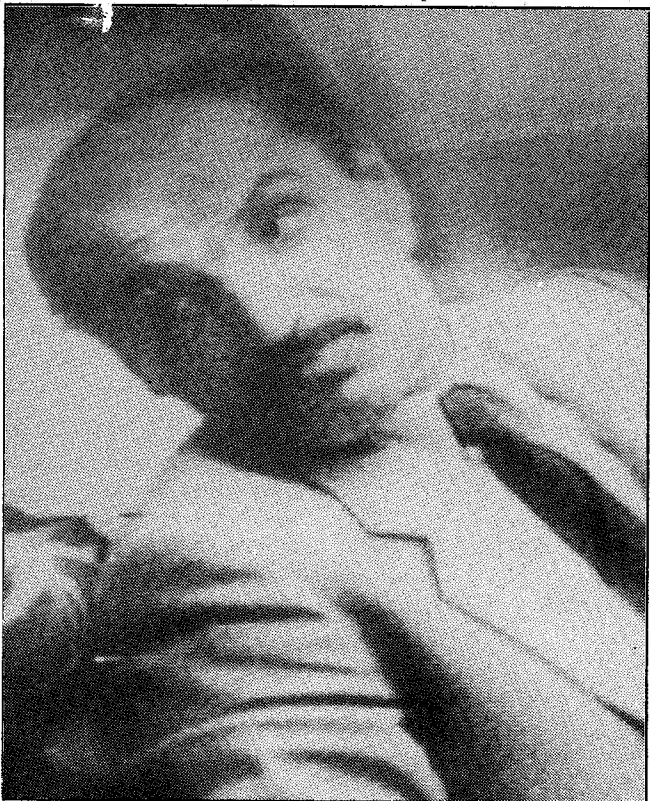
- 30 de Julho: Missão de mediação do rei Hussein da Jordânia em Bagdad e no Kuwait.

- 31 de Julho: Abertura em Djeddah (Arábia Saudita) das conversações entre o Iraque e o Kuwait.

- 1 de Agosto: Suspensão das conversações de Djeddah sem que nenhum acordo tenha sido concluído. Anúncio do encerramento das fronteiras terrestres entre o Iraque e o Kuwait. Segundo Washington, o Iraque concentrou um grande número de soldados ao longo das suas fronteiras com o Kuwait.

- 2 de Agosto: Entrada das tropas iraquianas no território do Kuwait às 02H locais (zero horas em Lisboa).

AFP



Os embaixadores do Iraque e do Kuwait, esta manhã, na reunião do Conselho de Segurança da ONU

Conselho de Segurança da ONU condena Iraque

EUA e URSS exigem retirada iraquiana

Os Estados Unidos estão a «examinar todas as opções para responder à agressão iraquiana», disse hoje o porta-voz da Casa Branca, John Popadiuk, acrescentando que o seu país «apelou à comunidade internacional para condenar esta agressão revoltante». Os EUA dispõem de uma esquadra de sete unidades navais no Golfo Pérsico que desde 24 de Julho está em manobras com as forças dos Emirados Árabes Unidos, estando neste momento a cerca de mil quilómetros da costa kuwaitiana. O mais poderoso navio de guerra norte-

americano, o porta-aviões «Independence», começou esta manhã a dirigir-se para o Golfo vindo do Oceano Índico, segundo a cadeia de televisão CNN.

Hoje de manhã durante a reunião de emergência do Conselho de Segurança da ONU, o Iraque foi condenado por unanimidade, sendo exigida a «retirada imediata e incondicional» das forças iraquianas. O embaixador soviético na ONU juntou-se aos restantes membros do Conselho nesta exigência, assim como o embaixador chinês. O embaixador dos EUA, disse que

o seu país estará sempre «lado a lado» com o Kuwait, mas que privilegiará, por enquanto, soluções diplomáticas.

O secretário de Estado norte-americano, James Baker, declarou aos jornalistas no avião que o levava de Irkutsk, na Sibéria, para Ulan Bator, na Mongólia, que tinha informado o seu homólogo soviético, Eduard Shevardnadze (com quem esteve reunido desde ontem), da invasão iraquiana. «Ele (Shevardnadze) não ficou muito satisfeito ao ouvir que as forças iraquianas tinham avançado para o Kuwait. Penso que ele partilha da nossa preocupação face ao contexto», declarou Baker.

O responsável pela diplomacia norte-americana pediu também ao ministro soviético dos Negócios Estrangeiros para a URSS suspender de imediato o fornecimento de armas ao Iraque, mas não revelou aos jornalistas se tinha recebido alguma resposta. Segundo as últimas notícias, Baker não deve voltar a Washington, como chegou a ser ventilado.

Quatro navios britânicos no Golfo

A Grã-Bretanha, a França, a RFA e o Japão já condenaram sem reservas a invasão iraquiana, pedindo a retirada das tropas. Margaret Thatcher encontra-se nos EUA, devendo hoje encontrar-se com Bush no estado do Colorado, embora haja indicações que a reunião poderá ser adiada, já que o Presidente norte-americano está a seguir a situação no

Kuwait, em permanente contacto com o seu conselheiro para assuntos de segurança, Brent Scowcroft. Há quatro navios de guerra britânicos no Golfo Pérsico, mas segundo o Ministério da Defesa não há intenções de, por enquanto, de mandá-los para a costa kuwaitiana.

Um porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros britânico afirmou que não há ainda um «plano de evacuação dos milhares de cidadãos britânicos residentes no Kuwait», acrescentando que eles receberam instruções «para não sair de casa e permanecerem deitados no chão».

Israel, através de um porta-voz do primeiro-ministro, Yitzhak Shamir, considerou a situação «extremamente perigosa» para a região e como uma prova de que «o perigo para a paz e a estabilidade no Médio Oriente não vem do conflito israelo-palestino como muita gente pensa», mas sim de um país como o Iraque «que com o seu milhão de soldados não hesita em invadir um Estado vizinho para atingir os seus fins».

A Liga Árabe está reunida de emergência para examinar a questão. A Organização da Conferência Islâmica (OCI), reunida no Cairo desde terça-feira, diz ser «ainda muito cedo» para uma reacção à invasão iraquiana. Um porta-voz declarou aos jornalistas: «A invasão não é aqui. Sejam pacientes».

Redacção «DL»/AFP/Lusa

COMENTÁRIO

O preço da guerra

A última grande e definitiva vitória militar do Iraque sobre o Irão foi conseguida há dois anos e precedeu de pouco a cessação das hostilidades entre os dois países. Tratou-se da reconquista, pelas forças iranianas, da península de Fao, no extremo sul do Iraque e exactamente colocada no norte do Golfo Pérsico. A informação que recolhemos na altura e no local, junto dos militares iraquianos que haviam recuperado a península, foi a de que a fulminante operação militar do Iraque não teria sido possível sem que o Kuwait, vizinho de Bagdad na imediação de Fao, houvesse discretamente facilitado às Forças Armadas do presidente Saddam Hussein uma passagem pelo seu território, de modo a poderem atacar, pelo flanco direito, as tropas iranianas instaladas na península. O mapa que publicamos na primeira página mostra como a facilidade concedida pelo Kuwait foi útil ao Iraque, cujos fuzileiros puderam atravessar o canal fronteiriço que fica entre a ilha de Bubyian e Fao. Agora, Iraque e Kuwait estão em guerra.

Podemos colocar na origem deste novo conflito no Golfo Pérsico as eternas disputas sobre o volume de produção e os preços do petróleo. Também, provavelmente, o dinamismo de economia de guerra adquirido pelo Iraque, cuja riqueza foi muito enfraquecida pela guerra Irão-Iraque. Não será fácil ao Iraque, depois do fim da guerra com o Irão, proceder a uma desmobilização, que libertaria mão de obra impossível de absorver pela sua economia.

Não esquecer também a velha necessidade de o Iraque ter bom e directo acesso ao mar, já que a península de Fao, seu único contacto com o Golfo Pérsico, não se presta à instalação de um grande porto ou seria extremamente cara a sua construção ali.

Por coincidência ou para incómodo das superpotências, este novo conflito regional rebenta no exacto momento em que Shevardnadze e Baker se reuniram em Irkutsk para debaterem, entre outros temas, precisamente o modo de se alcançar uma solução para este tipo de perturbações. Tinham na agenda, em especial, o Afeganistão e o Camboja. Agora, ao que se vê, serão obrigados a acrescentar outro item a essa lista, tanto mais que estão de acordo em condenar a iniciativa iraquiana.

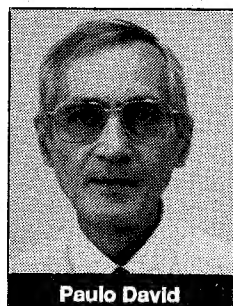
Formalmente, o Iraque é facilmente condenável. Duvidoso é o crédito a atribuir à afirmação de Bagdad de que a sua intervenção militar foi feita a pedido de um movimento revolucionário no Kuwait. Mas, desculpa ou verdade, o que o Iraque disse serve para lembrar uma outra questão, muito mais explosiva do que esta guerra: o potencial de perturbações no Golfo Pérsico (e na produção e preços do petróleo). Esse perigo está latente no carácter obsoleto do regime político de emirato que domina os países da margem ocidental do Golfo.

A prosperidade obtida pelas riquezas em petróleo não tem sido aplicada pelos chefes políticos desses países por modo a abrandar tensões sociais. Pelo contrário.

E há uma outra sombra. O Governo de Israel está reunido de emergência. O grande poder militar e a crescente agressividade do Iraque inquietam Telavive. Basta lembrar o recente escândalo sobre os canhões nucleares que os iraquianos estariam a tentar fabricar e que teriam alcance suficiente para atingir Israel.

Os países ocidentais mais fortes e as grandes instituições internacionais já reagiram: a NATO condenou, o Conselho de Segurança da ONU, hoje reunido especialmente, condenou, por unanimidade; as nações europeias com voz mais importante e os EUA condenaram igualmente o Iraque. Mas, para além dos navios de guerra norte-americanos estacionados no Golfo, por ora nada mais temos do que palavras.

A mistura de petróleo e cultura árabe, muçulmana, tem-se revelado explosiva. O presidente do Iraque poderá, com esta sua audácia, ter mostrado que sabe bem aproveitar as oportunidades: quer o Kuwait, precisa de guerra e ataca num momento em que as superpotências estão dispostas a conseguir a paz a todo o custo. Nem que algumas vítimas tenham de pagar um preço por isso.



Paulo David

Poucos portugueses

Contactado pelo «DL», o Ministério dos Negócios Estrangeiros português disse não possuir dados sobre a presença de cidadãos portugueses no Kuwait. Não podendo fornecer números precisos, admitiu contudo serem muito poucos os portugueses que neste momento se encontram no território do país invadido esta madrugada pelas forças militares iraquianas. A maior parte dos portugueses aí residentes fazem parte de um contingente mínimo de emigração flutuante, ligado principalmente à cooperação. Portugal adiantou, ainda, o MNE não dispõe actualmente de representação diplomática no Kuwait, já que o consulado honorário aberto em 1983 nesse país nunca chegou a funcionar. Contudo as relações diplomáticas entre Portugal e o Kuwait são asseguradas pela embaixada de Portugal em Bagdad. À hora do fecho da edição ainda não estava disponível o comunicado do MNE com a declaração oficial do Governo português sobre o conflito.

Segundo os dados provisórios do Instituto Nacional de Estatística, fornecidos pelo Instituto Português do Comércio Externo, Portugal exportou para o Iraque, em 1989, 1,8 milhões de contos em medicamentos, estruturas para construção civil e material bélico de pequenas dimensões, como cartuchos e munições. Para o Kuwait Portugal exportou no ano passado, 968 mil contos em concentrado de tomate, componentes eléctricos, medicamentos e roupa de cama. A quase totalidade (99,8 por cento) das importações portuguesas do Kuwait e Iraque é constituída por petróleo e seus derivados.

POLÍTICA

Os números da controvérsia entre Cavaco e Mota Amaral



Cada «Verde» seu Conselho

Maria Santos revelou esta manhã que a Comissão Executiva dos «Verdes», eleita em 25 de Fevereiro do ano passado, vai convocar um Conselho Nacional para o próximo dia 1 de Setembro, no qual serão debatidos os problemas que afectam o partido.

A eurodeputada adiantou ainda que serão também anunciados encontros nacionais visando a preparação de uma Convenção Nacional representativa.

A dirigente dos «Verdes», que com Herculano Pombo e outros membros da alegada maioria do PEV se reuniu com os jornalistas no Centro Monnet, em Lisboa, alertou a opinião pública para o facto da outra «facção», a «auto-intitulada Comissão Nacional» do partido, se preparar para «arregimentar pessoas que nada têm a ver com o movimento e promover um Conselho Nacional».

A eurodeputada sublinhou ainda que vai ser dado um prazo ao PCP para responder à carta que lhe foi enviada no passado dia 6 e na qual lhe era solicitado que se definisse perante a actual situação dos «Verdes». Em vez disso, «dois dirigentes vieram dividir o movimento de forma incorrecta, grave e abusiva», acusou Maria Santos.

Redacção «DL»

Especial «DL»

Está a transformar-se numa controvérsia cada vez mais apaixonada as questões levantadas durante a recente visita à Ilha Terceira do primeiro-ministro, Cavaco Silva, em circunstâncias já demasiado tratadas na imprensa. E a controvérsia cresce porque o primeiro-ministro e o presidente do Governo Regional dos Açores, com o apoio de alguns dos seus mais directos colaboradores, têm vindo a prestar declarações públicas e a apresentar números orçamentais que se contradizem. Se é verdade ser inverosímil que o primeiro-ministro venha para a rádio e televisão apresentar números que não correspondem à realidade, o facto é que os apontou à opinião pública de uma forma menos consentânea, digamos mesmo que os terá manipulado para sustentar as suas teses.

O primeiro-ministro não quis dizer que quando fala em fluxos financeiros do Estado para a Região Autónoma dos Açores incluiu as receitas que, constitucionalmente, pertencem à Região e as que oriundas da CEE correspondem a projectos apresentados pela Região, aprovados por cumprirem com as normas comunitárias e cujas contrapartidas nacionais são suportadas pelo orçamento regional. Não são, na verdade, encargos do Orçamento do Estado, o que o Governo da República está obrigado pela Constituição, como contribuição integrada naquilo que se convencionou chamar solidariedade nacional.

Por outro lado, o primeiro-ministro também não quis dizer aos açorianos e à opin-

ião pública nacional que o Estado recebe dos açorianos uma taxa de três por cento pela cobrança que efectua dos impostos que cabem, por imperativo constitucional, à Região. Presta um serviço que é pago pela Região e, portanto, deveria surgir como contrapartida das despesas. Assim, da mesma forma deveria acontecer com os 56 milhões de dólares que o Estado português vai deixar de pagar aos EUA pela compra de uma esquadra de aviões «F 16», avaliada em sessenta milhões de dólares dos quais só apenas pagará quatro. Os restantes, são provenientes das facilidades concedidas pelo País, nos Açores, aos Estados Unidos. Aplicando-se à letra o espírito utilizado pelo primeiro-ministro na construção dos seus argumentos para avaliar os fluxos financeiros do Orçamento do Estado para a Região, também esses 57 milhões deveriam entrar numa conta de deve e haver, que parece ser tão do agrado de Cavaco Silva e seus companheiros de Governo e partido, a favor da Região Autónoma dos Açores.

Aliás, o fundo da questão não está nas verbas e nos seus montantes. Estas são, em nosso entender, e julga-



Mota Amaral responde hoje a Cavaco Silva através da TV dos Açores

mos que uma grande parte da opinião pública o já terá percebido, pretexto para o primeiro-ministro e o líder do PSD, com o apoio entusiástico de sectores conservadores e centralistas e o júbilo de alguns militares, tentar impor o seu pensamento sobre as autonomias regionais, a

gestão dos governos insulares o seu entendimento que Mota Amaral já não serve os critérios e os conceitos governativos defendidos por Cavaco Silva.

Estão em causa aspectos muito mais importantes que a simples contabilização das verbas. Está em causa o conceito de autonomia que Mota Amaral defende, crescentemente amplo, e que Cavaco Silva pretende cercar ao mesmo tempo que procura afastar Mota Amaral por não concordar com a forma como orienta a acção do Governo Regional.

Também não nos parece legítimo que não concordando com a acção governativa de Mota Amaral, o líder do PSD utilize as suas funções de primeiro-ministro para lhe

aumentar os problemas e o desacreditar perante a opinião pública, como agora fez nesta sua visita de vinte e quatro horas à Terceira.

É verdade que Cavaco Silva tem, agora, como primeira preocupação, assegurar a maioria nas eleições legislativas de 1991, para as quais os dez deputados insulares podem contribuir. É verdade que Mota Amaral está em descida e não poderá, neste momento, ser o aliado ideal nos Açores que, à sua conta, elegem cinco deputados.

Mas terá o primeiro-ministro e líder do PSD pensado que os açorianos podem não ficar satisfeitos com os problemas que vem causando à Região, intervindo nos seus assuntos internos, «abusando» das prerrogativas de primeiro-ministro de um País (repetiu-o tão enfaticamente e tanta vez enquanto esteve na Terceira...) para impor o seu pensamento? Não importa agora e aqui julgar a gestão do Governo Regional chefiado por Mota Amaral. Isto diz respeito apenas aos açorianos cuja resposta para uma escolha entre o respeito integral do espírito e letra da Constituição e a dialéctica e manobra política pode, mesmo neste momento de declínio de Mota Amaral e do PSD Açores, ser muito diferente de que alguns esperam.

É muito importante, e urgente também, uma pedagogia da autonomia e das razões que a suportam. Não são tão economicistas e supérfluas como se procura fazer crer em certos sectores, mais apegados a resultados imediatistas do que a analisar e entenderem o sentimento das populações.

Gustavo Moura

Ministros escalam Pico

Os ministros Roberto Carneiro e Valente de Oliveira vão este fim-de-semana escalar o Pico a convite do ministro da República para os Açores. Embora os motivos que levam os dois governantes à Região Autónoma sejam de lazer, fontes contactadas pelo «DL» consideram que a oportunidade poderá ser aproveitada para contactos informais no sentido de tentar desanuviar a tensão entre os governos de Lisboa e de Ponta Delgada. Refira-se que Roberto Carneiro é natural dos Açores, o que não é desprezível neste contexto.

Recordar Sá Carneiro dez anos depois

Cavaco Silva, Francisco Sá Carneiro (filho), Adelino da Palma Carlos, António Capucho, Vasco Pulido Valente, Teresa Patrício Gouveia, Conceição Monteiro, Alberto João Jardim e Mota Amaral são algumas das personalidades que compõem a lista (ainda) incompleta que dá corpo à Comissão de Honra das comemorações dos dez anos da morte do líder do PSD, Francisco Sá Carneiro.

«Foi uma pessoa carismática. E volvidos dez anos sobre a sua morte ainda o é», considera o organismo responsável pela evocação da figura do fundador do PPD/PSD.

As celebrações dos dez anos da morte de Sá Carneiro têm carácter «nacional», de acordo com os seus promotores, e não serão de «natureza partidária», sublinharam ainda aquelas fontes.

A partir da ideia «Recordar Sá Car-

neiro no décimo aniversário da sua morte», o partido a que pertenceu procura «exaltar o estadista e o pensador político», através de uma série de iniciativas que «não se limitarão a um mero rememorar passadista, pois pretendem retirar da obra de Francisco Sá Carneiro ensinamentos para o Portugal moderno».

Dos acontecimentos programados pela Comissão Executiva para assinalar a passagem dos dez anos da morte de Francisco Sá Carneiro destaca-se o ciclo de conferências sobre o «Pensamento político de Francisco Sá Carneiro - diálogos para um Portugal moderno» que decorrerá durante os meses de Outubro, Novembro e Dezembro.

Está prevista ainda a realização de uma conferência em Paris, no dia 25 de Novembro, sobre a vida e obra de Sá Carneiro, que se destina aos emigrantes

portugueses. Ainda durante este ano o PSD editará um livro sobre a vida política de Francisco Sá Carneiro, intitulado «Antologia Política de Francisco Sá Carneiro» e será cunhada uma medalha comemorativa.

No dia 4 de Dezembro, a data do aniversário da morte de Sá Carneiro será assinalada com tempos de antena na Rádio e na Televisão e o «Povo Livre», órgão oficial do PSD terá uma edição especial. No Porto, local onde se centram as comemorações, deverá ser inaugurado um monumento a Sá Carneiro, concebido por Gustavo Bastos, professor da ESBAP.

Para encerrar o ciclo os organizadores das comemorações promoverão na noite de 4 de Dezembro uma sessão solene evocativa dos dez anos da morte do antigo líder dos sociais-democratas.

CDU quer conhecer projectos de construção para Cascais

Os representantes da CDU na Câmara de Cascais solicitaram esta manhã na reunião da vereação a chamada à apreciação do executivo do conjunto de grandes projectos de construção em consulta na edilidade, pondo o dedo numa ferida que parece estar a agitar os meios políticos locais. Ontem, em comunicado, Carlos Sota e Vitor Silva chamaram a atenção para o facto de estar «seriamente ameaçada» a área de paisagem protegida, já que se perspectiva a ocupação de cerca de oito milhões de metros quadrados desta espaço, em «meia dúzia de projectos». Em causa, afinal, o enquadramento das construções no Plano Director Municipal, ainda em gestação, em atenção ao impacto ambiental e paisagístico e ao tipo de infraestruturas a implantar.

Os projectos em consulta, afirmam os vereadores da CDU justificando a sua solicitação, são de grande envergadura. «A serem aprovados, alterarão e modificarão profundamente a estrutura física e social do concelho», consideram. A tomada de posição surge num momento em que a temática da construção em Cascais mobiliza o interesse da Comunicação Social. Ainda recentemente, um jornal aludia a um conjunto de projectos de António Champalimaud para o concelho. O facto de, esta semana, um semanário falar em «pressões sobre Georges Dargent», o presidente da Câmara, no sentido de «aprovar ilegalidades conducentes a chorudos negócios no sector imobiliário» não deverá, por outro lado, ser indiferente a esta questão.

POLÍTICA

João de Deus Pinheiro vai propor reunião com os cinco PALOP's

O ministro português dos Negócios Estrangeiros, João de Deus Pinheiro, vai propor amanhã ao seu homólogo de Cabo Verde, Silvino da Luz, a realização de uma reunião entre os chefes das diplomacias de Portugal e dos cinco países de expressão oficial portuguesa (PALOP's).

João de Deus Pinheiro chega hoje à Cidade da Praia, cumprindo assim mais uma etapa do seu périplo africano. Um alto responsável local, citado pela Lusa, teria já garantido que a questão está na agenda do encontro e que é provável a marcação imediata de uma reunião.

Cabo Verde coordena o grupo dos Cinco até ao fim deste ano.

A reunião aludida tinha sido marcada pela cimeira dos Cinco para Bissau e prevista para o mês de Novembro do ano passado, mas acabou por não se realizar.

Antes de deixar Moçambique, no termo de uma visita oficial de quatro dias, João de Deus Pinheiro fez questão em afirmar publicamente o seu apoio à opção pelo multipartidarismo afirmada pelo Presidente Joaquim Chissano. O ministro português estava acompanhado pelo seu homólogo moçambicano Pascoal Mocumbi quando esta manhã deu uma conferência de Imprensa no aeroporto de Maputo, antes de partir para Cabo Verde.

Visita oportuna

Na altura, João de Deus Pinheiro fez um balanço positivo de «uma visita oportuna e que aconteceu num momento particularmente importante».

Chamou a atenção para o significado dos encontros entre empresários portugueses que o acompanharam com empresários e asso-

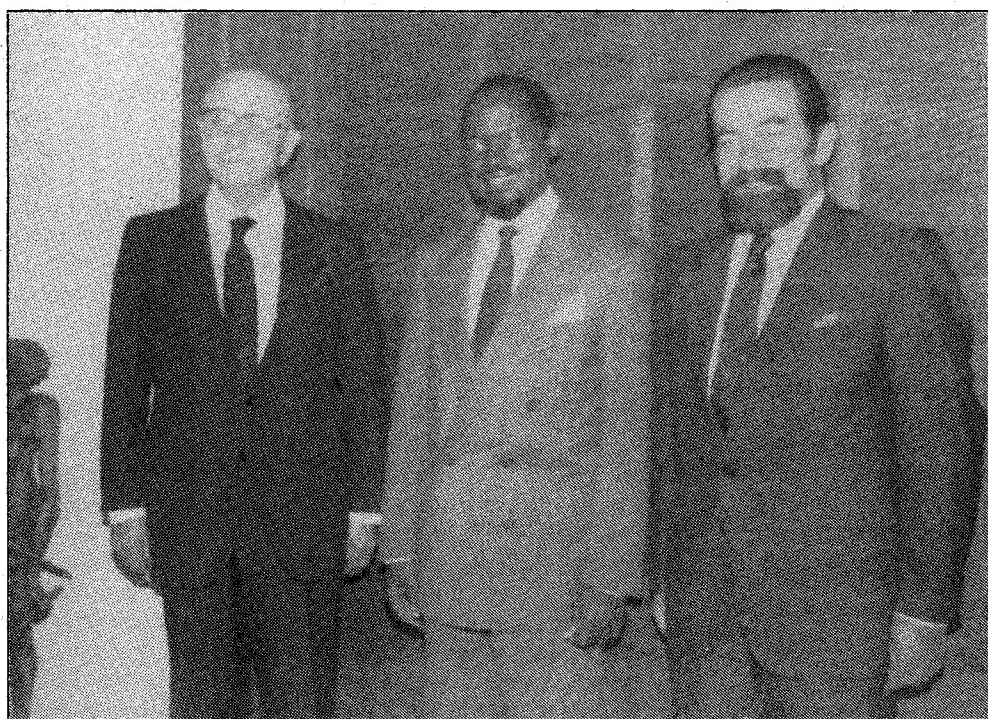
ciações moçambicanas ligadas à condução da Economia.

Disse que foi debatido um projecto tendente à preservação e difusão do Português, através de apoio bibliográfico, e um protocolo destinado a recuperar património cultural de traça marcadamente portuguesa, a exemplo do que Portugal já possui com o Benin, Marrocos e Oman.

O ministro citou ainda a criação de um Instituto de Língua Portuguesa e o alargamento da cooperação já existente nos domínios do audiovisual.

João de Deus Pinheiro revelou que os países da CEE aguardam a próxima etapa das negociações entre o Governo de Pretória e o Congresso Nacional Africano antes de tomarem uma posição quanto à manutenção das sanções contra a África do Sul.

Redacção DL/Lusa



João de Deus Pinheiro com Joaquim Chissano e Manuel Bullosa: pluralismo em Moçambique na ordem do dia



Vasco Gonçalves na «Sábado»

As nacionalizações «não foram decididas numa noite de loucos, mas sim numa noite de patriotas», sustenta Vasco Gonçalves numa entrevista concedida à revista «Sábado» que sai amanhã. O «Verão Quente» de 1975 foi o «período mais feliz da minha vida», segundo o militar que chefiou quatro Governos provisórios e que defende que, nesse ano, «o poder não estava nas minhas mãos. Na longa entrevista concedida à «Sábado», Vasco Gonçalves recusa-se a «lavar roupa suja», garante que era «excelente» o seu estado de espírito durante o Verão de 75 e recusa-se a aceitar que tenha cometido erros de fundo durante o período em que teve responsabilidades governativas. Vasco Gonçalves considera o mandato de Mário Soares como «um espelho da situação política em que vivemos» e assegura que ainda mantém com o marechal Costa Gomes «relações cordiais».

A FALA COM...

Carlos Encarnação, secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares

A desvalorização do Parlamento começa nos líderes da Oposição

«Os líderes da Oposição não estão cá e, também por isso, o primeiro-ministro só deve vir à Assembleia da República, selectivamente e sem perder aqui o seu tempo de sempre. É mesmo muito duvidoso justificar qualquer alteração regimental que lhe imponha a vinda ao Parlamento semana a semana, ou de quinze em quinze dias».

Com esta afirmação, o secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares deu uma primeira resposta às iniciativas da Oposição tendentes a modificar as regras do plenário da Assembleia da República. À fala com o «Diário de Lisboa», Carlos Encarnação partiu do pressuposto de que é o próprio sistema eleitoral que condiciona a valorização da instância parlamentar. Ele admitiu que o sistema maioritário, ao atribuir maior peso político aos eleitos, valorizaria, em consequência, a capacidade de intervenção política do Parlamento.

Diário de Lisboa - Com o sistema em vigor e os deputados eleitos pelo método de Hondt, não é possível fazer nada para melhorar o funcionamento da Assembleia?

Carlos Encarnação - Antes é preciso dizer que a Assembleia não governa. Quem governa é o Governo e sempre que a Assembleia quis governar, deu-se mal e perdeu prestígio.

DL - Não é isso que a Oposição reclama: ela só pretende dispor de eficácia na fiscalização do Governo...



Carlos Encarnação

CE - Muito bem. Eu também acho que deve fiscalizar e intervir politicamente, deve ser o campo da iniciativa legislativa de grande fôlego, deve ambicionar fazer a lei perfeita. Para isso, nós temos de arranjar maneira de melhorar o seu funcionamento. Mas se virmos bem as funções atribuídas à Assembleia, pelo nosso sistema constitucional, eu entendo que até não está a cumprir mal o seu papel. Isto é: não está a ser ultrapassada pelo Governo.

DL - Nem a ser subalternizada?

CE - De maneira nenhuma. Durante a V Legislatura, a de maioria absoluta do PSD, registámos 393 presenças de membros do Governo no plenário e 527 nas comissões especializadas. A primeira sessão legislativa foi a que teve mais presenças, declinando na segunda para voltar

a aumentar na terceira sessão. No conjunto da V Legislatura, bateram-se todos os records, neste aspecto.

DL - Em que é que o Governo admite colaborar para valorizar o papel do Parlamento, tendo em conta o pacote de alterações ao Regimento apresentado pela Oposição?

CE - É possível fazer alguma coisa quanto à maneira como as ratificações são pedidas e à maneira como elas se esgotam no tempo. O Governo tem manifestado disponibilidade para cá vir quando é interrogado, para responder a interpeleções e participar em debates políticos, como temos feito sempre. Mas não tem que se esgotar nessa actividade diária. Para isso estou cá eu e o ministro dos Assuntos Parlamentares.

DL - O problema não é essa: é a presença regular do primeiro-ministro, uma vez por semana, como acontece na Inglaterra, ou uma vez por mês, que seja, mas com regularidade...

CE - Essa é uma crítica que a Oposição faz. Mas é reversível: o primeiro-ministro tem cá vindo, mas acontece que o líder do PS não está na Assembleia, o líder do PCP também não e o do CDS idem. O único que permanece na sua bancada é Hermínio Martinho, líder do PRD. Para nós, o significado disto é claro: a desvalorização da função da Assembleia começa pelos próprios partidos da Oposição.

Daniel Reis

B R E V E S

Cavaco fala de paz para Angola

É bastante provável que a próxima ronda de negociações entre o Governo de Luanda e a UNITA não crie as condições necessárias ao estabelecimento de um cessar-fogo em Angola, pelo que terá de haver uma nova fase - admitiu ontem Cavaco Silva. Respondendo a uma questão colocada pelo «DL», o primeiro-ministro reafirmou que a terceira fase das conversações decorrerá em Portugal na primeira metade do corrente mês. «As grandes dificuldades surgidas não deverão ser ultrapassadas no próximo encontro», disse o primeiro-ministro. Cavaco Silva referiu, entre outros passos dados, «o conjunto de contactos» que assinalaram os últimos quinze em dias Paris e Rabat, além de Lisboa, para desbloquear o processo de negociações. Depois desses passos, Cavaco Silva ficou com a incumbência de apresentar uma proposta ao presidente angolano. Fê-lo a seu tempo, mandando um emissário a Luanda. A contraproposta chegou terça-feira pelo vice-ministro das Relações Exteriores, Venâncio de Moura. Ontem, Rui Mingas, o embaixador angolano em Lisboa, manifestou-se mais optimista que Cavaco Silva ao acreditar que o cessar-fogo é possível já na próxima ronda de negociações.

Jorge Sampaio faz balanço de seis meses

O presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Jorge Sampaio, fez esta tarde, em conferência de Imprensa, o balanço dos seis meses do mandato da nova equipa camarária que resultou das eleições de 17 de Dezembro de 1989.

Carvalhas e Cunhal em actividade partidária

As duas personalidades mais destacadas do PCP, Álvaro Cunhal e Carlos Carvalhas dedicam-se esta semana às iniciativas do partido. Amanhã, Cunhal estará presente num jantar-convívio que se realiza no terraço do Centro de Trabalho do Hotel Vitória, em Lisboa. No sábado, Carlos Carvalhas fará uma intervenção na «Festa da Terra e do Mar», em Sines, prevendo-se ainda que participe no dia seguinte, na «Festa do Campo», em Montemor-o-Novo.

João Jardim desmente ruptura com Mota Amaral

O presidente do Governo Regional da Madeira, Alberto João Jardim desmentiu ter rompido qualquer pacto com Mota Amaral. Em comunicado, o líder do PSD Madeira acusa «certa imprensa sensacionalista» do Continente por ter anunciado que o chefe do governo madeirense teria quebrado os seus compromissos com o presidente do governo dos Açores, adiando mesmo conflitos pessoais.

FORUM

Diário
de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho
de Administração: António Ruella
Ramos.
Administradores: Maria
do Carmo Ruella Ramos, João
Manuel Ruella Ramos, António Brás
Monteiro e António Gomes
da Costa.
Secretário-geral: Jorge Galamba.

Director Mário Mesquita
Directora-adjunta Diana Andringa

Exerceram anteriormente
a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella
Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David,
Rodríguez da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira,
João Galamba
de Oliveira, José Luís Feronha,
Maria Gulomar Lima,
Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques,
Alves Henriques,
Ana Mafalda Inácio,
Ana Paula Sá, Augusto Vilela,
Carlos Camponez, Céu Neves,
Daniel Reis, Dina Soares,
Duarte Calvão, Elsa Andrade,
Emília Trindade, Ernesto Sampalo,
Fernando Brederode Santos,
F. Dias Brito, Gisela Oliveira,
João Isidro, Jorge Ferreira,
José Rui Cunha (Bruxelas),
Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra
Botinas, Lurdes Féria,
Maria Antónia Martinho,
Maria João Martins, Maria João
Rocha, Maria José Belo Marques,
Marina Tavares Dias, Paulo Martins,
Pedro Alvim, Perela de Almeida,
Rodrigues Borges, Rui Eduardo
Paes, Rui Ferreira e Sousa,
Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes
da Redacção: Alessandra Balsamo,
Daniel Oliveira, Francisco Paraíso,
Isabel Joyce, Jorge Fiallorca
e Roby Amorim.

Cartoonistas: António Alfredo,
Brito e Pedro Palma

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador),
Emelinda Silva, Filipe Veríssimo
e Luís Tenreiro

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António
Carvalho, Jorge Santos,
Óscar Figueiredo e Ricardo
Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador),
António Lima e Maria
Helena Matos

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Cantelero

Redacção, Administração, Publicidade
e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano,
44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 -
Telegramas DIBOA - Telex 12363
DIAROP

- Telefax 3467134. Impresso
na Renascença Gráfica, SA
- Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do
Norte, 115-1ª - 1200 Lisboa
- Telef. 322100/322204/320784.
Delegação Norte: Rua Monte
dos Piões, 326 - Custóias - 4450
Matosinhos - Telef. 9531566
Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço
do jornal: no Continente, 70\$00; na
Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.

O MUSEU DA NÃO VIDA

O vazio tornou-se um grande monstro ruidoso; as cidades, megalópolis de ruído, de incomodidade, de doença, do crime, de sujidade, de mal-estar social, são a imagem de uma civilização que a si própria se ultrapassou pelo niilismo e pela destruição. Negar esta evidência é gerir a autodestruição. Os quilómetros de automóveis em bicha ao fim-de-semana são a prova de que a cidade não é *habitat* possível para ninguém, exceptuando as elites que em qualquer situação, guerra ou fome, gozam sempre de todos os privilégios.

O maior privilégio mundial é hoje o ar puro, a água pura, os dois elementos mais essenciais à vida. O terror que em cada indivíduo provoca a noção de irreversibilidade da destruição do ambiente, tem como contrapartida a inconsciência que a nível dos grandes dirigentes se nota ao colocarem, infalivelmente, à testa das prioridades, o desenvolvimento. O hiper-tecnicismo da linguagem utilizada, os argumentos viciados *ab initio*, deixam o cidadão comum enterrado na sua poltrona sem saber que fazer.

Por outro lado, a civilização dos *bunkers* gerou uma geração de zombies, de seres mecanizados, de abutres do vazio, que só respiram bem tendo à sua volta o esquema da sordidez; o mega-ruído, pedra fundadora desta sociedade; a droga, o necessário meio de anestesia; o terrorismo gratuito dos futebois sanguinários; a cultura enlatada; a doença universal, como ameaça ao próprio circuito de vida, demonstram que a urgência de inverter esta realidade bole já com a própria vida

do planeta.

Os drogados não são os verdadeiros culpados de serem drogados; o sistema que actualmente existe tem uma política global cujo objectivo é o «lucro-destruição». O crime organizado, os próprios incendiários de florestas, são todos eles membros de uma mafia organizada que vive sob a sigla do «lucro-destruição».

O «Mal», visível no dia-a-dia, deixou de ser uma entidade mítica a esconjuram no íntimo do indivíduo ou na penumbra do confessional. O «Mal» já não é uma entidade transcendente, é uma realidade quotidiana. Na verdade, a grande marca desta era, da qual se diz que perdeu o sentido da transcendência, foi a de interiorizar e de «assumir» o «Mal» como algo que é fatal e de convivência obrigatória. O «Mal» respira-se com cada inalação poluída, com cada notícia de massacres por puro prazer.

A insistência dos políticos num discurso salvacionista-optimista, baseado na administração do sistema (do «Mal») choca com o desmentido obsessivo da realidade quotidiana. Um técnico, um dirigente vem dizer que vão ser tomadas estas e estas medidas contra este ou aquele rio morto, e logo a seguir outro rio morto espera, pútrido e sufocante, por outras medidas. Este e aquele deserto queimado tornam-se lugares comuns na paisagem e logo os abutres do «lucro-destruição» avançam. Este e aquele incendiário (um de 14 anos, outro de 16) não podem ser presos porque não são «responsáveis». Este e aquele industrial «não concordam» com as medidas de saneamento dos produtos tóxicos que saem das suas fábricas porque não estavam previstas nos planos, etc, etc.

Como se o «Mal» residisse alhures, bem longe do local onde se encontram, os políticos continuam a utilizar a linguagem dos Anos 60, do progresso unilinear e do desenvolvimento a que agora acrescentam a palavra «integrado». A classe médio-tecnocrática insiste nos valores do consumo, mede os seus teres e haveres em número de automóveis, casas de veraneio, viagens, hotéis de cinco estrelas. A pobreza, que o sistema gera a uma velocidade indecente, é estudada em simpósios e colóquios onde o ar condicionado apazigua os ânimos.

Para além do potencial humano diariamente desperdiçado e embrutecido pelo modelo de uma concorrência baseada no lucro-destruição, a ausência de um horizonte novo, de uma saída para o holocausto banalizado, a falta de um valor universal que faça uma revolução de mentalidades, a insistência num discurso técnico-absolutista, a falência do espírito humanista que foi a base da civilização ocidental, transformam a política mundial na política da morte trivial.

No mundo massificado, o «trivial-assassino» assume-se como um histórico lugar-comum. Um dirigente chinês afirmou que a eliminação física de um milhão de chineses não tinha significado político. Para os ocidentais, a interpretação é que não tinha significado «moral».

Assim como a conversa entre dois apaixonados pode parecer tonta aos que estão de fora da muralha do amor, também o «discurso político», no recinto fechado da ideologia lucro-destruição, para o preocupado

mas impotente *bystander*, assume o patético da *bêtise-egotiste* de que falava Barthes.

Que arma tem o cidadão informado, inteligente, consciente, culto, lido, sensível e honesto contra a funambulesca arrogância do modelo destrutivo, contra a «verdade unívoca» dos detentores da nova ideologia absolutista? Haverá a possibilidade de criar um fórum da inteligência (sem intelectuais travesti) onde se desmascare o sistema globalizante que promete a doce destruição do planeta e da raça humana? Não é apenas a Ecologia, seja como ciência, seja como consciência política organizada, que poderá contravirter a poderosíssima máquina que nos garante a morte e aos nossos filhos e netos. Também não basta dizer «somos todos responsáveis»; é mais uma banalidade a juntar a um maremoto de palavras ocas.

O Poder gera impaciência e esta conselheira unilateral vê apenas interesses imediatos. Os políticos que decidiram lançar a bomba atómica em Hiroxima acharam que procederam muito bem porque «evitaram» milhares de mortes de americanos e europeus.

Os vícios da impaciência conduziram o mundo à beira de um abismo onde as cenas de não-vida são um dado presente em quem tenha tão-só, a imaginação de um verme. O cenário é esse.

O Leste deu aos ocidentais uma lição que parece não estar a ser entendida. As massas embrutecidas e anestesiadas também acordam. O Ocidente precisa de um urgente acordar do torpor da crença milenária da eternidade do planeta. A zona de risco já foi atingida.



Iva Delgado

CARTAS
NA MESA

Sementes de violência

Não é invulgar, aquando de uma partida de futebol em Portugal, deparar com inúmeras bandeiras britânicas e americanas ostentadas pelos adeptos nas bancadas.

Até há bem pouco, era-me perfeitamente incompreensível o significado dessas bandeiras-símbolo das nações anglo-saxónicas, sendo agitados e enrolados à volta de alguns adeptos mais jovens, ao lado das bandeiras dos respectivos clubes e da bandeira portuguesa. Uma «questão de moda», apenas, julgava.

Uma recente reportagem de uma revista francesa cons-

ciencializou-me para a verdade: as bandeiras anglo-saxónicas, hasteadas por «claques» desportivas, são o «símbolo» identificador de todos os «hooligans»... O que, a ser verdade, demonstra que, também por cá, o culto da violência no desporto tem os seus seguidores, contrariando os nossos propalados brandos costumes.

Talvez se tenha reparado nas muitas bandeiras ostentando suásticas e dizeres anti-semitas que os «hooligans» britânicos não se esqueciam de empunhar durante os jogos do Mundial 90 em Itália. Em Portugal, também, há cerca de dois anos, a imprensa dava

conta de um jovem agitando uma pequena bandeira da Alemanha nazi durante uma partida de futebol.

«Fãs» do Real Madrid (em jogo transmitido pela RTP há algum tempo), seguravam bandeiras onde caveiras, suásticas e cruces célticas encimavam dizeres como «White Power» e «Hooligans», assim como as respectivas bandeiras de clube e de Espanha.

Outro factor preocupante: as pichagens dos movimentos de extrema-direita recém-formados em Portugal (Movimento de Acção Nacional, Nova Ordem Social), são - invariavelmente

acompanhadas pelos mesmo símbolos atrás referidos, ao lado de frases racistas e pseudonacionalistas.

É fácil inferir de tudo isto que as sementes de violência da extrema-direita conseguem bons frutos nos adeptos desportivos, devidamente encharcados de álcool, e narcotizados por ideais neofascistas ou neonazis. Adeptos que, tal como tem sucedido na Grã-Bretanha, são bem capazes de cometer as maiores atrocidades nos recintos desportivos, ao mesmo tempo que entoam o hino nacional britânico e canções do III Reich alemão...

De idêntico modo se com-

portam os «hooligans» alemães, holandeses, italianos, franceses e até, mais recentemente, dos países de Leste que, de súbito, apercebem-se da enorme força que a extrema-direita, já liberta da «garra» socialista e internacionalista, pode possuir.

Poderá o mesmo vir a suceder em Portugal? As sementes, essas, já estão plantadas. E o terreno mostra-se fértil, e razoavelmente adubado... E se as sementes desabrocharem...?

Convém estar precavido.

Luís Paulo Henriques,
leitor da Amadora

FORUM

Ponto de vista internacional

por Pedro Palma



A PEÚGA VIDENTE

Media, como devem saber, é uma forma do verbo «medir», e pronuncia-se «mídia», carregando bem no i: Ele media uma canada de vinho, um alqueire de trigo ou metro e meio de altura, por exemplo.

Com aspas ou em itálico, ou mesmo sem nada disso, em palavras como mass-media, multimedia, etc., a palavra pronuncia-se «mídia» ou «médica», depende do gosto do freguês, e aqui já não se trata de medir: o termo, latino, é o plural de «medium», significando «meio de comunicação».

De latim sei pouco, ia porém jurar que «medium» não tem feminino, nesta acepção. Deve ser como em português: meia de comunicação não é feminino de meio de comunicação, tal como porta não é feminino de porto, nem zebra é o feminino de zebro. Antes da tecnologia de ponta, já estava consagrada a asneira «médium» (tanto quanto me lembro, em latim não há acentos), que não distinguia homens nem mulheres. O e a médium foram os antepassados dos mass-media, com larga tradição, que remonta a tempos antiquíssimos. Tal como a tv, que é um medium moderno, tecnológico, o médium também comunica à distância, embora não com milhões de espectadores;

em princípio, com um só, mais raramente, se a sessão dá para o torto (falo por ouvir dizer, nunca assisti), com dois ou três.

Em todo o caso, com acento ou sem ele, a palavra é a mesma, idêntica a função, com a diferença de que o trabalho do médium é, digamos, mais braçal. Mass-media e médium (acho que esta asneira também está consagrada) implicam funções comunicantes rivais, em competição, a primeira linha industrial, a segunda ainda na fase artesanal, apesar de mais velha que a torre da Sé.

Tudo isto para dizer que os tempos mudam, os mass-media influenciam o artesanato, a gramática sofre tais cólicas intestinais, que me apareceu uma «media» como feminino de «médium». Por acaso não foi na tv, meio onde tudo é possível relativamente à linguística. Se um apresentador dissesse trabalhar numa meia de comunicação de massa, eu nem pestanejava, pensando numa nova invenção tecnológica, estilo peúga televisiva ou coisa assim. Quando apareceram os cabos submarinos, houve quem se insurgisse: por que diabo não haviam os alferes e capitães de fazer o servicinho? Tudo, portanto, é possível, mesmo a peúga de comunicação.

Não queria decepcionar ninguém com uma crônica tão auspiciosa em matéria gramatical. A gramática e o futebol são os dois grandes media de comunhão entre

todos ou quase todos os portugueses. Nem a política os une e excita tanto. Para chamar a atenção das grandes massas populacionais, para as exaltar, dar-lhes um choque eléctrico, há só dois estímulos: a ortografia (que é um cisco da gramática) e o futebol (perante o qual as outras modalidades desportivas se reduzem a um cisco). A questão, entretanto, é outra: telefone ou não telefone à media que me deixou o cartão na caixa do correio? Nas caixas do correio, hoje em dia, encontra-se de tudo, até isso: uma meia de comunicação. E logo agora, que o calor aperta! Mas não brinquemos, o assunto reveste-se da máxima seriedade metafísica.

Apetecia-me telefonar, só a gramática e a timidez me paralisam. Porque os meus problemas, aqueles que a media me podia resolver, são literários. Em primeiro lugar, gostava de saber que ectoplasma anda por aí a despejar cartas anónimas em tudo quanto é caixa de correio. Depois, precisava de um remate para um livro, nada porém que acertasse na baliza, pois isso é o mínimo que se pode esperar. Nunca percebi qual a transcendência dos golos, só significam que a bola entrou onde se esperava que entrasse. E depois? Não é para isso que

está ali um exército de matulões? Nem um remate casamenteiro, as personagens são incansáveis, a menos que peça alguma dispensa ao Papa. Também não me serve matar toda a gente, isso é um servicinho ainda mais a despachar do que enfiar uma bolita numa balizona.

Só a media me podia valer, mas como hei-de confiar nela se é só «media-vidente» (assim consta no cartão de visita), o que, trocado por miúdos, dá meia-vidente? Vidente por vidente, ao menos que esteja inteira, ou seja original a ponto de usar uma peúga para sondar os mistérios do futuro.

Sou uma céptica, talvez. Céptica e elitista. Basta pensar nos três pastorinhos para ver que a Virgem não precisou de chamar Umberto Eco, nem Shakespeare, nem Sar-amago, para lhes ditar as suas profecias, na certeza de que sairiam escritas sem penal-ties gramaticais. A terceira profecia está

posta por escrito, não é verdade? Custava de ler. Eu devia ser mais humilde, confiar na capacidade poliglota da Virgem, na competência ortográfica dos pastorinhos, e, por extensão, na sublimidade literária da minha peúga-vidente. Pondo o orgulho de lado, vou telefonar a marcar consulta. E logo se verá.



Maria Estela Guedes

Subitamente no Verão passado (I)

UMA ARAGEM POLACA

Subitamente, no Verão passado, tudo mudou para nada ficar como dantes. Sem espírito de polémica, é possível registar o Verão de 1989 como o momento de viragem que marcou o princípio das transições post-comunistas na Europa Central — as revoluções reformistas, ou «refolucões», na fórmula de Timothy Garton Ash — bem como a aceleração decisiva das mudanças internas na União Soviética, sobretudo com a emergência dos movimentos nacionalistas.

É certo que esta viragem radical não teria sido possível sem as prévias alterações que as políticas de Mikhail Gorbachev imprimiram às regras do jogo nas relações entre a URSS e os restantes membros do Pacto de Varsóvia, ou fora do quadro da *perestroika*. Todavia, seria um erro não ter em conta que essas medidas são, por sua vez, inseparáveis da crise política na União Soviética — o regime totalitário secara, ao cabo de vinte anos de forçada imobilidade interna — e da resistência contra a dominação comunista e soviética, designadamente na Europa Central e Oriental. Esta persistiu, em crescendo, enquanto o centro imperial recuava gradualmente nas suas respostas: em 1953, em Berlim, ou em 1956, na Hungria, a intervenção soviética foi de uma extrema violência, que não se repetiu durante a intervenção do Pacto de Varsóvia em Praga, em 1968, e na Polónia, em 1981, não chegou a haver uma intervenção externa directa.

Por outro lado, a meio do ano passado, apesar da capacidade soviética de controlo sobre os seus aliados formais estar a perder terreno — tanto na Hungria como no extremo

oposto ocupado pela RDA e pela Checoslováquia — não eram ainda claros os resultados de uma primeira fase de mudança. Sobretudo, não se podia excluir que a estratégia clássica de «renovação» comunista, trocando a velha guarda pelos *similes* de Gorbachev na direcção dos regimes comunistas europeus, viesse a prevalecer sobre os ventos ocidentais. Era tanto mais assim quando, como uma excepção, em nenhum desses países existiam forças de oposição política ou social organizadas.

A excepção era, tipicamente, a Polónia, onde oito anos de lei marcial não tinham bastado para destruir o *Solidarnosc*. Foi aqui que começou a segunda fase do processo de mudança, a transição post-comunista, que assinala o fracasso das estratégias de liberalização dos regimes totalitários.

Todas as datas são boas e más para se fixar um momento histórico. O dia 2 de Agosto de 1989 não é pior do que os outros marcos possíveis: é a data da nomeação do general Kiszczak, o ministro da lei marcial, como primeiro-ministro da Polónia. Esta nomeação era, ao mesmo tempo, lógica e irracional. Lógica, na medida em que assegurava a continuidade do regime e porque os comunistas eram, formalmente, o partido maioritário no parlamento polaco, desde antes das eleições de Abril. Irracional, porque o *Solidarnosc*, embora minoritário no *Sejm*, tinha ganho essas eleições, obtendo todos os mandatos livremente disputados menos um. Os resultados das eleições, que se seguiam a um acordo entre o regime e a oposição que garantia aos comunistas uma quota maioritária na câmara baixa, tinham surpreendido todas as partes e punham em causa os compromissos

anteriores.

Lech Walesa respondeu à nomeação do general comunista declarando não estar disposto a admitir essa ficção parlamentar — a maioria comunista era apenas uma maioria aritmética — e indicou ser necessário formar uma coligação maioritária entre o *Solidarnosc* e os partidos democrático e camponês, os antigos *compagnons de route* dos comunistas. O primeiro-secretário do partido comunista invocou imediatamente o risco de uma intervenção soviética perante tal heresia, mas Moscovo limitou-se a dizer que considerava a posição de Walesa «contra os princípios da democracia parlamentar» — matéria na qual os soviéticos têm uma experiência incontestável. Uma semana depois, o presidente polaco, general Jaruzelski, nomeava um dos candidatos apresentados pelo *Solidarnosc*, Tadeusz Mazowiecki, como primeiro-ministro, e a sua decisão foi prontamente ratificada pelo parlamento, com os votos da maioria dos deputados comunistas, que assim se submetiam, fatalmente, à legitimidade do sufrágio eleitoral.

Em si mesmo, este acto assinalou a mais radical das mudanças na Europa Central desde a morte de Estaline. Apesar de três generais comunistas ocuparem a chefia do Estado e os ministérios da defesa e do interior, a Polónia passara a ter um primeiro-ministro que não só não era um comunista como fora imposto pela oposição, na sequência de eleições parcialmente livres, sem que tal provocasse a intervenção da URSS, cujos dirigentes logo

manifestaram a sua disponibilidade para trabalhar com Mazowiecki.

Bronislaw Geremek, dirigente parlamentar do *Solidarnosc*, resumiu esta mudança inesperada, dizendo-se chocado pela sua facilidade, pelo modo como «o drama dos últimos quarenta anos foi afastado por uma mera aragem». Naturalmente, as dificuldades mal começavam: a Polónia iniciava a transição com uma severa crise económica e uma fórmula política anómala, em que o partido do poder deixara de existir e fora substituído por uma constelação heterogênea cuja unidade dependia da coesão improvável de um movimento sindical de oposição tornado, sem se transformar, partido governamental.

O mais importante, porém, estava feito. O mais clássico e prosaico dos mecanismos políticos, as eleições, e a imposição dos seus resultados arruinaram o regime comunista, cuja sobrevivência não era compatível com o princípio da legitimidade democrática num quadro de pluralismo político. Nos meses seguintes realizaram-se eleições em todos os países da Europa Central e Oriental, excepto na Albânia. E em todos os países da Europa Central essas eleições deram a vitória às forças da oposição e marcaram o fim dos respectivos regimes comunistas: nesse processo completou-se, *grosso modo*, a segunda fase da mudança, a «revolução» de 1989-1990.

O que tão depressa se tornou tão óbvio e natural não era, à partida, inevitável. Foi preciso ter a coragem de dar o primeiro passo, que tornou banal o que antes era impossível.



Carlos Gaspar

GENEALOGIAS DA ACTUALIDADE

AS OPACIDADES DA TRANSPARÊNCIA

Estamos de saúde quando esquecemos — F. Nietzsche, *A Gaia Ciência*.

A transparência tornou-se, no mundo actual, um valor da linguagem e da acção, aliás tanto mais invocado e exigido quanto mais se assiste diariamente, por toda a parte, à instauração de procedimentos pouco claros.

Entre os efeitos perversos da sociedade transparente da informação generalizada conta-se cada vez mais o da corrupção. De facto, quanto mais as fraudes que envolvem largos e influentes sectores políticos e financeiros se revelam aos quatro ventos, mais proliferam como erva daninha. Uma fraude revelada esconde quase sempre uma infinidade de outras, a ponto de acabarmos por suspeitar de que a transparência se tornou numa cortina de fumo destinada a ofuscar os verdadeiros processos de corrupção e a deixá-los proliferar impunemente.

A transparência está intimamente associada à instauração de uma sociedade mediática. Ao revelarem em permanência e instantaneamente os acontecimentos que ocorrem no

mundo, à medida que vão ocorrendo, os *media* são os grandes reveladores da totalidade da história presente. É por isso que costumamos dizer que são uma janela aberta para o mundo.

Mas os *media* não se limitam a dar e a ver ou a revelar os acontecimentos. Esta função imediata serve apenas de pretexto para a sua autêntica função, a função mediática. A verdadeira função dos *media* consiste, antes de mais, num processo de constante recentralização de todas as margens da sociabilidade, situadas na periferia e para além do horizonte do mundo da vida. Eram estas margens que, no passado, escapavam à visibilidade social, uma vez que não podiam ser compreendidas dentro da lógica unitária da razão iluminista que ditava os valores e as normas comuns.

A crise que, desde os finais do século XIX, se abateu sobre os valores da razão progressista teve como consequência a neutralização das oposições entre o centro e as periferias, assim como a ultrapassagem do horizonte que servia de referência ao mundo comum. É por isso que Gianni Vattimo pode agora dizer: «Ao mesmo tempo que cai a ideia de uma racionalidade central da

história, o mundo da comunicação generalizada estala numa multiplicidade de racionalidades 'locais' — minorias étnicas, sexuais, religiosas, culturais ou estéticas — que tomam a palavra, ao deixarem de ser, finalmente, silenciadas e reprimidas pela ideia de que há uma só forma verdadeira de realizar a humanidade, em detrimento de todas as particularidades, de todas as individualidades limitadas, efémeras e contingentes.» É desta função de tornar visível, transparente, tudo aquilo que, até há pouco tempo, permanecia escondido que se alimenta o próprio campo dos *media*. Este ideal de transparência confere uma espécie de mais-valia à história do presente que revelam, sob a forma de efeitos de espectacularidade e de sedução. São estes efeitos que servem de armas à sua estratégia informativa.

Aquilo que da nossa experiência escapa à visibilidade permanece sempre como um resto excessivo, irreduzível às palavras e aos comportamentos que a comunicam e a fazem assim transparecer. É esse resto indizível que, no fundo, mantém viva a memória e configura o horizonte do nosso mundo singular da vida. No entanto, o

trabalho mais constante da memória não consiste na recordação, mas no esquecimento destas marcas excessivas da experiência, de modo a libertá-la e a torná-la disponível para a fruição do presente. De facto, quanto mais espessa e carregada for a memória do passado, menos disponíveis estaremos para investirmos no presente os nossos desejos e os nossos projectos. Há, por conseguinte, uma íntima relação entre o esquecimento deste excesso indizível do passado e a transparência do presente. A opacidade, por seu lado, sempre esteve associada a uma estratégia de revelação daquilo que se pretende fazer esquecer, mas que teima em permanecer vivo na memória a deixar-se traír pelas marcas do presente. É, aliás, este o sentido daquilo a que chamamos a tradição.

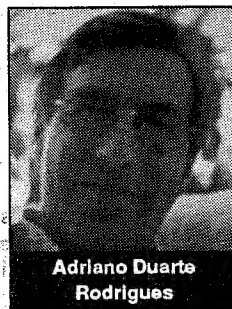
Joga-se nesta relação entre a transparência e a opacidade uma das questões mais curiosas e insolúveis da aporia lógica. Como podemos reconhecer que uma coisa é dissimulada ou está escondida se não for já de algum modo visível? Como

podemos dizer que algo é transparente se não a re-ferirmos ao véu que no-la dissimula?

Como a pretensão de uma transparência generalizada, tal como a sociedade mediática propõe, todo o passado tende a tornar-se excessivo e a ser, assim em bloco, votado ao esquecimento. Deste modo, é o próprio horizonte do presente que se retrai até se concentrar numa linha tênue, ficando, assim, configurado sob a forma de uma mera estratégia informativa.

Ao retraimento actual do horizonte do presente corresponde precisamente esta coincidência das múltiplas racionalidades locais de que fala Gianni Vattimo, a superação da oposição entre o centro e as margens da sociabilidade, assim como a neutralização da própria antinomia entre a visibilidade e a invisibilidade.

Encontramo-nos hoje perante «um interior que não corresponde a nenhum exterior e um exterior que não corresponde a nenhum interior», como, a propósito, dizia Nietzsche, na *Segunda Consideração Intempes-*



Adriano Duarte Rodrigues

INTERNACIONAL

Sofrimentos da família socialista espanhola

Aquece a luta dentro do PSOE

«No seio do Governo espanhol existem essencialmente duas concepções de socialismo democrático. Uma delas mostra-se disposta a assumir a fundo as consequências de uma social democracia moderna e que optou por aceitar as realidades da economia de mercado. A outra é dominada pelo oportunismo de esquerda, que não segue nenhuma linha política clara mas pretende reivindicar uma posição à esquerda da própria esquerda, acentuando os aspectos populistas e demagógicos».

O ministro espanhol da Cultura, Jorge Semprun, é conhecido pela sua franqueza. No entanto, as suas violentas declarações, no passado domingo, ao jornal «El País» não foram suficientes para agitar o pequeno mundo político madrilenho. Permitiram, porém, confirmar que as opiniões no seio do Governo espanhol estão longe de ser consensuais. E tudo leva a crer que a batalha irá intensificar-se de agora e até ao Congresso do PSOE, no próximo Outono, e que se anuncia já como um dos mais movimentados de sempre.

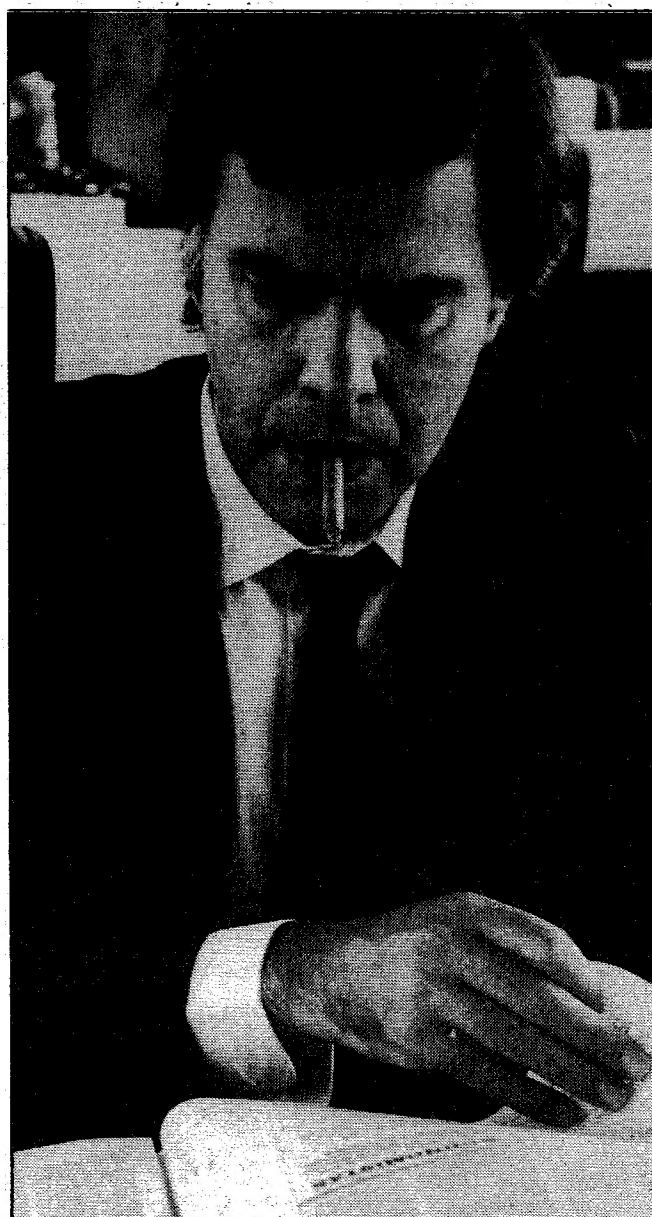
Mais achas para a fogueira

É verdade que Semprun não disse quem eram exactamente estes «oportunistas de esquerda». Mas sabe-se que se trata de uma clara alusão ao número dois do partido e do Governo, o todo poderoso vice-presidente do Governo, Alfonso Guerra. Um homem considerado intocável ainda há bem pouco tempo, mas que tem sido ultimamente alvo de críticas cada vez menos veladas.

Em Junho último, o ministro da Economia, Carlos Solchaga, também ele conhecido pelo seu discurso directo, deitou algumas achas à fogueira ao qualificar publicamente de monolítico o principal órgão da direcção do PSOE, estreitamente controlado por Alfonso Guerra. Vários membros do gabinete do vice-presidente do partido vieram em seu socorro, qualificando as declarações do ministro da Economia como um abuso de linguagem e afirmando que a direcção do partido não é monolítica, mas simplesmente... homogenea.

«Tecnocratas» e «populistas»

Subtilezas semânticas à parte, é hoje claro que duas tendências se defrontam no seio da direcção socialista.



... preocupações de Felipe Gonzalez...

A primeira é representada por Solchaga e o grupo de tecnocratas socialistas que modernizaram a Espanha nos últimos anos, no sentido de a preparar melhor para o desafio europeu. Não hesitaram, por isso, em romper com alguns dogmas tradicionais da sua formação e promover o seu aggiornamento político.

Esta tendência encontra-se no entanto confrontada com as reticências de Alfonso Guerra e do «aparelho» do partido, preocupado em manter contra ventos e marés o discurso populista de outrora. Um discurso cada vez mais desfasado, aliás, da política moderada seguida pelo PSOE desde a sua chegada ao Poder. Não é por acaso que Alfonso Guerra, o guardião do templo, tem sido tradicionalmente encarregado de fazer reinar a ordem e a disciplina no seio do partido, que controla de maneira quase leninista.

Este confronto, assumido publicamente, dura já há algum tempo. Mais exac-

tamente, desde a greve geral que paralisou a Espanha em Dezembro de 1988, considerada uma das provas mais difíceis que o Governo socialista teve de suportar.

O aparelho em revolta

Profundamente afectado pelo êxito do movimento grevista, o primeiro-ministro Felipe Gonzalez chegou a pôr a hipótese de demitir-se e ceder o lugar ao ministro da Defesa, Narcis Serra, um dos dirigentes da ala «modernista» do socialismo espanhol.

Se Felipe Gonzalez acabou por mudar de opinião e manter-se no comando, não conseguiu, porém, evitar uma rebelião sem precedentes no seio do «aparelho» do PSOE.

Este só muito dificilmente poderia admitir que uma decisão tão importante como a demissão de Felipe Gonzalez fosse tomada sem que os órgãos do partido fossem consultados. Os dirigentes partidários, que sentiram o poder a escapar-se-lhes, em

favor do Governo, encontraram no seu seio um aliado: Alfonso Guerra, também ele inquieto com a crescente força dos «tecnocratas».

A batalha entre as duas correntes arrastou-se durante todo o ano de 1989 e rebentou no início deste ano com o «escândalo Juan Guerra», o irmão do vice-presidente do partido, acusado de tráfico de influências. O caso viria a afectar seriamente Alfonso Guerra que, agora, se via acusado de ter fechado os olhos sobre os negócios de um seu parente próximo.

Denominador comum

Vários ministros criticaram abertamente a maneira como Alfonso Guerra se defendeu perante o Parlamento. Com efeito, o vice-presidente contentou-se de ameaçar os seus mais directos críticos, deixando entender que dispunha também de informações susceptíveis de os comprometer. Apesar de uma clara perda de velocidade, Alfonso Guerra conseguiu, porém, recompor-se de uma maneira espectacular, impondo, contra a vontade da maioria do seu gabinete, o candidato do «aparelho» às eleições regionais da Andaluzia, em Junho passado, e obtendo excelentes resultados eleitorais.

Os confrontos assumiram desde então os contornos de uma verdadeira luta pelo Poder. Uma luta na qual Felipe Gonzalez, considerado uma figura mais do que nunca necessária como denominador comum entre as diferentes correntes no seio do partido, se tem absteído de intervir. A escolha é difícil para Gonzalez que parece não pretender distanciar-se de Alfonso Guerra, com quem fez a sua carreira política e a quem o liga uma sólida amizade. Mas Gonzalez não pode igualmente ignorar que o prestígio de que goza actualmente no estrangeiro a Espanha socialista se deve em grande parte à acção dos «tecnocratas» do seu Governo.

O líder socialista espanhol (que já deu a entender que esta seria o seu último como chefe do Governo) poderá ser forçado a definir-se no próximo Congresso do partido. Caso contrário arrisca-se a que o período «pós-Gonzalez» fique marcado pelo selo das lutas intestinas no PSOE.

Thierry Mallinak
Exclusivo «DL»/
Le Monde

B R E V E S

Gorbachev e Ieltsin chegam a acordo sobre economia

Mikhail Gorbachev e Boris Ieltsin, presidentes da URSS e do Parlamento da Federação russa, chegaram a um acordo quanto à formação de grupos de especialistas encarregados de preparar as bases da transição para a economia de mercado na URSS. O pacto Gorbachev/Ieltsin assinala uma segunda etapa da «Perestroika» em que as reformas económicas serão desvinculadas do aparelho do PCUS. Ainda não é conhecida a composição dos grupos de especialistas mas segundo a agência independente «interfax» eles deverão integrar o conselheiro económico de Gorbachev, Nikolai Petrov, o vice-chefe do Governo russo G. Yavlinski e o autor do programa económico da Rússia e ministro das Finanças da república Boris Fiodorov.

«O Estado grego está falido»

Segundo afirmou o Primeiro-Ministro grego, Constantine Mitsotakis, a economia daquele país está numa confusão e o Estado está falido. Mitsotakis, chefe do primeiro Governo conservador na Grécia desde 1981, fez estas afirmações no final de uma reunião do Conselho de Ministros, respondendo nesses termos à discussão de sindicatos e outras associações de trabalhadores sobre as reformas a introduzir na segurança social e nas pensões. O Primeiro-ministro corroborando as suas explícitas afirmações aconselhou ainda as associações de trabalhadores a «abandonar a política de auto-ilusão».

Último dia de conversações Chevarnazde/Baker

O ministro dos negócios Estrangeiros da URSS, Eduard Chevarnazde, e o secretário de Estado norte-americano, James Baker, entram hoje no seu segundo e último dia de conversações. Após terem discutido os armamentos estratégicos, as relações bilaterais e iniciado a análise dos conflitos regionais, Baker e Chevarnazde discutirão as negociações de Viena sobre armamentos convencionais na Europa.

Bolonha paraliza em memória do atentado de 1980

A cidade de Bolonha, no Norte da Itália, paralisará durante hoje durante três horas em memória do atentado de 2 de Agosto de 1980 na sua estação de caminhos de ferro que causou 85 mortos e 200 feridos. Quase todas as empresas públicas e privadas vão paralisar entre as 9h00 e as 12h00, enquanto outras suspendem o trabalho por cinco minutos a partir das 10h25, hora em que se registou o atentado de terroristas da extrema-direita.

Maus maridos ingleses irão para a cadeia

O vice-ministro do Interior da Grã Bretanha, John Patten, anunciou que os ingleses que maltrataram as mulheres ou namoradas serão, a partir de agora, tratados como qualquer outro «agressor sujeito a pena de prisão. Ao anunciar esta medida inédita, Patten afirmou que a violência no lar não se distingue de qualquer outro tipo, salientando que agredir o conjuge é um crime como qualquer outro.

URSS reduz número de generais e almirantes

O general Mikhail Moisseiev, chefe do estado Maior General das Forças Armadas, anunciou que a URSS irá reduzir em 30 por cento o número de generais e almirantes das Forças armadas daquele país. A decisão, que se tornará efectiva ainda este ano, insere-se no contexto da proposta apresentada pelo Governo soviético e que prevê a redução em 500 mil efectivos do exército soviético, integrado por cinco milhões de soldados. A decisão soviética vem na sequência da iniciativa semelhante dos EUA que vão substituir 78 generais e almirantes, ou seja, 50 por cento dos cargos dos oficiais-gerais do aparelho central do Departamento de Defesa norte-americanos, por peritos civis.

Fralda anti-violação leiload

Em Itália os inventores de uma fralda anti-violação decidiram levar a leilão a patente de fabricação doando o dinheiro que conseguirem juntar ao desenvolvimento de programas de luta contra a SIDA.

QUOTIDIANO

Incêndio na Guarda fez parar comboios

Um grande incêndio florestal registado na noite de ontem na zona de Porto de Carne (Guarda) obrigou à interrupção da circulação ferroviária na linha da Beira Alta durante cinco horas. O sinistro foi considerado controlado pouco antes da meia-noite, depois de ter consumido mais de dois mil hectares de mato, pinhal, floresta, soutos, searas, arrecadações agrícolas e culturas na região sobranceira ao Vale do Mondego.

Segundo uma fonte dos bombeiros da Guarda contactada esta manhã pelo DL, encontravam-se ainda no terreno duas brigadas para fazer o rescaldo e exercer vigilância. «A hora de maior perigo vai viver-se ao meio-dia e no período que se segue, quando a temperatura é mais alta, com a possibilidade da reactivação das chamas nos locais em que o rescaldo ainda não foi feito», disse a referida fonte.

A população da área sinistrada acudiu em massa ao combate às chamas que, segundo os bombeiros, atingiram, em determinados locais, mais de 20 metros de altura. O incêndio lavrou em Porto da Carne, Rocamonde, Avelãs de Ambom e Sobral da Serra.

Foi afectada a circulação de comboios especiais de emigrantes, inter-regionais e de ligação à fronteira de Vilar Formoso, que ficaram temporariamente retidos. As comunicações entre as estações da CP da região e as restantes gares na linha da Beira Alta foram interrompidas devido à destruição de postal-etes e de cabos.

O fogo foi combatido por cerca de centena e meia de bombeiros das corporações da Guarda, Gonçalo, Soito, Sabugal, Pinhel, Trancoso e Meda, auxiliados pelas populações. Não se registaram vítimas.

B R E V E S

Tinturaria poluidora vai ser encerrada

A tinturaria de Celorico de Basto cujas descargas poluentes causaram ontem um protesto dos agricultores da zona, é encerrada hoje, anunciou o secretário de Estado do Ambiente, Macário Correia. A operação está a cargo dos Serviços Hidráulicos do Douro, ao abrigo da lei da qualidade da água. A medida é designada «sanção acessória», prevista para casos graves de poluição. A tinturaria descarregava constantemente poluição altamente tóxica equivalente à de vários milhares de pessoas. Não dispunha de licença de laboração, nem de descarga de efluentes. Os agricultores de Celorico de Basto que tinham organizado um protesto contra a laboração da tinturaria desbloquearam, ao princípio da tarde de ontem, a Estrada Nacional 206.

Médicos criticam fecho de maternidade

O Sindicato dos Médicos da Zona Sul criticou, esta manhã, a decisão do ministro da Saúde em extinguir a Maternidade de Santa Bárbara, do Hospital de S. José. Em conferência de imprensa, dirigentes daquele sindicato teceram duras críticas à política do Ministério da Saúde.

Duas viaturas ligeiras foram surpreendidas por um pesado, quando seguiam na sua mão, na auto-estrada do Norte

Despiste de camião provoca seis mortes

Seis pessoas, cinco das quais da mesma família, morreram ontem à tarde, às 16,35 na auto-estrada do Norte, quando um camião-cisterna despistado abalroou os automóveis em que circulavam. Do acidente resultariam ainda três feridos graves.

Os automóveis ligeiros, um Fiat Tipo de matrícula portuguesa UG-65-70, adquirido recentemente, e um Ford Orion de matrícula francesa 8624 HD 33, circulavam no sentido Sul-Norte e o veículo pesado, matrícula ET-88-33, em sentido inverso.

Segundo a GNR, o camião-cisterna, por motivos ainda desconhecidos, galgou o separador central da auto-estrada e foi embater nos dois ligeiros.

No primeiro viajavam Fernando Alberto Proença Martins, de 40 anos, casado, Maria José Cerqueira Martins, Hélia Margarida Cerqueira Martins, João Armando Proença Martins e

Pedro Fernando Proença Martins, residentes em São José, Viseu, que faleceram, bem como Ana Rosa Gomes Tilot, de 23 anos, que seguia na segunda viatura.

Ficaram gravemente feridos António Gomes, a mulher Ana Rosa Gomes e a filha de um ano de nome Cecília, que viajavam no carro francês conduzido por Christophe Tilot, marido da Ana Rosa, que escapou ileso.

A Brigada de Trânsito da GNR admite, em princípio, que o acidente se tenha ficado a dever a falha mecânica, mas só a leitura do tacógrafo permitirá determinar a verdadeira causa.

Os automóveis ficaram praticamente destruídos, obrigando os bombeiros a recorrer a equipamento de desencarceramento para retirar dos destroços os mortos e os feridos.

O condutor do camião-cisterna nada sofreu no acidente. Entretanto, o primeiro-

ministro fez ontem um apelo aos automobilistas para que conduzam com mais prudência e respeito pelos outros, de forma a reduzir-se o número de 2.300 mortos/ano em acidentes de trânsito.

«Neste tempo de férias, era bom que todos pudessem gozá-las em decanço e tranquilidade», disse Cavaco Silva, que salientou o facto de a maioria dos desastres mortíferos ocorrerem em boas estradas, inclusivamente em rectas e com boas condições de tempo.

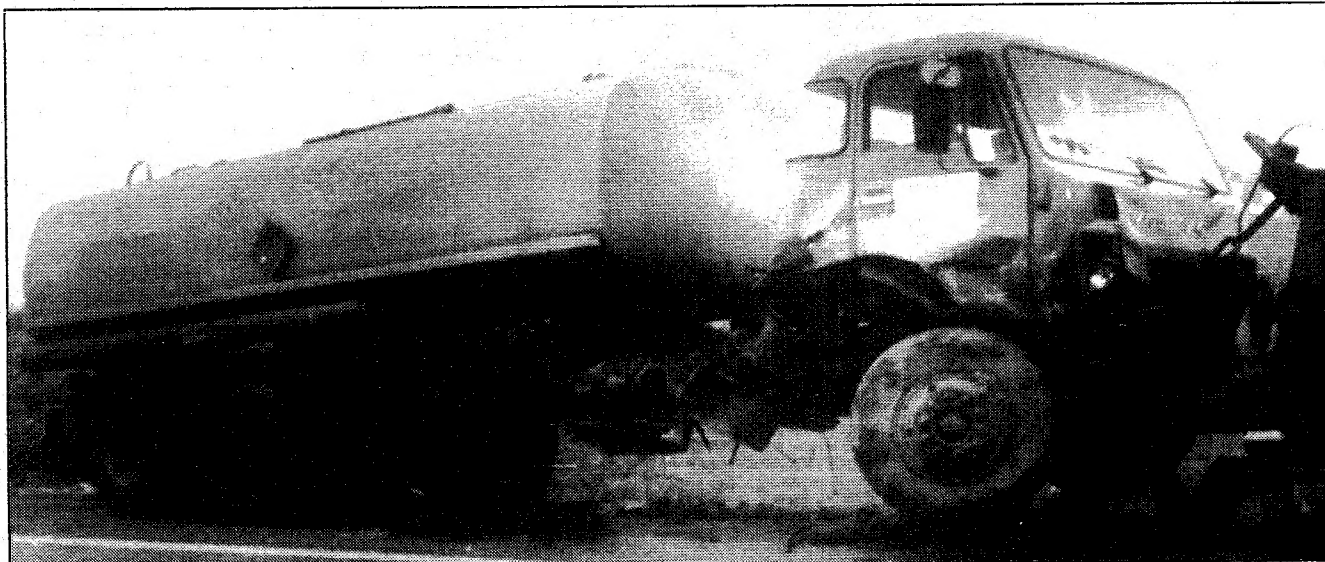
O apelo do primeiro ministro teve lugar durante uma visita ao comando da Brigada de Trânsito, efectuada ontem, início de Agosto, período tradicionalmente mais exigente para a Brigada devido ao início de férias da maior parte da pessoas.

Cavaco Silva revelou que vão ser investidos um milhão de contos em reequipamento e material diverso,

entre ele helicópteros para substituir os que em Março deste ano foram abatidos ao efectivo por limite de tempo e uso, e anunciou a mudança da Brigada de Trânsito das Janelas Verdes, em Lisboa, para o Fogueteiro, na margem Sul do Tejo, havendo já um estudo prévio para a construção do novo quartel.

Entretanto, e como se previa, o «êxodo» de férias começou na terça-feira, último dia de Julho já a cheirar a Agosto. De tal forma que, ao fim da manhã desse dia, registou-se uma fila de 11 quilómetros de automóveis a Norte da ponte de Alcácer do Sal.

Terça-feira à tarde as saídas de Lisboa começaram a congestionar-se com os que quiseram ganhar mais um dia de férias, nem que para isso tivessem de levar o carro já carregado de malas para o emprego e pedir ao chefe autorização para sair um pouco mais cedo.



O camião-cisterna que abalroou as duas viaturas ligeiras, perto da Mealhada

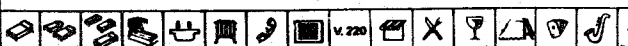


ESPECIAL FÉRIAS/90 no HOTEL DO PARQUE VIANA DO CASTELO COSTA VERDE

☆☆☆☆☆ O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		OUT.	AGO.SET.
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Saída sábados	15 900\$00	18 975\$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950\$00	22 925\$00

• Peq. Suplemento p/ocupação single.
• 1 a 31 de Agosto supl.: 1250\$00/dia/quarto, em qualquer modalidade.
Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telex (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.



BIS - BORRACHAS INDUSTRIAIS, SARL

FÁBRICA DE ARTEFACTOS DE BORRACHA

FUNDADA EM 1931

RUA JOÃO DE DEUS — VENDA NOVA
2700 AMADORA

CONVOCATÓRIA

Nos termos dos Estatutos e da Lei, convoco a Assembleia Geral Anual da BIS - BORRACHAS INDUSTRIAIS, SA para reunir na sede social, Rua João de Deus, Venda Nova, Amadora, no dia 05 de Setembro de 1990, pelas 10 horas, com a seguinte ORDEM DE TRABALHOS:

1. Deliberar sobre o relatório de gestão, balanço e contas do exercício de 1989;
2. Deliberar sobre a proposta de aplicação de resultados;
3. Proceder à apreciação geral da administração e fiscalização da sociedade;
4. Discussão de proposta de alteração da composição do Conselho de Administração. Eleição de novos membros.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,
Almiro Gaspar Marques

TERAPEUTAS

PRECISAM-SE

CENTRO DE FISIOTERAPIA E REABILITAÇÃO — CEBI

RESPOSTA: R. Estação-94

2615 Alverca

Morte por cancro galopa em Portugal

O director do Instituto Português de Oncologia (IPO) do Porto, Guimarães dos Santos, previu, em declarações ontem feitas, que «a morte devido a doença de cancro vai continuar a aumentar em Portugal apesar de ainda termos a mais baixa taxa de incidência de cancro na Europa».

Este responsável estimou em 18.700 o número de mortes de portugueses, por cancro, no presente ano. A afirmação baseia-se numa projecção efectuada pela primeira vez no nosso país, através de dados do Instituto Nacional de Estatística, pelo Departamento de Estudos e Planeamento da Saúde e ainda dos registos oncológicos regionais.

Estes dados, da responsabilidade do IPO do Porto, representam, segundo o citado cirurgião, um aumento de 8,6 por cento da mortalidade por cancro relativamente a 1989. Para Guimarães dos Santos, «o conhecimento desta projecção assume importância relevante em termos de planeamento de saúde, sobretudo porque terá que ser ponderado à luz dos progressos realizados em Portugal nas vertentes da luta contra o cancro».

O director do IPO manifestou assim a opinião da inevitabilidade de Portugal vir «a alcançar a breve prazo as taxas europeias, que quase duplicam a registada entre nós e que se situa em 183 mortes por cada cem mil habitantes apesar das medidas preventivas que se estão a tomar».

«É cada vez maior a dimensão oncológica dos serviços de saúde, o que justificou o lançamento pelo Governo de um Plano Oncológico Nacional capaz de colmatar não só as carências actuais, mas as necessidades previsíveis face aos factos citados», observou o clínico.

Afirmou ainda: «Não nos podemos esquecer que o cancro é a segunda causa de morte em Portugal, apenas excedida pelas doenças cardiovasculares, cuja incidência está a diminuir nos países mais evoluídos, em contraste com o cancro, que está a aumentar, apesar das medidas preventivas que estão a ser desenvolvidas». Salientou que «aplicando-se todos os conhecimentos de que dispomos para a luta contra o cancro, poderemos curar dois terços dos doentes oncológicos».

Estado desqualifica licenciados em Política

Cursos superiores não têm categoria equivalente nos quadros da Função Pública

Em Portugal é assim: o Estado dá, o Estado tira. Cria alguns cursos com grau de licenciatura, mas, depois, atribui aos seus licenciados uma categoria inferior no quadro da Função Pública. Ou seja, integra-os na carreira de técnicos, ao nível dos cursos médios. No fundo, não reconhece a licenciatura por ele conferida. Falamos de alguns casos já conhecidos, e mais especificamente dos formados em Política Social, pela Universidade Técnica de Lisboa, aos quais ninguém sabe muito bem onde os há-de colocar. Se até há bem pouco tempo este problema não se punha - dado o curso existir apenas há dez anos e licenciados só há seis -, agora, é tanto mais grave quando, as pessoas em causa, vêem as suas possibilidades cortadas, em serviços do próprio Estado, por serem licenciadas em política social. Durante estes anos, foram encaixadas, sobretudo, nos Centros Regionais de

Segurança Social e noutras instituições particulares, como técnicos de Serviço Social. Agora, é-lhes dito que não podem ocupar tais vagas. Mas, também, ninguém sabe, ou os informa, dos lugares que lhes são destinados.

Desculpem por ser doutora

Em 1984, T. - vamos chamar-lhe assim - faz o 12º ano e concorre ao Ensino Superior, submetendo-se ao método dos numerus clausus. O curso de Serviço Social, da Universidade Técnica de Lisboa, foi a sua primeira escolha. Considerava que era esta a área, para a qual se sentia verdadeiramente vocacionada. Entrou e no acto da matrícula informam-na que a designação de Serviço Social foi alterada para Política Social, mas que ficaria habilitada a exercer funções no campo da acção social, quer a nível directo ou de planeamento e gestão da política social de qualquer organismo.

O curso de Serviço Social do ISCSP, criado pelo Governo de Sá Carneiro, através do Decreto nº 29/80, de 17 de Maio, passou, assim, a designar-se por Política Social, ao abrigo da Portaria nº 514/84, de 31 de Julho,

assinada pelo então ministro da Educação, José Augusto Seabra.

«A licenciatura em Política Social destina-se a preparar para o exercício de funções qualificadas: nos organismos de Assistência Social; nos do sistema de previdência e segurança social; nos serviços do Estado e das Autarquias, com responsabilidades na área da acção social e nos serviços de pessoal das empresas» - refere um documento do Instituto.

Do currículo constam quatro anos de curso, onde se integram cerca de 30 disciplinas - um estágio e a apresentação de um relatório final, sem o qual não lhes é atribuído o diploma.

Quatro anos depois, T. consegue a licenciatura e, desde aí, tem vindo a desempenhar funções de técnica de serviço social, mediante o sistema de prestação de serviços. O único contrato elaborado não teve o visto do Tribunal de Contas.

Em Fevereiro deste ano, aparece uma vaga para técnico de serviço social, num Centro Regional de Segurança Social do país. T. concorre, mas a sua candidatura é recusada por não possuir o Curso Superior de Serviço

Social conferido aos diplomados pelos institutos particulares.

Um desejo chamado Portaria

A questão não está no facto de haver desde Maio, através da Portaria nº 370/90, um curso superior de serviço social, ministrado pelos Institutos Particulares de Lisboa, Porto e Coimbra, cujos licenciados adquiriram nos quadros da Função Pública a categoria de técnicos de primeira. Reside sim, num dado irrefutável: o Estado não criou uma carreira adequada para os licenciados de política social.

Um elemento do Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública da Zona Sul e Ilhas confirmou ao «DL» que «tal ainda não aconteceu por falta de vontade do Governo».

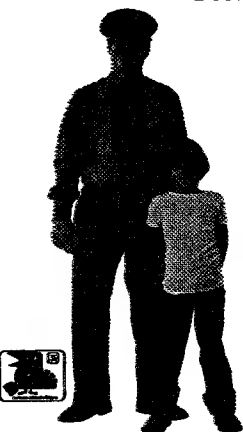
Por sua vez, Maria Teresa Abrantes, da Associação dos Profissionais de Serviço Social, referiu que «são pessoas formadas na área das ciências sociais, mas não com o curso de Serviço Social. Não devem estar a ocupar lugares de técnicos formados especificamente para esse serviço. O Estado tem é que lhes arranjar uma carreira adequada».

A.M.J



“não deite
papel
no chão”

CML



uma cidade limpa

Somos uma instituição sem fins lucrativos que há 14 anos dedica o seu trabalho à criança

CRECHE para crianças dos 15 aos 36 meses, 2 salas, 2 educadoras de infância e 4 auxiliares. **Aberta das 8 às 18.30 horas**

JARDIM DE INFÂNCIA para crianças dos 3 aos 6 anos, 3 salas, 1 educadora de infância e 1 auxiliar por sala. **Aberto das 8 às 19 horas**

Ateliers, biblioteca, desenho, modelagem, imprensa e expressão dramática. Praia em Julho, actividades exteriores, passeios, visitas, almoço e lanche e amplo jardim para recreio.

TEMOS AINDA ALGUMAS VAGAS PARA 1990/91

Inscrições a partir de 1 de Setembro

Confie-nos os seus filhos: as crianças sentem-se bem connosco!

ADECO

Associação de Desenvolvimento Comunitário da Freguesia das Mercês

Rua da Palmeira, 11 (ao Príncipe Real) • 1200 Lisboa • Telef.: 327887

Desburocratização e fluidez nos serviços

Informatização das alfândegas permite despachos rápidos

A informatização, em curso, dos serviços das alfândegas vai permitir que as quatro principais delegações portuguesas efectuem o desalfandegamento de mercadorias, na maior parte dos casos, em apenas um dia. A informação, prestada pelo subdirector geral das Alfândegas, Penha Coutinho, diz respeito concretamente às delegações dos aeroportos da Portela (Lisboa) e do Pedras Rubras (Porto) e ainda de Alverca e Freixieiro (Matosinhos). A referida condição deverá estar preenchida até Janeiro do próximo ano.

Dentro deste prazo, cerca de 70 por cento das importações portuguesas vão ser processadas informaticamente. O mesmo responsável acrescentou que o sistema informático de base do projecto está em regime experimental desde 1989.

Actualmente, estão já a funcionar nestes moldes as delegações aduaneiras do aeroporto de Pedras Rubras, Alverca e Freixieiro. A iniciativa envolve a ligação entre as delegações e vários despachantes oficiais das respectivas regiões.

Na área de Lisboa aderiram já ao processo dez despachante que operam no aeroporto da Portela e cerca de 40 que exercem a sua actividade em Alverca. No Freixial, apenas um despachante está ligado aos computadores da Direcção Geral das Alfândegas.

A ligação realiza-se através da rede pública de transmissão de dados, Telepac, constituída precisamente para possibilitar todos os

serviços deste tipo. No que respeita à funcionalidade do novo sistema, o subdirector geral das Alfândegas prevê que se poupem mais de três horas em cada liquidação de despacho por meio electrónico.

Este processo vai ainda permitir à Administração Central uma permanente actualização estatística de todo o comércio externo, maior vigilância da fraude e controle mais apurado dos impostos. Segundo ainda Penha Coutinho, o sistema informático vai, sobretudo, permitir uma desburocratização dos serviços aduaneiros.

Para este responsável, outro dos efeitos favoráveis decorrentes do projecto é a maior fluidez nos terminais de carga, possibilitado pela maior rapidez nos desalfandegamentos.

Por outro lado, a informatização dos serviços aduaneiros portugueses vai permitir aquilo que Oliveira e Silva, director dos Serviços de Organização Informática da Direcção Geral das Alfândegas, chama a «alfândega global». Sustenta, concretamente, que «dentro de alguns anos será possível interligar os vários sistemas informáticos aduaneiros dos países da Comunidade Europeia e mesmo de grande parte do Mundo».

Desta forma, pode-se, assim, por exemplo, «saber, no porto de Leixões, qual a mercadoria que é transportada por um qualquer navio que está ainda no oceano e desalfandegá-la imediatamente».

Sardinha reina em Portimão nas próximas duas semanas

Numa terra onde praticamente já não há barcos nem fábricas conserveiras, revive-se um passado que foi espectacular

Durante duas semanas, a partir de amanhã, 4 toneladas de sardinha aguardam, em Portimão, no 6º Festival da Sardinha e do Mar, uns 40 mil ávidos consumidores (número dos que por lá passaram no último ano e que se espera seja, agora, ultrapassado), tanto nacionais como estrangeiros, pois estes começam já a habituar-se ao sabor intenso e profundo do prateado peixe, que representa o mais tradicional hábito alimentar dos portugueses.

O prego, esse, será um tanto crescido, fazendo abrir os cordões a magras bolsas para pagar gordas sardinhas (seis exemplares, acompanhados por salada e pão... E o vinho, a sangria?) até aos 400 escudos por cabeça (de consumidor, não de sardinha, que aí era de bradar aos céus). Salve-se a intenção, que é a de recolher fundos para as instituições de solidariedade social do concelho e que, no ano passado, se traduziu em cerca de 2 mil contos.

É, por outro lado, um festival quase saudosista, na medida em que Portimão, de capital da sardinha como se intitulava (embora Leixões ou Aveiro pudessem apresentar justificada contestação) tenha entrado em crise aberta neste campo.

Decadência e suas razões

Ábilio Lima, o vereador da Cultura da Câmara Municipal de Portimão, é o próprio a reconhecê-lo: «Há algumas décadas existiam cerca de 80 embarcações de pesca artesanal, de cerco, e aproximadamente 30 fábricas em laboração. Hoje, os barcos são menos de 10 e as fábricas apenas duas. É provavelmente para tudo acabar a curto prazo».

As razões que aponta para



De grande riqueza local, a sardinha de Portimão é hoje quase apenas uma recordação

o actual estado de decadência da pesca da sardinha são várias e dramáticas para a região: os subsídios governamentais para o encerramento das instalações fabris, os mesmos subsídios para o desarme das embarcações de pesca artesanal.

E acrescenta: «Pelo contrário, nunca houve apoios à modernização das instalações fabris e, durante os períodos de temporais, é vulgar ouvir falar-se em subsídios para as diversas actividades, nomeadamente a agricultura, mas para a pesca e actividades afins, nunca».

Lamenta, ainda: «Hoje os barcos não vão ao mar. As fábricas não laboram, mas os operários, pescadores e industriais não têm quaisquer incentivos, nem nunca tiveram».

Já pelos tempos de D. Dinis, a sardinha fumada e salgada representava uma fatia considerável da incipi-

ente indústria algarvia. Portimão não foge à regra e a Carta Foral de 1504 refere expressamente o pescado seco e «salgado de pilha ou de fumo».

A actividade conserveira, nas suas linhas modernas, inicia-se em Portugal quando se montaram os primeiros «fritos», nome por que ficaram conhecidas as primeiras fábricas de conserva de sardinha em azeite. A implantação da indústria valorizou, logicamente, a sardinha e, consequentemente, transformou a operação de pesca manual em mecânica, substituindo-se os cercos a remos e as armações por cercos a vapor pelos finais do século passado.

A actividade conserveira passa por períodos de grande expansão, nomeadamente com as exigências de maços fornecimentos durante as duas guerras mundiais e a do ultramar, e a colocação do

produto em grandes mercados estrangeiros, como a Inglaterra, Suíça ou Alemanha. Em 1950, Portimão orgulhava-se de ostentar uma das maiores concentrações fabris, destacando-se no plano nacional por possuir uma unidade onde trabalham 400 operários.

Em 1952 a revista especializada «Indústria Portuguesa» podia ainda escrever com o orgulho típico da época: «A indústria conserveira portuguesa é hoje, não só um dos mais importantes, como um dos mais adiantados sectores da nossa produção industrial do mais alto nível e da mais ampla projecção externa».

Não por muito tempo. A este período áureo segue-se uma crise que chegou até aos nossos dias, por falta de mercados, por um lado, por técnicas não actualizadas, por outro.

A sardinha resiste

A sardinha, essa, não parece tão cedo resolvida a transformar-se em objecto de museu. A prova-lo, o festival de Portimão, que promete movimentar milhares de pessoas. Será acompanhada, num palco gigantesco, por conhecidos nomes do music-hall nacional e estrangeiro, filarmónicas e pelos jogos do festival, nos quais aposta fortemente a organização.

Quem não gostar de nenhuma destas coisas, poderá ir visitar a feira do artesanato ou dedicar-se a outros piteus não menos tradicionais, desde o pão com chouriço a sair quentinho do forno aos milionários mariscos.

Seja como for, a humilde sardinha, simpática companheira de toda a história portuguesa, será sempre a rainha.

Roby Amorim

Coliformes abundam nas praias de Oeiras

As águas que banham o forte de S. Julião da Barra (Oeiras) evidenciam a proporção de 10 mil coliformes fecais por cem mililitros, segundo um estudo citado pelo «Oeiras Magazine». O valor guia vigente na CEE é de apenas 100 daqueles microrganismos infecciosos no mesmo volume de água.

A referida publicação dá a saber que as análises da Administração Regional de Saúde de Lisboa, realizadas no princípio deste Verão, revelam os seguintes valores para 100 mililitros de água: Algés, 45 mil coliformes, Caxias, 54 mil, Santo Amaro, 9200, Torre, 7 mil, Carcavelos, 7 mil.

No estudo dos serviços municipalizados, da autoria do engenheiro Murinello, é afirmado que cerca de 100 milhões de coliformes fecais por cada 100 mililitros de água chegam às margens de Alcântara (no concelho de Oeiras), provenientes de Lisboa. O «Oeiras Magazine» acrescenta que «mesmo que as ribeiras do concelho de Oeiras estivessem totalmente despoluídas, a carga poluidora proveniente de Lisboa inviabiliza qualquer esforço de despoluição a nível local».

Fernando Gomes fala do Porto do futuro

O presidente da Câmara Municipal do Porto, Fernando Gomes, afirmou «não sentir grandes bloqueamentos por parte da oposição na autarquia e, em especial, da Administração Central», na prossecução dos objectivos camarários. Falando numa conferência de imprensa na qual fez o balanço da actividade municipal após seis meses de trabalho, sublinhou que «a actividade da Câmara não tem sido travada por qualquer decisão que comprometa o crescimento e a modernidade da cidade que todos desejamos».

«Esta Câmara funciona como um colectivo porque os problemas da cidade são demasiado grandes para serem enfrentados de forma individual», disse ainda, na conferência, a que compareceu acompanhado por todos os vereadores que compõem o executivo portuense.

O autarca socialista afirmou que «as principais apostas que constituíram compromissos públicos começam a ganhar formas», enumerando os capítulos fundamentais da sua actividade, que «fazem com que se comece a antever o Porto do futuro».

O presidente da CMP referiu os principais projectos e acções que dominaram o primeiro semestre da sua actividade. Citou, nomeadamente, a distribuição pública de gás, o metropolitano de superfície, a despoluição do rio Douro, a via de cintura interna, o parque da cidade e parque de S. Roque, o programa de habitação social, a modernização administrativa, a protecção civil e a animação da cidade.

Cascais informatiza-se

O programa de informatização dos serviços da Câmara Municipal de Cascais, iniciado no princípio do ano, deverá estar concluído em 1993, segundo o vereador do pelouro, Rui Braga.

A Câmara, que, recentemente, assinou contratos com empresas da especialidade para o fornecimento de soluções hardware e software para a informatização dos seus serviços, está, de momento, a ultimar o ante-projecto de plano director de informática do município, com equipamento do mais avançado tecnologicamente em toda a administração local portuguesa.

Gestão polémica na Carris

Sindicatos CGTP e UGT apelam a Mário Soares

A Federação Sindical dos Trabalhadores Rodoviários e Urbanos (Festru), da CGTP, e o Sindicato dos Transportes Rodoviários (Sitra), da UGT, apelaram ao Presidente da República que diligencie para que a situação conflitual na Carris seja «definitivamente ultrapassada».

Em carta enviada na passada terça-feira ao Presidente da República a Festru e o Sitra solicitam a Mário Soares uma reunião para abordar a situação naquela empresa pública.

Criticam «a grave situação que se vive actualmente na Carris, onde a falta de vontade política para a resolução da questão laboral tem conduzido à institucionalização de uma gestão arbitrária».

Aqueles organizações sindicais da CGTP e UGT, que pela primeira vez se dirigem conjuntamente aos órgãos do poder, assinalam que há cinco anos que não é revisto o acordo de empresa (AE) e que se verifica uma quebra de poder de compra, com aumentos salariais de 30,5 por cento entre 1987 e 1990, para uma inflação de 39 por cento.

«Todos os que ganham a sua vida na Carris têm vindo a perder anualmente 57.540 escudos (em média) como resultado da política anti-dialogante da comissão administrativa, consubstanciada nos célebres actos de gestão, com total cobertura do ministério da tutela», salienta a missiva.

Para a Festru e Sitra, «é bem evidente que tal forma de gerir uma empresa da grandeza e complexidade da Carris acarreta, necessariamente, a permanência de um quadro conflitual instável, onde a regulamentação convencional das relações colectivas de trabalho é pura e simplesmente ignorada».

«É a esta indiferecível opção pelo autoritarismo, em que o diálogo social não passa de uma mera formalidade, que as associações sindicais opõem total disponibilidade e vontade para negociar», afirmam a Festru e o Sitra, sublinhando que só a negociação será capaz de pôr termo à agudização dos conflitos que se verificam na empresa.

Buscas vão acabar nos aeroportos

«Tem alguma coisa a declarar?»

Do nosso correspondente em Bruxelas

Uma proposta da Comissão europeia ao Conselho de Ministros do Doze pede a aprovação do regulamento que determina o fim da verificação da bagagem dos passageiros dos voos entre países da CEE. A partir de 1 de Janeiro de 1993, deixar-se-á de ouvir a irritante pergunta: «Tem alguma coisa a declarar?»

A proposta alarga o seu âmbito às ligações marítimas intercomunitárias. A Comissão explica que a medida deve ser posta em prática sem prejuízo dos controlos de segurança

aplicáveis em matéria de segurança aérea e marítima, embora salvaguarde a integridade das malas de mão e das destinadas aos porões. Resta saber quais as medidas que poderão ser integradas no âmbito da segurança, e até que ponto esta política irá, de facto, funcionar.

A comissária Scrivener considerou que esta iniciativa constitui «um passo importante no sentido da criação do mercado interno e que representará, para os cidadãos europeus, a prova da existência de um grande espaço sem fronteiras, no qual a livre circulação de mercadorias será assegurada».

José Rui Cunha

EXCLUSIVO

Os oceanos Atlântico e Pacífico estão a ser atravessados, cada vez mais, pelos pequenos cabos submarinos de fibra de vidro sintético. As excepcionais qualidades dessa fibra, associadas às potencialidades dos raios laser, que aceitam muito bem a técnica de digitalização, permitem que em breve, em 1992, a Europa, a América e o Extremo Oriente tenham telecomunicações de rapidez e abundância quase mágicas

Futuro das telecomunicações está debaixo de água

É previsível que no futuro a maioria das telecomunicações siga pelo fundo dos oceanos, através de raios de luz. E a razão é simples: os cabos submarinos de fibras ópticas estão a suplantiar os cabos coaxiais metálicos e já se mostram capazes de concorrer com as transmissões por satélite através dos quais, neste momento, passa metade das telecomunicações mundiais.

A Ásia, a América e a Europa foram recentemente ligadas por dois cabos ópticos que podem transmitir sons, dados informatizados, vídeo-conferência, faxes e imagens, estáticas ou em movimento.

As finíssimas fibras de cris-

ligando a Europa ao norte da América e ao Extremo Oriente.

A realização destes projectos exigiu uma estreita união entre grandes empresas nacionais e internacionais. Podem ser citadas a norte-americana ATT - que tem dirigido as operações - a France Telecom, a British Telecom e a japonesa KBB.

Vinte e dois anos em dois dias

Para além dos dois cabos já colocados no Pacífico, um grupo de firmas norte-americanas está a instalar um outro, entre Pacific City (Oregon), Seward (Alasca) e Miura (Japão). Espera-se que entre em acção ainda este ano e a

...são imunes às interferências electromagnéticas, têm grande flexibilidade, o que facilita a sua instalação nos fundos irregulares dos oceanos e, melhor ainda, não envelhecem, tanto quanto se sabe

tal desses cabos conduzem a grande velocidade os impulsos gerados por raios laser. Um exemplo da sua capacidade: cada um dos cabos pode transmitir 40 mil comunicações telefónicas simultaneamente.

Rede inteligente de telecomunicações

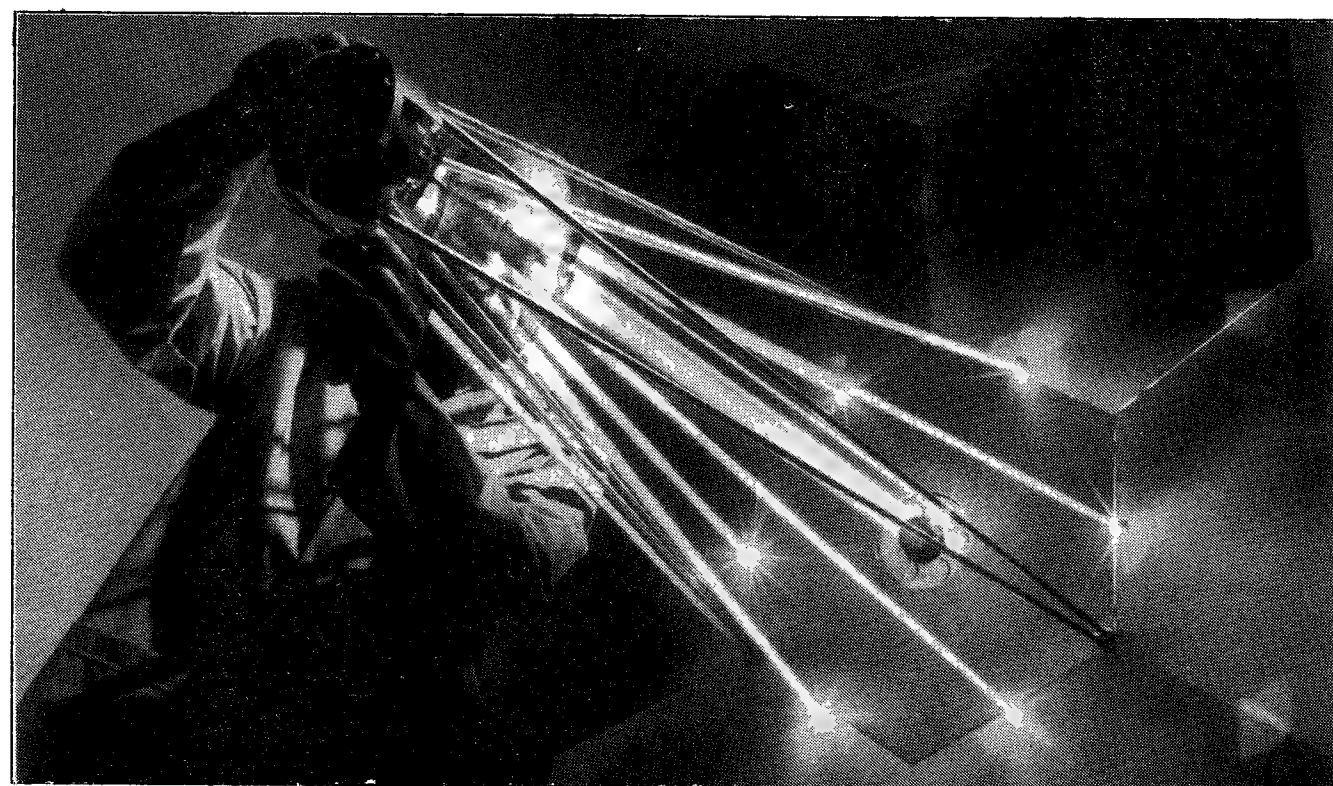
O sistema já está bem testado. A sua aplicação prática começou em Dezembro de 1988. Foi então inaugurada a linha digital TAT-8, com 6740 quilómetros de extensão e que ligou os sistemas de telecomunicações britânico e norte-americano. Poucos meses depois, em Abril de 1989, era instalado no Pacífico um cabo óptico com 14800 quilómetros de comprimento, que estabeleceu o contacto entre os Estados Unidos e o Japão.

Actualmente, está a ser lançado um segundo cabo no Pacífico que, naturalmente, duplicará a capacidade da transmissões através daquele oceano. A ligação vai de Ponta Arena, na Califórnia, até ao Hawai e daí continua para uma ligação submarina com o sudeste do Japão.

Deverá começar a funcionar em 1992 e representará um passo decisivo no estabelecimento de uma rede inteligente de telecomunicações

sua capacidade é maior ainda do que a dos outros: 60 mil comunicações telefónicas simultaneamente.

O primeiro cabo telefónico coaxial submarino começou a funcionar em 1956, entre os Estados Unidos e a Europa. Foi o TAT-1. Tinha possibilidades de aguentar 36 comunicações telefónicas simultâneas. Número que deve ser comparado com as 60 mil ligações simultâneas de que é capaz o cabo óptico que ficará entre Pacific City, Seward e Miura. Mesmo assim e apesar da sua reduzida capacidade, o TAT-1 trans-



Desde a microcirurgia à Guerra das Estrelas, os raios laser parecem servir para tudo, passando pelas telecomunicações. Aqui vemos o laser a funcionar em astronomia, na investigação sobre novos espelhos para os telescópios de grande potência

mitiu, ao longo dos seus 22 anos de vida, 10 milhões de contactos telefónicos. Nova comparação: este total de 22 anos pode ser realizado em menos de dois dias pelo TAT-8.

Não envelhecem

Lembre-se que os cabos ópticos são formados por múltiplas fibras de vidro sintético cristalizado, delgadas como cabelos e envolvidas por uma camada protectora. Também o seu diâmetro é de metade do dos cabos de cobre: 21 milímetros em vez de 50.

Esta diminuição de ta-

manho permite que os navios instaladores de cabos submarinos possam transportar nos seus porões seis vezes mais cabo, em comprimento, e pesando cerca de 20 por cento menos. Uma tal leveza alivia o processo de instalação e embaratece os custos do lançamento destes cabos ao mar, pelos navios da especialidade.

A sua capacidade só foi devidamente aproveitada com o aperfeiçoamento dos raios laser que encontraram nessas fibras um meio de condução extremamente rápido, seguro e barato. Acresce que essas fibras são imunes às interferências electromagnéticas, têm grande flexibilidade, o que facilita a sua instalação nos fundos irregulares dos oceanos e, melhor ainda, não envelhecem, tanto quanto se sabe.

Época digitalizada

Também se verificou que as finíssimas fibras de vidro sintético cristalizadas são, com a utilização do laser, melhores do que os cabos de cobre quando se trata da transmissão de informação digital. Embora este tipo de informação esteja, normalmente, associada à transmissão eléctrica, a verdade é que os

raios luminosos do laser mostraram ser capazes de aceitar facilmente a digitalização, conforme os impulsos que lhe são dados, esses sim, pela informática.

Esta característica valoriza substancialmente os cabos

maior diversidade de destinos para as telecomunicações feitas através de um único cabo.

A primeira aplicação, ainda muito experimental, dos cabos ópticos deu-se em 1985, quando um cabo deste tipo

...a nossa época está a ficar digitalizada toda ela, dado que a digitalização possibilita uma fácil compatibilidade de comunicações entre os diferentes tipos de serviços

ópticos pois a nossa época está a ficar digitalizada toda ela, dado que a digitalização possibilita uma fácil compatibilidade de comunicações com os diferentes tipos de serviços.

Diga-se ainda que, potencialmente, este tipo de cabos ópticos é capaz, cada um deles, de transmitir 100 mil circuitos simultaneamente, quando o máximo que podia ser esperado dos cabos metálicos coaxiais era de 11 mil comunicações por unidade.

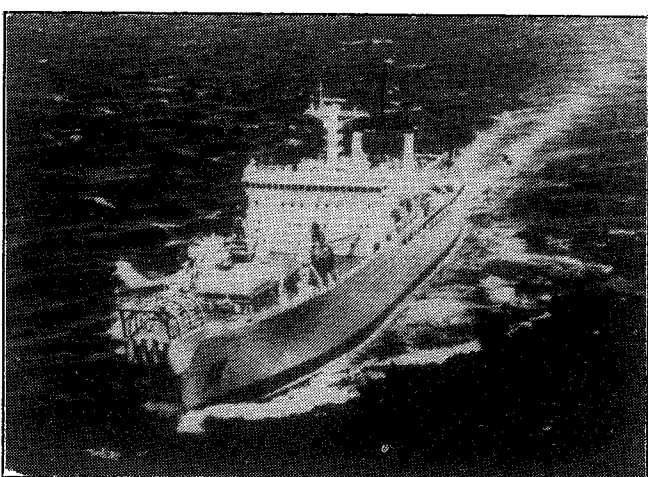
Os tubarões comeram o cabo

Continuando o elogio deste tipo de cabos. Diferentemente dos coaxiais, de cobre, os ópticos possibilitam uma

ligou duas ilhas das Canárias: a Grande Canária e Tenerife. Foi-lhe dado o nome de OPTICAN-1. Tinha 123 quilómetros e podia transmitir sinais de vídeo, sons de grande fidelidade e vídeo conferências. Mas o tipo de cobertura que o protegia mostrou-se vulnerável aos tubarões, que a morderam, destruíram e, pelos vistos, gostaram. Foi necessário substituí-lo um ano depois.

Também em 1986 um outro cabo óptico passou a ligar a Sicília e a península italiana. E o desenvolvimento do sistema foi tal que, hoje, estão em curso ligações deste género entre várias cidades da Itália.

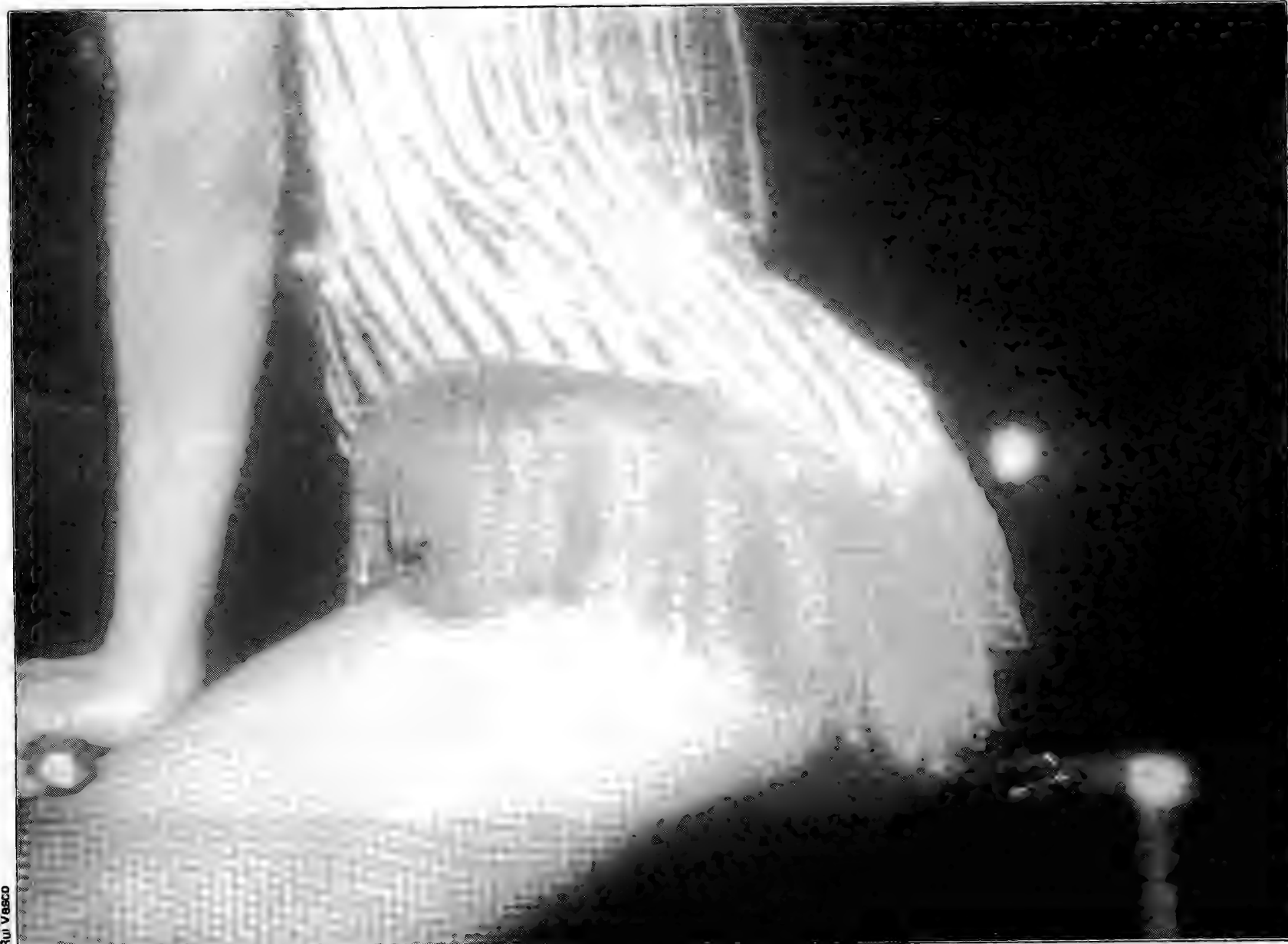
Gregorio Salas
Exclusivo EFE/«DL»



O navio «Long Lines», visto no mar quando procedia à instalação do cabo submarino óptico TAT-5, entre a Europa e os Estados Unidos

CULTURA

Entre os «vade retro» oriundos do Vaticano e a adoração histórica de vários milhares de jovens, Madonna concluiu, ontem, em Barcelona, a sua tão falada «Blond Ambition Tour». Apelou mais aos olhos do que aos ouvidos, mas, mesmo assim, conseguiu ser a mulher mais badalada dos últimos tempos. A poucas semanas de a vermos, no grande ecrã, como diva entre os «gangsters»



Rui Vasco

Será pecado?

Se há coisa que Madonna desmente é o mito das loubas estúpidas ao dispor do *show-bizz* e seus patrões. Tal como o das vítimas previsíveis do sistema porque, ao contrário de muitas outras vedetas, ela é sobretudo uma *self-made-girl*. Ontem à noite, em Barcelona, no último concerto da «Blond Ambition Tour», mais do que dotes vocais propriamente ditos, Madonna provou como tem gerido bem o que a natureza lhe ofereceu e o que ela depois se encarregou de lhe acrescentar. Sem pruridos nem preconceitos.

A um espectador imparcial, que não esteja cego por uma qualquer devoção ou, pelo contrário, por uma total repulsa para com esta mulher, o primeiro grande e indiscutível mérito do concerto de Barcelona foi, com efeito, o profissionalismo perfeccionista de que foi rodeado.

Nada foi deixado ao sabor do acaso ou da inspiração momentânea, apesar do público maioritariamente liceal que estava a assistir. Os números são comparáveis aos registados em concertos dos Rolling Stones: 72 horas para montar um palco, 500 mil watts de som e luz para oferecerem a cinquenta mil



Rui Vasco

espectadores uma vedeta no máximo do seu esplendor, um pouco como o *star-system* de Hollywood as tem concebido.

Para concretizar totalmente os seus objectivos bem explícitos, aliás, na designação da *tournee*, Madonna foi caprichosa; não se poupou, nem poupou os muitos que, hoje, finda a maratona, a ajudam a envergurar a coroa de louros. O guarda-roupa usado no con-

certo (e se ele era variado) foi exclusivamente concebido pelo costureiro francês Jean-Paul Gaultier, cujos *bodies* emprestaram mais um cheirinho de sensualidade ao concerto. Sem eles, a estrela da noite, pior do que despida, estaria reduzida àquilo que foi nos tempos em que «Like a Virgin» era apenas um candidato ao top: uma rapariga mal vestida, com alguma vocação para o exibicionismo.

Mas se o hábito fez a vedeta, os cenários também muito fizeram pelo espectáculo, adaptando-se rapidamente, e sem quebras, ao ambiente evocado pelos temas e pela postura de Madonna em palco. De uma linha de montagem estilo «Tempos Modernos» de Chaplin à atmosfera decadentista de um *cabaret* de Berlim e, mais surpreendente ainda, da cama de um harém ao interior de uma igreja

romana, o mesmo é dizer de uma Madonna que de virgem ávida passa a virgem igualmente ávida, mas de salvação para a sua alma inocente.

Tudo foi calculado ao milímetro. O guarda-roupa de Jean-Paul Gaultier, a coreografia de Vince Peterson e, convém lembrá-lo, a promoção a «Dick Tracy», o filme em que Madonna, «distinguida» noutras ocasiões cinematográficas com o título de pior actriz do ano, conseguiu arrebatado o coração de um veterano de Hollywood. Em Espanha, mesmo sem a presença de Warren Beatty, a cantora não se dispensou a promover a película, cantando e dançando «Hanky Panky» com os «Dick Tracy» de serviço ao palco.

Mas se para esta mulher que teme o improvisado, tudo é válido para atingir o estatuto de «pop star» que lhe permita «competir» com Presley ou mesmo com as estrelas de cinema que ela recorda em «Vogue», o escândalo e o choque são apenas um meio como qualquer outro. Um risco devidamente calculado, encenado com antecedência. O que terá escandalizado em Madrid, escandalizou em Barcelona: os gestos, menos obscenos do que se dizia, são os mesmos, as palavras repetidas como uma fórmula mágica -ou industrial- para o sucesso. «Like a Prayer» continuou a seguir-se a «Like a Virgin», da *lingerie* erótica ao hábito

monacal, mas nada mais. Como em Itália, Madrid ou em Vigo, Madonna lembrava a menina do anúncio do iogurte. Erguia os olhos ao céu, ostentava uma expressão travessa e parecia perguntar: Será pecado?

Ignoramos o que os deuses lhe responderam, mas a verdade é que, senhora de uma energia invejável, ela persistiu, no entanto, em cantar temas garantidos. Canções de verões passados que bateram recordes de venda e de permanência nos tops: «Live It To Tell», «Papa Don't Preach», «Material Girl», «Into The Groove», «Holliday» ou «Keep It Together». Também em matéria musical, nada de novo houve a assinalar num concerto que valorizou mais a forma do que o conteúdo.

Sem novidades numa época que não as aprecia por aí além, juramos, no entanto, que ele agradou a quem pagou o bilhete. Aos meninos, boquiabertos, perante as promessas que a nova diva lhes parecia endereçar, às meninas que sonham vir a ser como ela, mais ano, menos ano. Só que nos bastidores estava também um batalhão de guarda-costas, capaz de trazer à realidade o mais iludido. Bem vistas as coisas, os tempos mudam, mas, como se dizia há quarenta anos, continua a não haver negócio como o negócio do espectáculo. Perguntem a Madonna...

María João Martins

Veronica Ciccone não volta a Bay City

Não dá para perceber. A rapariga canta mal, veste mal (e com Jean Paul Gaultier ainda pior), não deve muito à beleza e os seus critérios de selecção das canções que interpreta na rádio, na televisão e nos palcos do mundo são usualmente desastrosos. Como dançarina não tem nada que se comente e a cabeceira dela, coitada, é uma massa mole. Madonna personaliza a pior pop que hoje se faz, e no entanto eis que se diz ser ela a imagem dos anos 90, eis que a madonnamania é um facto e até o seu exibicionismo erótico-kitsch merece comentários da Santa Madre Igreja.

Música? Um *bruuuuu* indistinto, sem contorno ou angulosidade, balofo, provinciano, e no entanto é o que está na moda, é o que a maioria de nós gosta. Vamos ver «Dick Tracy» por causa dela, mesmo que a achemos horrível e cabotina, aliviemos a consciência porque Louise Veronica Ciccone, esta italianazinha nascida em Bay City, Michigan, EUA, até nem estava mal em «Desesperadamente Bus-

cando Susana». Ouvimos «Like a Virgin» ou «Like a Prayer» um tanto embevecidos, mas sem conseguir entender muito bem esta sexualidade culpada, depressiva (afinal, somos apenas europeus), folheamos a «Playboy» que a mostra nua e permitimo-nos duvidar do nosso gosto, não do da revista.

Imagens de Madonna povoam-nos a civilização audiovisual e até, já, a nossa comum retina interior, sempre repetidas e sempre diferentes, mais e mais do mesmo, oferecendo-nos uma mulher que se dirige a nós e ao mesmo tempo se distancia irremediavelmente, uma super-estrela e o inverso, uma heroína do nosso tempo e o seu mais absoluto contrário, a deusa dos media e o lado humano, demasiado humano da máquina comunicacional.

Caso para dizer, como ainda agora fez o «El País» a propósito do espectáculo visto em Madrid, que «Madonna é um lugar comum, um tópico da nossa cultura».

Pois. E no entanto veja-se como não há nada nela que

a distinga de outras mulheres que já estiveram no ecrã do nosso imaginário colectivo e partilhado, nesta sociedade de consumo de imagens. Madonna é uma cópia de Marilyn Monroe, o cabelo, a maquilhagem, o mesmo figurino *sexy* que tem até a mesma encenação da imbecilidade. E Madonna é também um pouco Jane Mansfield, a mãe e a amante dos americanos, com aqueles seios fartos e indiscretos que Gaultier, o inventor de cenografias corporais mais alucinado do Ocidente, cobre com dois cones ridículos de tão *corny*.

Sim, Madonna é um pastiche, uma figura plastificada, tanto ou mais ainda do que acontece com Cicciolina, aquela mesma que os italianos, depois de a observarem bem nas suas lutas com Mister 33, chamam de «Scemolina» (Parvinha). Cicciolina representou, à sua maneira, o que restava de um sonho de libertação sexual muito sessentista e Wilhelm Reich, coisa antiga, ultrapassada - e queimou a pele nisso. Na Blond Ambition Tour,



Madonna simula a masturbação? Passeia-se com um fato transparente? Sim, mas pode a Igreja Católica aquietar-se, a ostentação sexual de Madonna é apenas espectáculo, não convida à fruição - exalta o pecado.

Em tempo de epidemias, vírus e morte ela está muito, muito longe do fogo. O sexo que se dá a adivinhar, mais do que a ver, é sexo que não se faz, que se exorciza. Pode Madonna ronronar na cama colocada ao centro do palco: em 1990 a sexualidade é um mito perdido, resta só a sedução. Em diferido.

Música de supermercado e danceteria, a piroscopia sofisticada, *blasé*, que define muitas das pretensões artísticas deste presente, a cultura «inculta» americana que é já a cultura do planeta inteiro. É tudo isso que adoramos, que aceitamos, em Madonna. E ou estamos em paz com tal condição ou é melhor mudar de século. Infelizmente para nós, Veronica Ciccone nunca quererá voltar para Bay City, mas mesmo que voltasse arranjavam outra...

Rui Eduardo Paes



Francisco Paraiso

Francisco Paraiso

Quer se queira, quer não, a nossa vocação
A China, a cultura chinesa, permanecem
desvendando. Ontem, no Casino Estoril, ic
trouxe-nos um espectáculo total, rico e
o palco nTe

Rigor e f

Universalismos absolutos não existem, evidentemente. No entanto costuma dizer-se que a música é a mais universal das linguagens. Em certa medida, talvez. Mas em termos absolutos, não — como tudo nesta vida. Peculiaridades de clima, morfológicas ou de estruturação não ultrapassam, afinal, algumas barreiras de gostos, de tradições, de sistemas técnicos. Sem dúvida que, a despeito da evolução que vai esbatendo noções de tempo e de distância, a generalidade dos ocidentais não penetra cabalmente no mundo e — diríamos mesmo, jogando conceitos clássicos — no «ethos» de certas músicas orientais: chinesas, japonesas, indianas, muitas outras de diversas latitudes. Ou é tocada por elas de maneira meramente superficial, restando dessas expressões culturais uma certa cor ou ambiência que rotula de «exotismo», arrumando, com demasiada simplismo, fenómenos, ao fim e ao cabo, complexos numa categoria encontrada ou formulada com alguma displicência... Mas a verdadeira essência de tais artes musicais escapa, porventura, a ouvidos e sensibilidades europeias.

Estas considerações vêm a propósito dos espectáculos denominados «ópera chinesa», que, com intermitência, chegam a este extremo ocidental da Península Ibérica. E que neste momento temos a felicidade de saudar.

Mas a música — deve salientar-se desde já — é apenas um elemento entre muitos outros, e não menos importantes, que enformam os referidos espectáculos. Se há uma aspiração ou tendência determinante na chamada «ópera chinesa» — como em outras formas de espectáculo de culturas extra-europeias — ela pode situar-se na esfera do «teatro total», num conjugação muito peculiar das várias artes, visando uma espécie de síntese. Entram nos espectáculos em causa não só a música, o canto, a dança, mas também, e em proporções avantajadas, a mímica, a pantomina, a acrobacia, as artes marciais.

Por outro lado, a sumptuosidade e o colorido dos trajes, os adornos, os penteados e as maquilhagens

(denotando uma elaboração complicada e subtil) adquirem um relevo que atinge uma exuberância impressionante e extremamente definidora do género.

Drama, tragédia, comédia, as lendas e os eventos históricos surgem aí combinando-se. O elemento lírico está presente com uma imensa carga expressiva e contratante como um factor muito insinuante de sugestão.

Aliás o todo é articulado de maneira fortemente sugestiva através da alternância de cenas de teor lírico e outras de carácter dramático ou cómico (para nos socorrermos da nomenclatura de fundamentação greco-latina, por exemplo). Cenas de maior densidade alternam com episódios como que de diversão.

O cenário e a iluminação são bastante elementares. Enquadram-se, porém, numa perspectiva de espectáculo ricamente matizado, mas também sobrecarregado, onde dir-se-á que impera uma concepção eminentemente barroca.

É importante realçar um dado importantíssimo: um simbolismo aguçado, que penetra o mais pequeno gesto ou pormenor de vestuário, reveste-se, de facto, de profunda dimensão estrutural, porventura num grau raramente atingido ou mantido no teatro de formulação ocidental.

Nos gestos, nos passos, na maneira de andar, nos movimentos dos braços, nas atitudes há a resultante de tradições e contributos fixados e codificados em convenções trazidas, ao longo dos séculos, por sucessivas gerações de artistas e intérpretes. Assim cada tipo de actor deverá conduzir-se, na fala, nas atitudes ou na efusão dos sentimentos, de acordo com determinadas formas, escolhidas exemplarmente como representando o carácter essencial da personagem.

Os desempenhos dos intérpretes encontram-se escalonados por categorias que têm designações específicas: «cheng» (personagens masculinas), «dan» (personagens femininas), «jing» (figuras heroicas com o rosto pintado de forma muito típica) e «chou» (que apresentam a peculiari-

CONCESSIONÁRIOS



Auto Monumental do Alentejo
S.A.



AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

ação de marinheiros nunca nos impediu de pensarmos à ocidental. anecdotas, assim, envoltas em mistério, que só raramente se tenta toril, ficámos um pouco mais conhecedores: a Ópera de Pequim rico de lirismo. A não perder, hoje, em reprise, noutra cenário: co no Tejo, frente à Torre de Belém

fascínio



Francisco Paraiso

dade de trazerem o nariz pintado de branco e podem assimilar-se mais directamente a uma função de «palhaços»).

As cores têm um carácter muito marcado quanto ao seu simbolismo: a crueldade está associada ao azul; o branco não se dissocia da perversidade; o amarelo liga-se a uma apreciável margem de astúcia; uma nobreza de sentimentos ou uma fundamental honestidade encontra correspondente no vermelho.

A componente musical, para lá do canto e de uma certa forma de recitado, tem na orquestra concretização da maior relevância. Colocado ao lado do palco ou do tablado onde decorre a acção, o conjunto orquestral é relativamente reduzido (seis ou oito executantes). Compreende instrumentos tradicionais: de sopro, de arco e de percussão (uma mais metálica e sonora,

outra de batimentos mais subtileza quanto a timbres ou rítmica — gongs, tambores de diversa dimensão, etc.). Actuação é constante, ora acompanhando o canto, ora comentando e até desempenhando um papel algo descritivo em relação com as peripécias que se vão desenrolando.

Procurei dar uma ideia do espectáculo da «Ópera chinesa» — de uma grande pujança e de um encanto visual; por assim dizer, mágico. Mas deve acrescentar-se que a motivação dele assenta, antes de mais, em alegorias que tomam, de certo modo, afeição de parábolas. Múltiplos pormenores escapam inevitavelmente a não-iniciados ou a sensibilidades não integradas em culturas muito diversas da nossa e que se nos afiguram algo esotéricas. Mas a magia do espectáculo, da cor, não pode deixar de nos envolver, de nos fascinar. Para mais

com a perfeição de realização, o virtuosismo, o rigor da arte dos intérpretes que agora pudemos admirar.

Duas histórias — ou parábolas, ou moralidades — constituíram o programa do feérico espectáculo que ontem à noite tivemos no Casino Estoril, como ante-estreia de uma série a levar a efeito dentro de dias em Lisboa, trazida pelos bons ofícios da Fundação do Oriente e a receptividade do Município da Capital. Foi, de facto, um encantamento de mais de uma hora, mesmo quando os parâmetros da acção ultrapassam os esquemas do nosso racionalismo de latinos e cartesianos. E ainda bem. É também uma lição de humildade que os espectadores europeus e portugueses poderão colher, em relação ao nosso orgulho cultural, que evidentemente não abarca tudo, como às vezes parece que acreditamos!

Nuno Barreiros

Francisco Paraiso



Francisco Paraiso

Concerto de Brandford Marsalis na Gulbenkian

Pretérito (quase) perfeito

O jovem saxofonista norte-americano apresentou ao público português um jazz que visa recuperar a tradição dos anos 40 e 50.

A série de concertos que constituem o «Jazz em Agosto 90» iniciaram-se ontem, com a actuação do trio de Brandford Marsalis no anfiteatro ao ar livre da Fundação Gulbenkian.

O concerto, que não estava inicialmente previsto no programa, foi interessante, atingindo-se alguns momentos que entusiasmaram especialmente o público. Confirmou-se aquilo que já se sabia de Marsalis: trata-se de um músico tecnicamente perfeito, de grande competência, que domina o seu saxofone tenor; é um herdeiro da tradição be-bop, um neo-modernista ou um neo-clássico (como queiramos designar); à sua música falta um pouco de inovação, de imaginação e de originalidade.

No concerto, que durou cerca de hora e meia, Brandford Marsalis foi acompanhado não por três, como estava programado, mas apenas por dois outros instrumentistas: Robert Hurst, no contrabaixo e Jeff «Tain» Watts, na bateria. O conhecido pianista Kenny Kirkland não se deslocou a Lisboa por motivos de saúde, conforme nota distribuída pela organização.

O som de Marsalis é um som cheio, melódico, lírico, sendo impressionante o ritmo que imprime ao seu sax tenor. É de referir a influência que, neste último aspecto, tiveram Art Blakey, baterista que com os seus Jazz Messengers (autêntica escola de jazz), formou muitos músicos, hoje bem conhecidos, e dos quais o saxofonista fez parte, e também Sonny Rollins (apesar de Marsalis não o apreciar). O ritmo, o «swing», foi, aliás, uma constante dos temas apresentados.

A segurança da sua secção rítmica, em especial do baterista - que executou dois solos bastante apreciados pelo público -, permitiram a Marsalis improvisações - sobre temas, uns originais e outros clássicos - que atingiram, por vezes o brilhantismo, numa actuação descontraída perante perto de uma centena de espectadores.

Pena foram os problemas sonoros que afectaram o contrabaixo de Hurst, logo no primeiro tema, a ausência de Kenny Kirkland, os constantes ruídos provocados pela passagem de aviões e a distância excessiva a que se encontrava o palco (facto de que, aliás, se queixou o próprio saxofonista, tendo



Uma criança passeando junto ao palco, ou a musa inspiradora de Marsalis



Um músico tecnicamente perfeito

prometido que isso não se verificaria nos dois próximos concertos) o que divorciou, talvez um pouco, os músicos do público.

Como nota de reportagem, refira-se o bom humor de Marsalis que afirmou ter sido fonte de inspiração para o seu concerto de ontem à tarde uma criança que, durante a actuação, brincava e dançava perto do palco.

Origens e influências

Estilisticamente e na forma de tocar, Brandford Marsalis é um herdeiro do be-bop. Volta à estética musical dos anos 50 - que parece ser uma tendência do jazz actual. Depois do free-jazz dos anos 60 e da improvisação dos anos 70 e 80 (que se for afastando do próprio jazz), é natural uma tentativa de retorno à sua identidade. O seu quarteto tenta aproximar-se do de Miles Davis dos anos 40/50.

Brandford Marsalis revela influências de Ben Webster e de Wayne Shorter (ele próprio o afirmou em entrevista: «A minha única referência é Shorter.» - célebre saxofonista dos Weather Report, grupo de jazz-rock dos anos 70), mais do que de Charlie Parker e John Coltrane.

Acerca do free-jazz dos anos 60 refere que apenas permitiu a realização de fraudes artísticas. O jazz para si é, essencialmente, o praticado da década de 50 para trás (o jazz de New Orleans e o praticado pelos inventores do sax tenor), salta as décadas de 60 e 70, envolvendo-se com o jazz-rock.

Em entrevista dada em 1989, elogia as obras dos anos 70 dos Weather Report, Head Hunters (do teclista Herbie Hancock), sendo o célebre «Birds of Fire», da Mahavishnu Orchestra, de John McLaughlin a última que refere como digna de citação.

O saxofonista, que tem apenas 29 anos, estudou na Berkeley School, grande escola norte-americana de jazz, e, para melhorar a sua técnica, recorre à música clássica, em especial aos compositores Villalobos e a Max Dubois (refira-se, como curiosidade, que Winton Marsalis, seu irmão mais velho, trompetista de jazz, é também um executante de música clássica).

Brandford Marsalis provém de uma família de músicos: o pai, Ellis Marsalis, era pianista em New Orleans, o irmão, Winton, é considerado um dos melhores trompetistas da actualidade (na banda do qual Brandford tocou e da qual foi despedido por não poder assumir compromissos devido ao seu envolvimento com Sting). Na infância, tocou clarinete numa «marching band», instrumento do qual herdou algumas técnicas. Antes do jazz permaneceu perto do rock, mais propriamente nas áreas do rhythm 'n' blues e do funk. No campo do rock, participou em discos de Sting. Participação que lhe valeu o reconhecimento público de que hoje é alvo e o lançou para o estrelato.

M. R.

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Se não fosse «Jules e Jim» que seria, quanto a estreias, da semana que passou? Nem dá para contar, salvo isto, tema da crónica: afinal, em Lisboa, para os nossos exibidores, parece que não há um Verão, mas dois. Uns desculpam-se com ele, outros sabem-no aproveitar. Do pior e do melhor. O costume

Modos de ver

Isto é como antigamente no hóquei em patins: Portugal ganhava sempre, a questão estava em saber que país ficava em último. Isto é o cinema que se exhibe agora por cá e é ver qual o pior filme. Um desafio.

Claro que estamos no Verão, mas quanto a isso parece que não há um, mas dois: o da pequena distribuidora que explora o Forum Picoas, repõe «Jules e Jim» e prepara a estreia do último Iosseliani; e o das grandes distribuidoras que têm quase todas as salas por conta e não descobrem no mercado nada melhor para oferecer do que adiante se lerá.

Pensava o cronista que depois de «Duro de Roer», não haveria pior no trimestre. Ilusão: faltava o último Schwarzenegger. Bom (isto é, mau)...vai ver-se tal coisa e julga-se que foi a derradeira provação. Qual quê: ainda há pior. Pior e muito mais perigoso, porque péssimo e com disfarce. Título: «O Triunfo do Espírito».

*

E que se esconde sob este título, que aliás respeita o original? Nem mais que um filme fascizante, que a pretexto de denunciar os horrores do nazismo, se compraz num exercício de violência sem talento nem inocência.

Da falta de talento, basta ver; da falta de inocência basta dizer que este filme, parcialmente produzido com capital sionista, ao que apela não é ao triunfo do espírito, mas à sobrevivência do mais forte. Que o herói desta rábula tenha sobrevivido a Auschwitz, graças ao boxe que praticava para gáudio dos

nazis do campo, é o que interessa. Interessa, porque vence os combates. Quem perdia era fuzilado, percebe-se assim a moral da história, ou o espírito deste triunfo.

*

Comparado com esta pérola, «Desafio Total» tem pelo menos o mérito de não enganar ninguém. É a estupidéz erguida em sistema, a começar pelo intérprete (?) principal, o tal Schwarzenegger. Desta vez, ainda por Marte, tem crises de identidade, por comparas duas beldades femininas estilo porrada e pouca conversa e o resto não se entende. Das belezas, morre a louraça e o melhor do filme é esta frase dos diálogos (diz alguém para Schwarzenegger): «Tu és um sonho mau».

Podia ser a epígrafe do filme que nem se preocupa em esboçar um mínimo de qualquer lógica, chega-se ao fim e não se percebe patavina. À saída, o engraxador da esquina, que por falta de clientes arriscara a matinée, dizia no melhor calão lisboeta: «Mas ca ganda barretaça...» e era como se falasse por todos os que encheram a sala (diga-se...) para ver, entre outros mimos, marianas com três seios à mostra e abortos e deformados transformados em mutantes. Nunca a pornografia serviu assim a indigência mental. Adiante...

*

Adiante para se dizer de algo menos mau, mas igualmente entediante, «Assassino sem Rosto», um filme de uma banalidade tal que não se percebe como pode



Catherine e Jules (Jeanne Moreau e Oscar Werner) em «Jules e Jim», o melhor filme em cartaz

ter sido realizado pelo mesmo Peter Masterson que assina o interessante «Um Bar Chamado Blue Water».

Este «Assassino sem Rosto» é um policial de meia tigela, era uma vez um jogador de baseball que deixara de ser efectivo e perdera o braço esquerdo. Vai daí, de cada vez que aquele que o substi-

tuiu metia golo, ou lá como é que se diz na gíria do baseball, o despeitado, pumba, matava uma mulher, loura e bela de preferência. Onde é que já se viu coisa mais estúpida, digam lá, salvo - infelizmente - em muito lixo que vai por aí?

*

E falemos de coisas sérias, beleza, fascínio, encanto, «Jules e Jim», é claro. Resiste, 30 anos depois resiste, é óbvio, já por isso se jurara, aqui, na semana passada. Os grandes filmes são assim, oferecem-se como motivo de culto, sempre diferente, porque eterno, se é que existe eternidade.

Assim sendo, que importa a leitura de ontem, tão pouco a de amanhã? A de hoje bem pode ser esta: o confronto entre a uma paixão desmedida e ascese de um grande amor, Catherine e Jules, de preferência a Jim, quer-se com isto dizer. Jim hesita e retrai-se, por isso morresse quer e sem glória também, que é fraco modo de morrer. Pelo menos, como é o caso, quando pelo «turbilhão da vida» se andou, que é por ainda anda este filme para regalo dos cinéfilos. Que assim seja, porque assim é e é o melhor filme em cartaz.

Rodrigues da Silva

Sessões especiais a 100\$00 no Inatel da Caparica

Uma boa notícia: este Verão, como nos dois ou três anteriores, há sessões especiais de cinema (de qualidade) no Centro de Férias da Costa da Caparica (Inatel). Começam hoje e da programação de Agosto o destaque vai para a antestreia do filme de Ermanno Olmi «Por Muitos e Bons Anos». Entretanto, saliente-se que, pela primeira vez este ano, há lugar para o cinema português, nos ciclos do Inatel. Em Agosto passa «O Processo do Rei», de João Mário Grilo, esperemos por Setembro para ver se há outros.

Quanto ao resto, é o costume: as sessões são sempre às 21 e 30, de quinta a domingo, ao preço de...cem escudos, um luxo.

Calendário até domingo:

Hoje:

«Eles Vivem!», de John Carpenter.

Amanhã:

«Histórias de Nova Iorque», de Scorsese, W. Allen e Coppola.

Depois de amanhã:

«Assalto ao Arranha Céus», de John McTiernan.

Domingo:

«Cinema Paraíso», de Giuseppe Tornatore.

Buñuel em Viseu

Cinema de qualidade haverá também em Viseu este Agosto (como tem havido, de resto, nos meses todos do ano). A iniciativa é do Centro Cultural Distrital, parabéns.

Assim, no auditório Mirita Casimiro, para já, de domingo até quinta-feira, dia 9, passa o filme de Luís Buñuel, «A Bela de Dia». As sessões são às 21 e 30, e ao domingo também às 16 horas.

Ainda que com grande antecipação (o filme passa só no fim do mês) refira-se que a programação de Agosto do Mirita Casimiro, inclui «O Harém de Arquimedes», do argelino Mehdi Charef. Foi um filme (lembra-se?) totalmente queimado pelos distribuidores quando há meses se estreou em Lisboa. Viseu recupera-o agora, que viva Viseu.

A Ver

Dos filmes em exibição comercial em Lisboa, eis uma lista elaborada por ordem decrescente de qualidade e interesse, de acordo com um critério obviamente pessoal.

Em estreia

- «Sonhos», de Akira Kurosawa (1990)
- «Tempo dos Ciganos», Emir Kusturica (1988)
- «Sempre», Steven Spielberg (1989)
- «Henrique V», Kenneth Branagh (1989)
- «Um Caso de Guerra», Patrick Duncan (1988)
- «Um Bar Chamado Blue Water», Peter Masterson (1988)
- «Canhões Perdidos», Bob Clark (1989)
- «Cenas de Lutas de Classes em Beverly Hills», Paul Bertel (1989)
- «Ata-me», Pedro Almodóvar (1990)
- «Na Corda Bamba», John Badham (1990)
- «Assassino sem Rosto», Peter Masterson (1989)
- «Olha Quem Fala», Amy Heckerling (1989)
- «Ninguém é Santo», Neil Jordan (1990)
- «As Minhas Noites são Mais Belas que os Vossos Dias», Andrzej Zulawski (1989)
- «Duro de Roer», Bruce Malmuth (1990)
- «Desafio Total», Paul Verhoeven (1990)
- «O Triunfo do Espírito», Robert M. Young (1989)

Em reposição

- «Jules e Jim», François Truffaut (1961)
- «O Clube dos Poetas Mortos», Peter Weir (1989)

R. da S.

CANAL DA CRÍTICA

Quem acode à Terra?

A Terra adoeceu gravemente. Foi levada para o hospital, em estado comatoso. Os médicos fazem o diagnóstico dos seus males mais visíveis — a poluição, a desflorestação, a acumulação dos resíduos tóxicos e assim por diante. Ao longo de todo o programa apresentaram-se sugestões para minimizar aqueles males: abrandamento do consumo, a reciclagem de materiais, a poupança no uso da energia.

Só isto. Uma ideia simplíssima que poderia, inclusive, ser obra de crianças para a festa da sua escola. Mas que a capacidade espectacular dos americanos transformou numa emissão memorável, com todos os ingredientes para prender as audiências mais desatentas. Assim, contaram com a colaboração de grandes nomes, dos mais populares, do cinema e da televisão: Meryl Streep, Michael Douglas, Jane Fonda, Morgan Freeman, o Bugs Bunny, os Marretas, o ET, e não esqueçamos aquele impressionante diálogo entre Dustin Hoffman (o do *Kramer contra Kramer*) e Roby William, o do *Clube dos Poetas Mortos*, viram?

A própria emissão estava consciente da sua fragilidade. Os conselhos que dava não iriam resolver o assunto, mas podiam atenuar o impacto dos malefícios. O seu principal mérito consistiu em mostrar com toda a Terra ia para o maneta, se a opinião pública e uns restos de lucidez do sistema social não pusessem cobro à destruição — que significa mesmo auto-destruição.

As imagens dos tempos mais próximos eram de uma extrema violência. De facto, a destruição da natureza (intensificada após a Revolução Industrial Inglesa) assemelha-se, nos efeitos, a uma guerra nuclear de acção retardada.

A consciência colectiva, acordada e mobilizada para a acção, pode vir a desempenhar um papel importante. «Um Dia Especial» foi construído nessa convicção.

Mas é preciso ajudar. A RTP fez bem em dar-lhe lugar no bom horário. Mas não esqueçamos que *Um Dia Especial* queria atingir, em plena força, as camadas dos mais baixos escalões etários — e a meia-noite não é propriamente a hora mais favorável. Impõe-se a sua retransmissão em local mais certo. Que não se faça, porém, como no caso da *Saga da canção francesa*: a pedido de várias famílias, repetiram-na para «melhor», ou seja, passaram-na do princípio da tarde, para o fim da noite...

A propósito: o programa destinava-se a comemorar o vigésimo aniversário do Dia da Terra. Sou franco, não me lembro dessa data ter sido comemorada entre nós — talvez, enfim, porque Portugal seja um país de outro mundo.

Mas já tivemos, acho que ainda temos, o *Dia da Árvore*. Participei em festas tão lindas, antes e depois do 25 de Abril! Recordo-me de uma, com o prof. Calvet de Magalhães, de outra com o dr. Vítor Marques, então director da Escola D. Miguel de Almeida de Abrantes (Vítor, Vítor, que

O Dia da Árvore em emissão especial...à meia-noite

é feito de você? Destruíram-no ou continua vivo?). Houve poesia, dança, teatro. E plantámos muitas árvores. Estará grande, a que eu dei à Terra? Quem é que me convida para plantar outra, no próximo Dia da Árvore? Se é que ele ainda existe.

Vá. Dêem essa esmola ao pobrezinho.

Poirot, etc.

Poirot acabou. Acabou, pelo menos, a primeira série. Possivelmente, terá continuação. Oxalá.

O romance policial tomou novos rumos depois de Agatha que, entretanto, há-de continuar a ler-se sabe-se lá até quando.

Sabe-se como não se fazem grandes filmes a partir das grandes obras literárias, filmes que estejam à altura. Aqui, os filmes são adaptações, «traduções», interpretações. Nenhum ser vivo se copia.

Estes filmes com Poirot interessaram-me mais do que as obras de Agatha Christie. Para isso contribuíram principalmente a notável criação do detective (nunca mais poderei inaginar-lo de outra forma...) e a própria qualidade dos filmes.

Valeu a pena vê-los, quanto mais não fosse pela riqueza, e pela variedade dos planos e dos cenários. Marcam a diferença entre uma produção a sério — e uma produção portuguesa. Nós, cá, temos de economizar. Nós somos pobrezinhos. Nas nossas fininhas, as personagens sentam-se e levantam-se e sen-

tam-se. Abre-se a porta, fecha-se a porta. A porta é a principal figura dos teledramáticos portugueses. A porta e a cadeira. Merecem os *Emmy* lusitanos.

Nestes filmes de Poirot, muitas vezes sucedeu esquecer-me do trabalho dos actores para ficar a admirar o trabalho das câmaras. Tal qual como quando leio o Saramago, a Agustina, o Manuel da Fonseca, o Carlos de Oliveira, o António Vieira, etc., etc. Ou como quando fico preso à habilidade de um calceteiro, de um sapateiro, de um condutor de buldozer. A magia do ofício, que me ficou desde o dia em que assisti, era Deus um jovem cheio de ilusões, à criação do mundo.

Sinceramente, faço votos pelo regresso do Poirot. Quanto mais não seja, para servir de antídoto às fitas americanas sem imaginação, sem graça, sem verdade, onde a violência pela violência é a única razão de ser. Filmes como Poirot contêm em si próprios elementos de distanciação que já são um convite à reflexão e à distensão. Lembra-se dos *Vingadores*? Lembra-se como eles se riam de si próprios, como quem quer dizer que tudo aquilo fora um jogo, uma brincadeira? Os telefilmes americanos, como todas as pessoas estúpidas, levam tudo a sério.

Conta-gotas

Esta vai como uma espécie de complemento ao *Dia Especial*.

Fala-se da reconversão da indústria americana para defender o ozono. Importaria em qualquer coisa como três biliões de dólares. Comentário de um industrial: — Seria uma catástrofe para o negócio!

Vês, Terra? Tens de morrer mesmo. Para salvar o negócio.

Ainda a propósito, lembro-me de uma frase ouvida no *Dia Especial* e que vem agora a propósito. Assim: — Antigamente havia caçadores e produtores. Agora há devedores e credores...

Pobre Terra. Não te safas.

Depois de tanto, tanto tempo de ausência (com algumas vozes off pelo meio ou aparições fortuitas) Paula Magalhães voltou ao *Telejornal*, formato *Jornal de Domingo*, como locutora coordena-

nadora. Reapareceu em forma.

Veja só se consegue mexer menos os lábios. Articular, articula bem. Faça-o (procura fazê-lo) menos ostensivamente. Há técnicas para isso.

Foi há dias, no *Jornal da Tarde*, Judite de Sousa tinha de dizer *desburocratização*. Tropeçou. Remediu tudo, com um sorriso. Um bom profissional é assim que faz.

Certo. Mas ainda bem que não fui eu. Morria de susto e não conseguia chegar ao fim da palavra.

Tenhamos fé em Deus, em nós próprios e na Humanidade para construirmos um mundo melhor.

Dou um doce a quem adivinhar quem disse estas palavras. Não puxes pela cabeça, leitor. Nunca adivinharás. Pois fica sabendo que foi Rockefeller.

De que é que te estás a rir?

Duas adivinhas para ti, que és, como eu, grande telespectador.

— Qual o país, qual é ele onde se realizam os campeonatos nacionais de atletismo com as bancadas do estádio completamente às moscas?

Se respondeste Portugal, parabéns. Adivinhaste.

— Qual foi o político que disse: *Portugal já saiu da cauda da Europa*?

O prof. Cavaco Silva, claro. Quem havia de ser?...

Crime. Compensa ou não?

A *Hora da Verdade* vai para férias. Descansa em Agosto, voltará em Setembro. Oxalá volte. Oxalá. Ouvi uns zunzuns, mas não deve ser verdade. Lá ficava órfã mais uma hora...

A última emissão do ano foi das mais notáveis. Rui Araújo assinou um dos seus melhores trabalhos. Imaginativo, dinâmico, espécie do «cinema-verdade». Este seu *No Calor da Noite* (candidato sério a uma distinção) tinha sabor de hillstreetzinho, naquele striptease nocturno

de uma cidade como Lisboa que já vai tendo o seu cadastro de violência e que, pelos modos, ainda terá mais, pois — como disse um popular — «é natural, visto que Portugal já faz parte da CEE».

Registem-se, antes que me esqueça, os operadores que tiveram tão grande influência neste documentário: João Filipe, Manuel Carvalho, Nuno Jorge e Isabel Rocha.

Uma emissão sem nada para deitar fora, das imagens às palavras. Foi proveitoso ouvir o sociólogo Rogério Canhões, o médico Gustavo Rodrigues, a médica Maria José Lobo Fernandes (com esta sociedade e com estas famílias) as crianças vão tornar-se marginais e até criminosos... que se tem distinguido na denúncia e no combate aos maus tratos das crianças. Igualmente porque seria praticamente impossível no espaço disponível transcrever as palavras judiciosas, citem-se ao menos os nomes do comissário-principal Manuel Ferreira, dos médicos João Sequeira e Nuno Miguel, participantes da mesa-redonda.

Mas a personagem principal da segunda parte do programa viria a ser o Diogo que cumpre uma pena de 19 anos de prisão.

Com uma extraordinária facilidade de expressão, Diogo relata-nos a sua trajetória desde a primeira prisão que conheceu ainda miúdo (o pai fechou-o três meses na casa de banho, como castigo de agravos escolares...) até à primeira prisão oficial, aos 17 anos. Entretanto, «evoluiu». Na prisão deve ter aprendido muito. Tornou-se chefe de um «gang». Nunca matou nem ofendeu honra de mulher. Apesar disso, teve pena mais pesada do que se o tivesse feito. Donde conclui, que nem um bom marxista, que nesta sociedade os crimes contra a propriedade privada são os mais condenáveis. Margarida Marante avança com o velho dito de que o crime não compensa. E o Diogo, com um saber de experiência feito:

— Não compensa se for um crime pequeno. Onde estou não há tubarões presos...

Pronto. Ficaria para aqui a contar o que vi e ouvi nesta *Hora da Verdade*. Impossível. Recorde-se, apenas, como se prova, com ela, haver material para teledramáticos policiais «à portuguesa». Só nesta emissão (além do clima criado e que é um factor de tamanha importância) há pelo menos meia dúzia de histórias como óptimos pontos de partida. Porque esperais telescritores e realizadores do meu país?

Nota pessoal. Como me encontrava doente na quinta-feira, gravei o programa e vi-o no domingo. Acabei o visionamento quando já ia a meio o negregado, famigerado oito e oitenta, com o Júlio Isidro e as suas pobres crianças. Uma violência.

Depois admirem-se que esteja aumentando a criminalidade.

Mário Castrim

A VIDA NO SÉCULO XXI

ARTHUR C. CLARKE
A VIDA NO SÉCULO XXI

ARTHUR C. CLARKE

O fascínio de um futuro onde a tecnologia transforma a ciência-fantasia em ciência-realidade. O dia-a-dia numa estação orbital; a casa do futuro; o cinema e a TV; o desporto em 2019; a psiquiatria em 2019; o sexo no século XXI; os transportes; a escola; férias? nem pensar; um dia no escritório; a vida engana a morte; e dezenas de outros assuntos que serão realidade.

JAMAIŠ ESCRITO SOBRE O FUTURO
Prepare-se, é o mínimo que pode fazer.

EUROPA-AMERICA ...a memória no futuro

EXTRATERRESTRES

Com a colaboração de cientistas do MIT, NASA, e das Universidades de HARVARD, CORNELL, ROCHESTER.

Especialistas nos mais variados ramos do saber continuam o diálogo iniciado há anos por Sagan e Chklovsky. Filósofos, geneticistas, astrofísicos, matemáticos, zoólogos, etc. reflectem sobre a inteligência extraterrestre. As certezas e as dúvidas aí estão no novo livro EXTRATERRESTRES.



A NOVA DIMENSÃO DE «NÃO ESTAMOS SÓS»
Acessível a qualquer leitor... inteligente.

CULTURA E ESPECTÁCULOS

CRÓNICA DE TOUROS

Praça de Touros do Campo Pequeno. Quinta-feira, 28 de Junho de 1990. Touros de Maria Guiomar Cortes de Moura para Joaquim Bastinhas, António Ribeiro Telles, Maria Sara e forcados amadores de Lisboa e do Montijo.

O Hino tocou duas vezes

Primeira nocturna da temporada lisboeta, integrada nas festas da cidade, conforme rezava o cartaz, sem referir a desusada solenidade, eis que chega à tribuna o Presidente da República em pessoa, acompanhado pelo presidente da Câmara Municipal, o dr. Mário Soares e o dr. Jorge Sampaio trazem ar bem disposto, logo trocado pelo semblante de circunstância quando a Banda Artística Lisboense arranca com o hino nacional, as sonoridades da Banda Artística Lisboense não são propriamente as mais adequadas ao épico das estrofas, heróis do mar, nobre povo, fazedor valente, imortal, mas também não era caso para ir chamar a banda da Guarda Nacional Republicana, ou mesmo trazer de Alcochete a da Sociedade Imparcial 15 de Janeiro de 1898, se a temporada do Campo Pequeno não se anuncia com nada de novo, razão não havia para inaugurar as nocturnas trazendo banda nova, só para satisfação de meia dúzia de rigorosos, desses que exigem que os músicos toquem todos ao mesmo tempo, não se contentam com que toquem todos a mesma música, aliás pela parte do dr. Soares não houve problemas, assim que acabou

o hino voltou ao sorriso que trazia, e no final foi a mesma coisa, a Artística Lisboense tornou a tocar a Portuguesa em despedida a Sua Excelência, era uma da manhã já não era hora de contra os canhões, marchar, marchar, era hora de ir para casa, e o nosso Presidente ainda bateu mais umas palmas, com o mesmo sorriso fresco de presidente de todos os portugueses que vão à tourada, até dos que no final dela atiram almofadas para a arena, é um gesto que lhes dá gozo, um desabafo de proibida felicidade.

Passando aos factos propriamente ditos: os touros de dona Maria Guiomar, resumidos nessa palavra que a giria emprega, «serviram». Ou seja, deixaram-se tourear. Não havendo o castigo das varas, ficou a suspeita de que nele confirmariam a tendência para lhe faltarem as mãos, que alguns acusaram e o quarto levou ao extremo de se deitar no final da lide. Já o quinto não enfermou desse mal das pernas, e muito menos do pescoço: sabe-se como é bravo o louro e jovem Joaquim Penetra, quatro vezes citou e quatro vezes foi despedido, inconformado acabou deixando o sistema da fileirinha

bacana, como aquela brasileira chamava à pega de caras, salvou a face com o recurso a uma cernelha decidida, sozinho mas sem guerra por aí além.

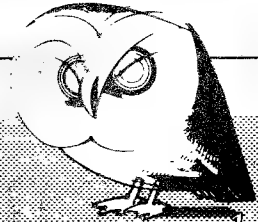
De Joaquim Bastinhas não direi que tenha perdido de vez a guerra, mas vencedor não foi da batalha desta noite. Sem relevo foi a lide equivocada no brando primeiro, nos compridos chamando de largo um touro que diminuído lhe chegava, e nos curtos circulando desnecessariamente, num castigo prévio que ao consumir das sortes não deixava ponta de emoção. Mais garra pôs no quarto, fechou com os dois pares da praxe, mas apesar da vibração não saiu Bastinhas desse trivial repetitivo em que o cavaleiro alentejano ameaça cair, deixar que no caminho entre o seu sorriso e as bancadas esmoreça a alegria.

António Telles, não é descobrir a pólvora dizer que representa hoje o classicismo do toureiro a cavalo, a pureza das suas regras, mérito aflorado nesta noite, mesmo sem atingir grandes alturas. Aliviou-se nos compridos ao seu primeiro, e só em dois curtos de frente, excelentes, correpondeu à justeza serena duma brega ligada. E outra vez

medido esteve no quinto, sem os alardes que guardou para a concessão final do violino e do ferro de palmo, dessas sortes que fazem maior o entusiasmo do povo, que se há-de fazer.

Maria Sara, vinda das Franças, pôs na noite o grácil toque feminino, que ajuda ao aplauso, cortado por uns assobios soltos quando no terceiro deixou colher o cavalo contra as tábuas. Mas ela do apuro saiu sem perder os papéis, com vista e desembaraço foi torneando suas limitações, as visíveis dificuldades para levar os cavalos ao sítio, logrou com decoro despachar a ferragem, no último da noite caprichou mesmo em dois curtos de frente, para acabar a lide cravando um par a duas mãos, quem diria que as farpas iam ficar ali, no sítio. Ou seja, sem a escola da sempre lembrada Conchita, ganhou Maria Sara o direito à geral benevolência, acrescentada deve ser se tivermos em conta que ficou a sua quadra além Pireneus, toureou em cavalos que por cá lhe emprestaram, e do atrevimento saiu sem a frágil figura desmanchar, nem amarelo se lhe pôr o sorriso.

Sollóquio



olhar de mocho

Parabólicas

A teimosia asinina em manter o actual monopólio televisivo nas mãos do partido do Governo, contrariando os elementares princípios democráticos e a realidade política que, neste capítulo, já faz parte dos direitos inalienáveis da Comunidade Europeia, é, bem vistas as coisas, um prolongamento subtil da política de informação e de cultura que o Salazar praticou. Em democracia nem todos os meios são lícitos para manter o Poder nas unhas, e embora as regras da manipulação sejam de contornos extraordinariamente difíceis de traçar a rigor, contudo, o isolamento em que nos terrenos da política de Comunicação Social a nossa democracia formal continua, pode levar a consequências imprevisíveis.

Para já temos as parabólicas, cada vez mais proliferadas e que trazem ao observador nacional fatias de entretenimento e de espectáculo desportivo para desenhar da programação oficial. No campo da Informação e das notícias, é claro que as parabólicas ainda não fazem sombra à 5 de Outubro. Mas fica a marca cada vez mais nítida de existir uma diferença entre o produto da produtora nacional monopolista e a livre circulação de programas. Mas se as coisas se agravarem no campo da intransigência governamental em abrir canais privados, não repugna a hipótese de se repetirem os «dias da rádio»: quando portugueses ligavam rádios estrangeiras para saber o que se passava em Portugal. Não é de excluir que algum empresário mais afoito acabe por descobrir o buraco do mercado e passe a transmitir notícias em português nalgum espaço comprado aos operadores de satélites, financiando-o com a necessária dose de publicidade. Entre políticos e especialistas do assunto há muito tempo que está dito e redito que a democracia do futuro será uma democracia televisiva, a primeira vez que eu ouvi a frase foi há dez anos ao então chanceler Helmut Schmidt. O jogo e o fascínio da democracia consiste precisamente em sair a terreiro em igualdade de oportunidades para enfrentar os adversários. Curiosamente esse mesmo Helmut Schmidt extremamente crítico no que diz respeito à televisão como droga e que até sugeriu haver um dia por semana sem televisão para as pessoas poderem conversar novamente, nada fez para travar ou adiar os canais privados de televisão.

Estamos, pois, no campo em que televisão monopolista e canais privados nos fazem recordar a informação dos jornais «Diário da Manhã» e «Época». De pouco servirá afirmar que não existe censura prévia. Também não adianta autorizar a comercialização das parabólicas, se o que está em jogo é saber se existe ou não o monopólio e que tal monopólio está todo orquestrado para as eleições legislativas de 91. Recomeça-se a sentir vergonha de ser português, os simpáticos atrasadinhos mentais do Sul da Europa, que ainda não aprenderam a construir estradas sem buracos, a fornecer água potável ao domicílio, 12 meses por ano e quatro semanas por mês, e que têm de recorrer às parabólicas para tirar todo o proveito dos televisores que compraram e saberem como é que lá fora se pratica a política de Comunicação Social. A matriz salazarista do isolacionismo continua a regular o ritmo dos políticos do Governo à velocidade constante.



José Sousa Monteiro



B R E V E S

Rolling Stones na Checoslováquia

Os Rolling Stones vão actuar dia 18 de Agosto em Praga, na que é a sua primeira apresentação na Checoslováquia. O concerto realiza-se no «Strahov Sports Stadium», cuja capacidade para 200 mil pessoas será reduzida a metade para este espectáculo. O presidente checoslovaco Vaclav Havel assistirá ao concerto.

Homenagem ao arquitecto Januário Godinho

Decorrerá a partir das 14 e 30 de hoje, na sala 3 da Fundação Gulbenkian, um encontro em memória do arquitecto Januário Godinho. Esta homenagem é promovida por um grupo de arquitectos de Lisboa. Orientarão a sessão os arquitectos Maria Manuel Godinho de Almeida, Vítor Figueiredo, Nuno Portas e Duarte Cabral de Mello.

Morreu Jean-Marie Benoist

O filósofo francês Jean-Marie Benoist, protagonista de uma crítica radical à ideologia marxista, na sequência dos acontecimentos de Maio de 1968 em França, faleceu ontem, com 48 anos, vítima de cancro.

IV Feira do Livro de Cascais é um êxito

A quarta feira do livro de Cascais, a decorrer até sábado no jardim Visconde da Luz, está a registar um êxito que já ultrapassou todas as expectativas, com um índice de vendas 300 por cento superior ao verificado em 1989.

LISGRÁFICA IMPRESSÃO E ARTES GRÁFICAS, S.A.

Sede: Casal de Santa Leopoldina — Queluz de Baixo
Capital Social: 900 000 000\$00
Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Oeiras sob o n.º 2184

Contribuinte n.º 500166587

OBRIGAÇÕES LISGRÁFICA/88

Pagamento de juros — Cupão n.º 4

Avisam-se os Senhores Obrigacionistas que a partir do dia 15 de Agosto de 1990 se encontra a pagamento o cupão n.º 4 aos balcões do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa.

Juro líquido por obrigação 85\$00
IRS/IRC (6%) - 5\$10

Juro líquido por obrigação 79\$90

Lisboa, 30 de Julho de 1990
O Conselho de Administração
Ass. ilegível

ECONOMIA

Mais quatro milhões da CEE para agricultura portuguesa

Do nosso correspondente em Bruxelas

Ascende a três milhões e 780 mil contos a verba destinada a um programa operacional para a reconstrução do potencial produtivo agrícola português, gravemente afectado pelas intempéries do último Outono/Inverno.

O comissário Mac Sharry anunciou esta decisão esclarecendo tratar-se de uma acção solidária das Comunidades para com os agricultores portugueses, vítimas das más condições climáticas em 1989.

A contribuição, proveniente do orçamento do FEOGA Orientação, destina-se a um programa de quatro anos e a intervenção comunitária far-se-á sentir, sobretudo, no decorrer dos dois primeiros anos.

O programa prevê a reconstrução de infra-estruturas agrícolas privadas e colectivas, a bonificação de créditos e a reinstalação de culturas, explorações e centros de experimentação.

J.R.C.

Défice comercial aumenta nos países industrializados

No primeiro trimestre de 1990, o défice da balança comercial dos países industrializados ascendeu a 32 mil milhões de dólares norte-americanos contra 24 mil e 300 milhões alcançados no mesmo período do ano passado, segundo um estudo esta semana divulgado pelo Fundo Monetário Internacional.

De acordo com o FMI, o incremento dos ingressos de exportação bem como os gastos relativos a importações sofreram um aumento de 31,6 por cento.

As exportações, no período em análise, aumentaram em 10,9 por cento em relação a 1989, atingindo os 578 500 milhões de dólares, enquanto as importações atingiram os 610 600 milhões.

A RFA e a Itália foram os dois países que maior crescimento registaram em termos de exportações e importações, em bora o *superavit* alemão tenha aumentado de 2300 milhões de dólares.

No caso dos EUA, o défice registou uma diminuição de mais de cinco por cento, ou seja 27 600 milhões de dólares, no primeiro-trimestre de 1990 contra 29 100 registados no mesmo período de 1989, mas mantiveram o seu lugar de primeiro importador mundial.

O Japão, por sua vez, viu o seu excedente baixar para 12 300 milhões de dólares face aos 17 100 milhões alcançados no primeiro trimestre de 1989.

Moçambique: investimentos dependentes da paz

Bullosa, Champallimaud, Belmiro de Azevedo e Leitão e Irmãos interessados em instalar empresas

O desejo, por parte dos empresários portugueses, em investir em Moçambique é sintoma de que a paz naquele país é uma necessidade urgente. É o caso de Manuel Bullosa que está interessado em reintroduzir em Moçambique a sua distribuidora de combustíveis Sonap, a qual labora na África do Sul.

Este empresário que conta já 84 anos de idade comprometeu-se, por outro lado, ao ser recebido em Maputo pelo primeiro-ministro Mário Machungo, a repor em funcionamento a sua refinaria Sonarep, na Matola, avançando também com propostas de trabalho na metal-mecânica e pescas.

As áreas da indústria automóvel, cimentos, algodão e supermercados são sectores em que os empresários portugueses desejam igualmente investir, nomeadamente António Champallimaud, Belmiro de Azevedo e a produtora algodoeira Leitão e Irmãos.

«Não há nenhuma factura a apresentar pelo passado dos portugueses», salientou Mário Machungo, respondendo a Manuel Bullosa que sublinhava a necessidade de os empresários portugueses serem tratados de um modo



Maputo quer investimentos, investidores querem paz

igual pelas autoridades de Moçambique.

Champallimaud quer repor em funcionamento as três cimenteiras em Maputo, Beira e Nacala, a Mocar propõe construir *jeps* UMM e a Sonae está interessada em abrir uma rede de supermercados.

Manuel Bullosa, a propósito dos petróleos, disse à Lusa que só lhe interessa repor em

funcionamento a refinaria na Matola quando a paz em Moçambique permitir uma distribuição a todo o país e as nações vizinhas, pois já na década de 70 a Sonarep produzia 800 mil toneladas por ano de combustíveis. Embora laborem já em Moçambique distribuidoras estrangeiras, Bullosa deseja um tratamento igual para a Sonap que con-

corre na África do Sul, associada à francesa Total, com a Shell e com a norte-americana Caltex. O mesmo empresário insistiu no desejo de obter um tratamento de igualdade nas actividades pesqueiras nas águas de Moçambique onde as principais frotas estrangeiras a laborar são espanholas, soviéticas e japonesas.

«DL»/Lusa

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	43835	49835
ALEMANHA FED. (marco)	87820	88840
AUSTRIA (xelim)	12840	12860
BÉLGICA (franco)	48055	48385
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	121990	124840
(notas de 5 a 1000)	122990	124890
DINAMARCA (coroa)	22885	23825
ESPAÑA (peseta)	18383	18503
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	140870	144820
(notas de 5 a 1000)	141820	144870
FINLÂNDIA (marca)	37985	37965
FRANÇA (franco)	26800	26870
HOLANDA (florim)	77840	78850
IRLÂNDIA (libra)	235800	239800
ITÁLIA (lira)	\$108	\$123
JAPÃO (iene)	\$903	\$958
NORUEGA (coroa)	22855	23805
REINO UNIDO (libra)	259800	263850
SUÉCIA (coroa)	23885	24835
SUÍÇA (franco)	102855	104805
VENEZUELA (bolívar)	24537	38337

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Marconi mais actuante nos cabos submarinos

Foi entregue à Marconi a prestação de serviços relativos às sondagens do sistema submarino Euráfrica, que liga Portugal à França e a Marrocos, o qual utiliza as mais modernas tecnologias ópticas e tem um custo estimado em 20 milhões de contos. Os resultados finais deverão ser entregues em Outubro próximo à empresa francesa Submarco, fornecedora do sistema submarino.

A candidatura da Marconi a este serviço tem por objectivo alargar a sua actuação no domínio dos cabos submarinos, adquirindo e consolidando experiência na sua instalação.

Para a realização dos trabalhos oceanográficos, hidrográficos e geológicos, a Marconi subcontratou o Instituto Hidrográfico Português, que realizou estes

trabalhos com dois dos seus navios: «Almeida de Carvalho» e «Auriga».

Os trabalhos das sondagens estão na fase terminal, tendo os resultados deste empreendimento conjunto entre as duas organizações portuguesas sido «francamente positivos», quer directamente por si quer ainda pela cooperação e troca de experiências que possibilitou.

As mais avançadas tecnologias, nomeadamente de concepção e desenvolvimento nacional, foram utilizadas neste trabalho, tendo-se recorrido, pela primeira vez, a um sistema integrado de navegação, onde se salienta o sistema de posicionamento por satélites GPS/Navstar (Global Positioning System), tendo sido utilizados sinais de 13 satélites.

Para a aquisição, registo e tratamento dos dados de posicionamento e

sondagem e igualmente para a condução dos navios os percursos de trabalho foram nestes dotados dos sistemas de aquisição e processamento de dados Hidrosis, recentemente desenvolvido no Centro de Informática Científica do Instituto Hidrográfico.

Nos levantamentos costeiros despenderam-se 29 dias, foram cobertos 1400 quilómetros com levantamentos geofísicos e colheram-se 46 amostras de fundo. Nos levantamentos oceânicos foram gastos 32 dias, cobrindo sete mil quilómetros em sondagem de alta precisão.

Segundo a Marconi, para além do desafio tecnológico que o projecto constitui, ele trouxe ainda a oportunidade de alargar o campo de actividade do Instituto Hidrográfico a países estrangeiros.

Exploração de águas tem taxas actualizadas

A prospecção, pesquisa e exploração dos recursos geológicos passam a ter novas taxas. Uma portaria dos Ministérios das Finanças e da Indústria e Energia define essas taxas relativas ao exercício da actividade de apro-

veitamento das águas de nascente, que passam a variar entre os 20 mil escudos, para transmissão de licença de estabelecimento, e os 50 mil, para atribuição de licença de estabelecimento.

Para o aproveitamento das

águas mineromedicinais ou de águas minerais naturais, as taxas variam entre 10 mil escudos, para prorrogação do período de pesquisa, e os 75 mil, para contrato de concessão.

No que se refere ao aproveitamento de recursos geotérmicos, as taxas situam-se entre os 10 mil escudos, para prorrogação do período de pesquisa ou do contrato de concessão, e os 75 mil, para contrato de concessão.

DESPORTO

No exterior dos recintos desportivos

Policiamento será pago pelo Estado

Os clubes desportivos deixam de suportar os elevados custos com o policiamento exterior dos respectivos recintos, responsabilizando-se apenas por metade dos custos com a segurança efectuada no interior dos mesmos espaços desportivos.

Esta medida foi ontem assumida pelo Governo, numa reunião que decorreu no Ministério da Educação, e na qual participaram o titular da pasta, Roberto Carneiro, o seu colega da Administração Interna, Manuel Pereira, Valentim Loureiro e João Santos, em representação da Liga dos Clubes, Luís Santos, em representação do desporto federado, João Rodrigues, presidente da Federação Portuguesa de Futebol, e João Castelo Branco, subdirector da Direcção-Geral dos Desportos.

«O Governo mostrou bastante compreensão para este problema, possibilitando a

ultrapassagem do mesmo. A partir de agora, o policiamento exercido no exterior dos recintos desportivos será totalmente suportado pelo Estado, cabendo aos clubes responsabilizarem-se por 50 por cento dos custos da segurança interior», anunciou Valentim Loureiro no final da reunião.

O Estado será igualmente responsável pelo custo do transporte dos contingentes policiais nas deslocações para os recintos desportivos, sendo de salientar ainda o facto de estas medidas contemplarem recintos abertos e fechados, e no caso do futebol abrangem os clubes que disputam não só a Primeira, mas também os da Segunda e Terceira Divisões nacionais.

Por outro lado, o policiamento nos recintos onde se disputam provas regionais será integralmente custeado pelo Estado, estando o Governo a preparar uma taxa, de per-

centagem ainda não definida, a qual incidirá no custo facial dos bilhetes de ingresso.

A receita saída deste imposto e a que resulta da fatia (1,5 por cento) extraída do Totoloto serão, digamos, as contrapartidas financeiras com que o Estado conta para abrir mão da quota-parte de responsabilidade ora assumida na área do policiamento.

O acordo agora assumido vai ser consignado em decreto-lei, e entra em vigor a partir desse anúncio.

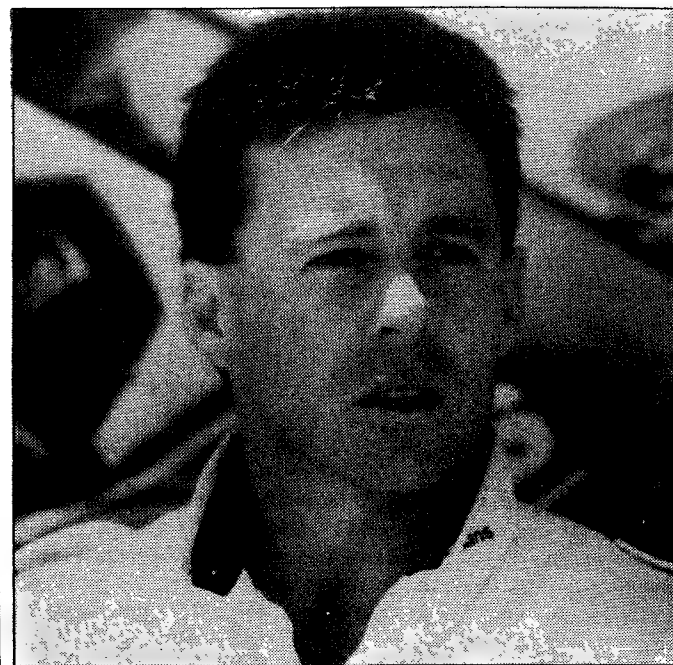
Refira-se, entretanto, que as medidas anunciadas vão incidir sobre as seguintes modalidades: futebol, andebol, hóquei em patins e basquetebol.

Roberto Carneiro, embora realçando o facto de Portugal ter uma atitude pacífica histórica face ao desporto, não deixou, contudo, de salientar que «existe realmente um aumento de violência, o que nos causa certa preocupação. Para se exercer uma adequada vigi-

lância no exterior dos recintos, tornou-se necessário proceder a um reequacionamento do processo», sublinhou o ministro da Educação, para acrescentar de seguida que «por vezes se requer número excessivo de agentes para provas de menor impacto, como jogos de juvenis, por exemplo».

Encontrar um consenso para a revisão dos regulamentos federativos nesta área é a medida que Roberto Carneiro considera mais adequada, de molde a serem requisitados apenas os efectivos estritamente necessários.

«A insuficiência de verbas juntou-se um novo factor negativo: o aumento de 40 clubes nas provas nacionais, com a criação da Divisão de Honra. Todavia, com a boa-vontade de todas as partes, foi possível o consenso que resultou nas medidas agora anunciadas», rematou o titular da pasta da Educação.



«Mundial» de motociclismo

Inglaterra estimula Gardner

A Inglaterra foi o país escolhido por Wayne Gardner para fazer a sua aprendizagem no mundo do motociclismo. Os resultados então obtidos na equipa da Honda britânica consagraram-no ainda antes de enveredar pelos grandes prémios, levando-o a alcançar o título de Campeão do Mundo em 1987.

No entanto, Gardner nunca ganhou o Grande Prémio britânico desde que, há três anos, a prova mudou de Silverstone para Donington Park.

Quando há cerca de duas semanas conquistou o 2º lugar em Le Mans, Gardner não escondeu que, no próximo domingo, gostaria de ganhar em Donington Park, onde correu com Barry Sheene e Ron Haslam, nos seus primeiros tempos.

«O público britânico adoptou-me quando lá vivi, e gostaria muito de oferecer-lhes uma vitória», disse Gardner, acrescentando: «Espero bem que o meu azar tenha acabado, e que melhor lugar para ganhar que Donington?»

O também australiano Michael Doohan só correu uma vez o ano passado nesta pista britânica, afirmando que gostou dela e esperando obter um bom resultado no domingo que lhe permita consolidar a sua 3ª posição no campeonato.

A corrida ao título de 250 c.c. foi agora aberta pelo facto do líder do campeonato, John Kocinski, ter caído em Le Mans, reduzindo-se assim em apenas sete pontos a sua vantagem sobre o espanhol Carlos Cardus.

J.F.

Futebol: figuras e factos

Foi o próprio João Rodrigues quem me contactou no sentido de libertar o Norton de Matos como treinador do Atlético e nós, como direcção do clube, não colocámos qualquer entrave à sua saída, tal como tínhamos prometido ao próprio Norton de Matos. A afirmação cabe a Nuno Boneville, antigo e actual dirigente do clube de Alcântara, e vem contrariar tudo quanto sobre o assunto tem vindo a ser proferido pelo presidente da Federação Portuguesa de Futebol. Na entrevista concedida ao matutino «Público» Nuno Boneville anuncia disponibilidade para confirmar aquelas afirmações em tribu-

nal. Mais um caso criado pelo actual executivo federativo a juntar a muitos outros o que evidencia de que o reino continua podre na Praça da Alegria.

Benfica: «chapa nove»

O Benfica que continua em fase de preparação na Suécia venceu, ontem, a selecção de Boras, pela contundente marca de 9-0. Valdo e Rui Águas bisaram nos remates certos, tendo Paneira, Thern, Schwarz, Sanchez e Vata obtido os demais golos. Quanto à formação Eriksson determinou a seguinte: Silvino; Sa-

mul; José Carlos, Paneira, Veloso e Fernando Mendes; Schwarz, Valdo e Thern; Rui Águas e Isafas tendo ainda jogado Vata, Paulo Madeira, Pacheco, Sanchez, César Brito e Lima.

Futebol por cá

Por cá a maioria das equipas vão testando o «quadro ideal» através da realização de «amistosos». Vejamos os resultados dos últimos confrontos: Porto, 1 - V. Setúbal, 1; Braga, 1 - Beira Mar, 0; Torreense, 0 - Belenenses, 1; Salgueiros, 2 - Boavista, 3; Maia, 2 - Penafiel, 1; Tirsense, 2 -

Varzim, 1; U. Leiria, 0 - Estrela da Amadora, 1; Académico de Viseu, 0 - Sporting, 0; Farense, 5 - Lusitano de Vila Real, 0.

Silas regressou

O brasileiro Silas regressou ontem a Lisboa juntamente com a mulher (Elia) e o filho (Natan) e hoje apresentou-se em Alvalade para esclarecer a demora no retorno e recomençar o trabalho. Quanto à possibilidade de ser transferido afirma: «Só no caso de me ser oferecido um contrato que seja vantajoso para o Sporting e compensador para mim».

assim vai o

totobola

Penalti: 111 121 111 12X1; O Algarve: 111 XIX 112 X121; Jornal de Amarante: 111 1X1 112 1111; Jornal da Beira: 111 1X1 111 X211; O Comércio de Leixões: 1X1 X11 XIX 1X1X; De Tudo Um Pouco: 111 1X1 111 1111; Correio de Coimbra: 111 XX1 112 11X1; Correio do Vouga: 111 X11 XIX XX11; A Defesa: 111 11X XX2 1X12; Diário de Lisboa: 111 XX1 11X 1111; Diário de Viseu: 111 121 1XX X112; Folha do Domingo: 111 1X1 111 1X11; Ecos de Cacia: 11X 111 11X 11X1; Eu Sei Tudo: 111 2XX 111 12X2; Jornal de Felgueiras: 111 X21 XIX XX1X; Jornal de Gaia: 111 X21 X12 11X1; O Almonda: 111 XXX 111 1XX1; Rádio Guarda: XIX 211 22X 11XX; Jornal da Graça: XX2 XX1 212 X22X; Rádio Totobola: 11X

X11 XX1 111X; Jornal da Lixa: 111 111 111 1111; Maria da Fonte: 111 111 111 XX11; O Mensageiro: 111 XX1 11X 2XX1; No Estádio e No Estádio: 111 1XX 112 11X1; Notícias de Felgueiras: 111 X21 XIX XX1X; Notícias de Gouveia: X21 121 211 2112; Notícias de Viseu: X11 121 XX2 111X; Quadrante Norte: 111 111 X1X 1111; Semanário da Região Bairrada: 111 X11 11X X1XX; Bom Dia/Rádio Comercial: 111 121 21X 1121; Tempo e Resultados/Rádio Comercial: 111 111 11X 11X1; Secção Desportiva/Rádio Comercial: 111 XX1 X12 1X11; Tempo de Desporto/Rádio Comercial: X11 121 X11 1X1X; Resenha Desportiva: X11 121 111 11X1; Alvo Desportivo: 111 111 11X 11X1; Rádio Alvo: 111 X11 112 X11X; Alvo: X11 X21 11X

1XX1; Alvo Suplemento: 111 111 111 2X1X; A Voz do Domingo: 11X X11 1X1 1X11; Voz de Lamego: 111 111 X2X 1211; A Voz dos Ridículos: 111 211 XIX 2XX2; Desporto/Rádio Guarda: 22X 21X 1X2 XX21; Contacto/Rádio Guarda: XX1 112 X21 22XX; Encontro Com a Manhã/Rádio Guarda: X11 X2X 2XX X112; Meia Tarde/Rádio Guarda: 111 1X1 112 1X21; Convidámos Para Lanchar/Rádio Guarda: XX2 XIX XX1 11XX; Tarde Desportiva/Antena 1: 1X1 1X2 212 2121; Livre e Directo/Antena 1: X12 21X 12X 1XX2; Um Caso Por Semana/Rádio Covilhã: 111 1X1 X12 XIXX; Foi Notícia/Rádio Covilhã: 111 X21 112 X111; Desporto e Música/Rádio Covilhã: 111 XX1 111 12X1; Cultura e Recreio/Rádio Covilhã: 11X X12 X11 X221; De Tudo Um Pou-

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO

PARA O CONCURSO N.º 31/90 DE 5 DE AGOSTO DE 1990

	RESUMO			BOLAS (°)		
	1	X	2	1	X	2
1. Nantes - Metz	46	11	2	9	2	1
2. Bordéus - Lille	51	6	2	10	1	1
3. Marselha - Caen	48	7	4	10	1	1
4. Toulouse - Lyon	29	25	5	6	5	1
5. Cannes - Auxerre	27	18	14	5	4	3
6. Mónaco - Montpellier	44	12	3	9	2	1
7. Saint Etienne - Nice	34	18	7	7	4	1
8. Paris SG - Toulon	47	8	4	9	2	1
9. Aarau - Servette	21	21	17	4	4	4
10. Grasshopper - Young Boys	33	19	7	7	4	1
11. Lugano - Lucerna	30	21	8	6	4	2
12. Sion - St. Gallen	31	20	8	6	4	2
13. Neuchatel - Zurique	34	17	8	7	3	2

(a) Nos termos do Art.º 14º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «CHAVE» LÓGICA SERÁ:
111 111 111 ou X 1111

co/Rádio Covilhã: 211 11X 212 X111; Defesa de Espinho: 111 X11 X11 2X1X; Jornal Litoral:

111 111 11X 1X1X; RR/Desporto: 1X1 12X 111 11X2; RR/Bola Branca: 11X 1X1 11X X111; 112 X111; Jornal 1X2: 111 XX1 111 1X21.

DESPORTO

52.ª VOLTA
A PORTUGAL

Nem chove nem a volta aquece

NEVES DE SOUSA
Nosso enviado especial

Não é para vos assustar mas, quem for agora demandar o Algarve e calhe a escoller a ligação entre Évora e Vila Real de Santo António, não venha enganado: ontem, a caravana volitiva consumiu no mesmo percurso mas em sentido inverso, apenas e só 2000 litros de água e mais de 1200 de Coca-Cola, devorou 2600 iogurtes, aviuu fruta até dizer acabou, tudo foi para o buxo, desde leite a laranjadas e gasosas.

Destilar é termo poupado demais: aquilo foi de torrar em churrasco. Mas, se a malta dentro dos carros ia incendiada e mal podia soltar meiadúzia de palavras, imagine-se o suplício que terá sido para os ciclistas, especialmente para aquele mocinho taviense, Paulo Silva de seu nome, 97 no dorsal e nada de comum com o homónimo que, ao serviço do Ruquita/Philips/Ferrense, continua defendendo brilhantemente o símbolo cor de sol.

O embaixador algarvio na mais que solitária escapada desenhou-se por largos 120 quilómetros e, como único provicito, ganhou duas metas volantes (Mértola e Vidigueira), embolsou 15 contos de prémio oficial e atenuou dez segundos no seu real tempo da prova. De resto, nem uma simples fatia de queijo, uma garrafita do bom tintol da região, tampouco uma camisola estampada de qualquer marca ou empresa. Nadinha mais: positivamente (o que se escreve com tom bem negativo) desapareceram os curiosos ou rentáveis prémios de passagem instituídos por particulares ou firmas admiradoras do ciclismo. Hoje, quem não se bate pelos Antónios Sérgio equacionados pela organização, está tramado: tudo o mais em que se esfarrapar não dá para uma talhada de melão.

Leve meditação

É pena. Quando os 106 artistas entraram no palco, adivinhava-se que todos estavam perante uma encruzi-

lhada: ou surgia um Manuel Zeferino que, como sucedeu em 1981 no traçado inverso, abalava à partida e limpava o sarampo à concorrência enfiando na mochila tal provicito temporal que, até ao fim da Volta, não mais iria perder a amarelhinha ou (fatalmente) iria acontecer uma chegada a Évora com o pelotão em quase plano.

Foi o que se viu. Joaquim Fernandes (Alguerra/Componauto/Aralmolde) tentou uma sapatada, Vital Simões (Bom Petisco/Tavira) foi o jogador imediato mas, aos 56 quilómetros (andávamos perto de Alamo) o taviense Paulo Silva deu à sola. E sozinho, sem vivalma ao lado, iria pedalar até aos 179km: em São Mamede, na terra do saudoso cavaleiro tauromáquico José Mestre Baptista, foi apanhado pelo grosso das hostes, mesmo de frente do árbitro Veiga Trigo que, no intervalo das fute-

não tivessem aparecido duas metas volantes, a algebeira ficava virgem, talvez porque com o desaparecimento do Porto, do Benfica, do Sporting, do Sangalhos, de quase todos os grandes potentados do ciclismo que tinham emblema clubista, também os patrocinadores torcem a respeito a qualquer convite para abrirem a gaveta, certamente porque o eclipse do Louletano e do Bombarralense, da Mako Jeans e da Ajacto, do Coimbra, do Águia de Alpiarça, do Águia Clock, da Ambar e da Coelima só foi compensado com a generosa aderência a desporto do pedal por parte de Mário Miranda de Almeida (Orima/Cantanhede), Álvaro Silva (Sicasal/Acril), do Ruquita e da Philips ajudando a turma da cidade da Feira, de novo impulso dado ao Lousa pela dupla Avibom/Valouro, da tentativa de sustentar Tavira rubricada pelo Bom Pe-

tisco, da Recer despertando os cordões à bolsa para o Boavista andar no espectáculo, da moçada do Alguerra que vai procurando levar a água ao seu moinho, que é como quem diz, não partir as canetas até chegar à meta final.

Sem pessimismo exagerado: estamos perante a realidade de ter sido necessário ir a Espanha pesquisar três equipas para, em vez dos 106 que começaram a pedalar na Lisboa Avenida da Liberdade, o presidente da edilidade capitalícia ter dado a partida apenas a 77 estradistas, vergonha absoluta se fizermos qualquer tipo de comparação com os 143 ciclistas, que, ainda no ano passado, estiveram na Volta conquistada pelo campeão Joaquim Gomes. E pergunta a ingenuidade do magaco: será que o ciclismo vai conseguir dar o salto sobre o fosso ou (forçosamente) irá ceder o passo ante outros desportos

(desde o andebol ao ténis, do atletismo ao hóquei em patins) que, por força dos símbolos clubistas que envolve ou pela projecção que lhe é conferida durante o resto do ano pela Comunicação Social, mais está conquistando a melhor e mais disponível juventude de um País flagelado por fantasmas que começam, na droga e vão por aí fora até pináculos negros que nunca se imaginaram?

Primeira abdicação

O primeiro golpe no exército apareceu: Salvador Alves (Alguerra/Componauto/Aralmolde) foi embora. Chegou ontem ao quilómetro 69 e disse que não contasse mais com ele. A sua odisséia terminara. Mas, antes de embalar a trouxa sentou-se para me contar:

— O meu nome completo? Salvador Vieira Alves. Nasci a

16 de Outubro de 1969, em Ovar, filho de Fernando Soares Alves e Maria Marques Vieira.

Uma pequena pausa:

— Acha que depois de ter desistido, alguém tem curiosidade em saber quem eu sou?

Lá foi soltando:

— Peso 60 quilos, tenho 1 e 68 de altura, sou solteiro e com muitas amigas... Moro na Carvalhada (Maceda), sou serralheiro mecânico, representei a Ovarense e o Travanca, com diversos patrocinadores. E tinha uma esperança: se, neste mundo de sobe e desce, tudo é imprevisível, porque é que não poderia (pelo menos) acabar a Volta?

O rapaz aparece como filósofo? Apenas um rasgo momentâneo, porque logo de seguida confessa:

— Gosto do Silvestre Stalone, não perco a telenovela, ouço todos os dias a Rádio Voz de Esmoris.

Assim. De jacto. Para logo acrescentar:

— Mas também aprecio os versos de Camões, Gorbachev e João Paulo II. Um dia destes resolvo-me e escolho noiva. Até lá é tempo para me divertir. Só esta desistência não estava nos meus planos...

Salvador Alves venceu muitos circuitos: de Travanca, de S. Roque, de Gondezende. E agora?

— Não vou perder a lição: para o ano cá estarei!

Resistente

Pertinho estava o José Rodrigues. Foi o 103.º em Évora e ninguém lhe ligou patavina, tudo estava já olhando o pódio onde o belga Dick Dekkers (Royal), que já na meta do Monte Gordo batera Paulo Pinto no «sprint» final, apertava a mão do rapazinho da Avibom/Valouro/Lousa e, numa confusa mistura de línguas, dizia uma dúzia de palavras para agradecer os 25 pacotes com que a comissão local ebo-rense para a Volta distinguiu o 1.º na cidade. Havia mais dinheiro para os melhores no último risco branco do dia: 15 contos para Paulo Pinto, sete e meio para Manuel Abreu (Sicasal/Acril), cinco para Carlos Santos (Landimar/Salgueiros), duas notas e meia para o espanhol Manuel Dominguez, da Seur. Cinco taças



Joaquim Gomes

SMALTEX

TINTAS
VERNIZES
DILUENTES

SMAL — Sociedade Mecânica
e Acessórios, Lda.

R. S. Sebastião da Pedreira, 29-1.
☎ 352 10 67 1000 LISBOA

boladas, parece que gosta de ir espreitar o ciclismo.

Uma machadada no rapazito aluno do eng. Brito da Marna. Tentou o mesmo que o colega Constâncio Reis fizera na viagem para Monte Gordo: a ambos o tiro entrou pela culatra. E, se o exemplo do esforço despendido em vão está patente no que aconteceu com o boavistense José Ferreira (que, na viagem para os casinos algarvios, também andou em fuga mas acabou por ficar na cave do edifício dos seus sonhos e, ontem, até Évora, andou sempre a um palmo do carro-vassoura, acusando nitidamente que lhe tinha sido exigido o que as forças não permitiam) também para os rapazes de Tavira os foguetes antes de se conferir se o conclave autorizava a festa acabaram por tombar no quintal. No caso de Paulo Silva, e se



Pedro Silva no topo da fila

TEMOS PARA VENDA

EM LISBOA: LOTES DE TERRENO — PRÉDIOS DEVOLUTOS
COM PROJECTO APROVADO EM TODAS AS ZONAS DA CIDADE
AOS MELHORES PREÇOS — HABITAÇÃO — ESCRITÓRIOS
— CENTROS COMERCIAIS — HOTÉIS — APARTHOTÉIS

CONTACTE-NOS:

Avenida D. Nuno Álvares Pereira, 65, 1.º, Esq. — 2000 ALMADA-PORTUGAL — Telef: (01) 274 42 35 - 274 42 57 — Fax 274 35 53 — Telex 61004 THALM P — Apartado 33 — ALMADA-PORTUGAL



DESPORTO



Marco com José Calado, Serafim Ferreira e José Santos

e os descontraídos e neutros beijinhos da Solange e de Délia, as rapariguinhas da Sica-sal/Acral que Álvaro Silva recrutou há três anos para sempre saltarem para o pódio depois de desfilar várias vezes entre a plateia das chegadas e das partidas, se possível cada vez mais descascadas.

Belezinhas precisam-se

Só que, este ano, a moda ganhou incremento: e, como já dissemos, a Coca-Cola contratou uma espectacular louraça e uma bonita moreninha para também se pavonearem o mais que puderem, sempre com justíssimas duas peças vermelhas a quase rebentarem pelas costuras. Uma delas, a

Cristina rainha das praias, anda viajando num círculo de admiração que passa pelos mais diferentes escalões etários, posições na vida e modos de encarar essa questão bem moderna e que diz respeito ao «marketing» e publicidade que movem montanhas. Por isso, o empresário da Orima/Cantanhede, o igualmente actualizado Mário Miranda de Almeida, espera esta tarde as duas modelos que também encomendou para Lisboa:

— Se forem o que me garantiram, são de espanto!

Talvez a visão das beldades aguice a cobiça dos corredores da firma de Corticeiro de Cima: ontem, o patrão tinha prometido 200 contos se um deles fosse vencedor em Évora, onde dispõe do seu melhor mercado de electrodomésticos. Poupança a massa mas ficou fechado e taciturno:

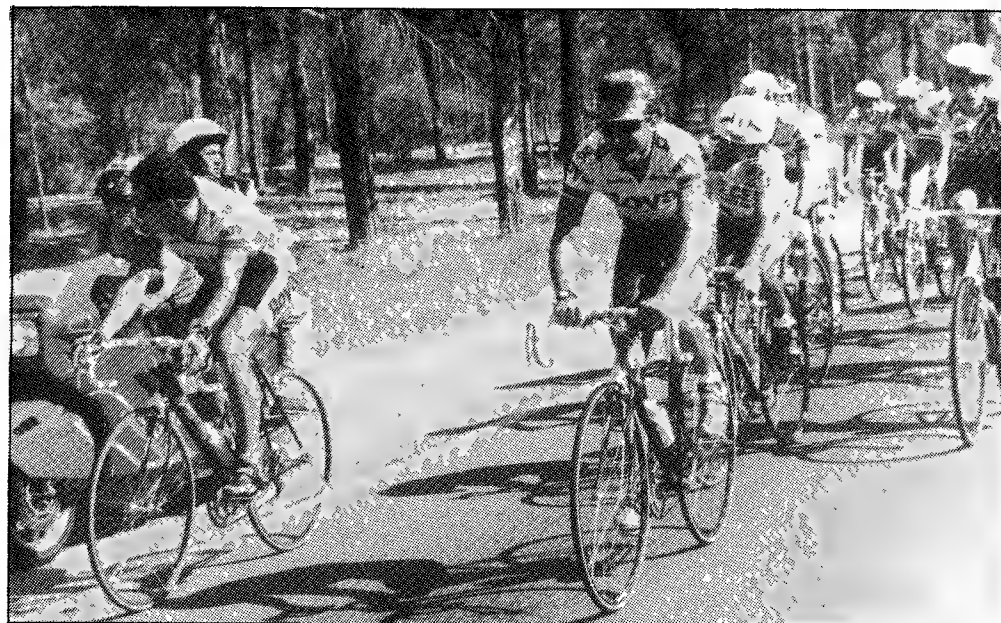
— Não me meto em táticas, isso é lá com o técnico e com eles. Mas esperava que os meus rapazes já tivessem feito alguma coisa mais bonita. Verdade que isto ainda vai no adro, a procissão mal saiu para a rua. Quem sabe se, com a vinda das raparigas

para publicitarem a minha empresa, a coisa não vai aquecer?

Ponta final

Há quem acredite em motores de arranque: esta tarde, em Terrugem, parece que haverá chorudos prémios para os melhores na etapa. Mas, igualmente, quem entenda que o azar bate algumas vezes à porta, como aconteceu no arranque para a meta volante em Vidigueira e, no instante, do impulso, Paulo Pinto e Pedro Silva deram uma cambalhota de arrepiar. O cartaz de Avibom/Valouro/Lousa recompôs-se daí a pouco, com o pai e filho Barreiros de Magalhães tratando das feridas: o mocinho até conseguiria ser depois 2.º em Évora. Mas o Pedrinho da Recer/Boavista pregou um grande susto ao treinador José Santos: teve de passar pelo hospital eborense para ser radiografado e suturado a uma ferida no couro cabeludo.

— Ossos deste ofício, comenta o parceiro axadrezado José Ferreira, deitando os bofes para fora. «Eu não devia ter embarcado naquela ideia de querer



Serenidade no pelotão

acompanhar o Constâncio Reis na ida para Monte Gordo. Tenho as pernas a tremer, nem penso no que vai ser para chegar a Terrugem...

O presidente federativo marcha para Espanha: vai representar o nosso ciclismo no funeral de Luis Puig, o presidente da União Ciclista Internacional falecido por culpa de um acidente cerebral. Os exames «antidoping» continuam impecavelmente acusando negatividade. Pela estrada foram aparecendo conhecidos: o antigo campeão Joaquim Andrade (que veio para acompanhar o filho), António Sustelo (o cantor português radicado na Bélgica que acaba de fundar uma filial do Sporting Clube de Portugal em Bruxelas), enviados de Ilídio Inácio que querem contratar o vencedor da Volta para um filme publicitário.

A corrida beija hoje a cintura lisboeta. Senhora da amarelinha e, por uma mera questão de 24 segundos encabeçando a esgrima por equipas, a turma da Ruquita/Philips/Feirense parece apostada em fazer orgulhar o seu comandante: o

antigo vencedor da Volta que é o bem benfiquista Fernando Mendes. Ele que garante:

— Ao contrário do que disse há dias Henrique Castro (presidente da nossa Federação) a gente não veio aqui para a engorda...

Carlos Marta (Orima/Cantanhede) está na cabeça dos pontuados em metas volantes. O êxito na montanha vai estando confiado a Luís Santos (Recer/Boavista). Paulo Pinto continua em duelo com Dick Dekkers, no capítulo de classificação por pontos. Porém, com a ópera ainda apenas entregue aos coros que precedem o início da acção, aceitam-se todas as apostas. E, como disse outro dia um sujeito que manda no futebol

SMALTEX

TINTAS
VERNIZES
DILUENTES

SMAL — Sociedade Mecânica e Acessórios, Ld.ª

R. S. Sebastião da Pedreira, 29-1.º
☎ 352 10 67 1000 LISBOA

da sua terra, aquilo que é verdade hoje pode ser mentira no dia seguinte. E vice-versa. Resta saber se o conformismo dos patrões da cavalgada, obrigando os corceis a pequeno e moderado trote, não será perturbado (e vergastado) por um qualquer cavaleiro de espada em riste.

SMALTEX

TINTAS
VERNIZES
DILUENTES

SMAL — Sociedade Mecânica e Acessórios, Ld.ª

R. S. Sebastião da Pedreira, 29-1.º
☎ 352 10 67 1000 LISBOA

A nossa equipa de reportagem viaja numa viatura RENAULT gentilmente cedida por:

SACAVENAUTO



Estrada Nac. N.º 10 — N.º 69 • Sacavém • Tel. 942 50 40 • 942 52 40



António Alves: «Sou candidato, sim senhor»



Boavisteiros: uma equipa de alto gabarito

DESPORTO

52.ª VOLTA
A PORTUGAL

Pausa para refrescar

A PALAVRA
DO CAMARADA

Volta enjeitada

De ano para ano, a Organização da Volta a Portugal em Bicicleta tem vindo a introduzir importantes melhorias nas estruturas da prova, aproximando-nos assim um pouco mais do nível organizativo atingido pelas provas congéneres que se realizam na Europa.

Estaremos ainda longe do aperfeiçoamento a que chegaram o «Tour» de França, o «Giro» de Itália ou a «Vuelta» à Espanha, mas a verdade é que, aos poucos, a equipa do Departamento de Ciclismo da Empresa Jornal de Notícias tem vindo a dotar a Volta de novos meios técnicos e humanos e a torná-la, portanto, mais funcional e mais eficaz.

Hoje, a caravana dispõe de meios sofisticados de comuni-

cação interna, com uma Rádio-Volta que pode rivalizar com os melhores sistemas utilizados no estrangeiro, e possui material que veio ampliar e modernizar as infra-estruturas que constituem o «esqueleto» deste verdadeiro «dragão» que, durante cerca de três semanas «devora» tantos quilómetros de asfalto, lançando ao entusiasmo das multidões a popularidade do ciclismo e, através dele, publicitando as marcas e produtos que representam a indispensável base de apoio que torna possível um tal empreendimento.

No entanto, é triste verificar que todo este esforço dos organizadores da Volta e seus apoiantes não foi ainda devidamente correspondida por

Guita Junior
«Correio da Manhã»

parte dos poderes públicos, como, de resto, é, de há muito, prática corrente nas suas congéneres europeias — nem o ciclismo acompanhou minimamente essa evolução, quer por parte das equipas, quer

por banda dos ciclistas e todos os que os rodeiam.

Apenas alguns patrocinadores se têm mostrado mais profundamente interessados em corresponder ao esforço dos organizadores, prestando-lhes o indispensável apoio e até colaborando directamente na modernização da prova com iniciativas dignas do maior aplauso.

Fazemos votos para que a maior prova do ciclismo nacional venha a ser, no mais curto prazo, entendida como a maior manifestação popular que se realiza no país, encerrando em si mesma o espírito de uma grande cadeia de fraternidade nacional que liga as populações, e perca, de uma vez por todas, o epíteto de «Volta enjeitada».



O pelotão da Seur



maquirema

Soc. Imp. e Rev. de Máquinas

Um espaço no seu escritório

Telefones 474 46 52 - 474 50 74

Classificações

Etapa V.R.S. António-Évora

		H M S
1.º	Dick Dekkers	Royal 05 56 32
2.º	Paulo Pinto	Avibom/Valouro/Lousa mt.
3.º	Manuel Abreu	Sicasal/Acril mt.
4.º	Carlos Santos	Salgueiros/Landimar mt.
5.º	Manuel Dominguez	Seur mt.
6.º	Cristian Jager	Avibom/Valouro/Lousa mt.
7.º	Fernando Carvalho	Ruquita/Philips/Feirense mt.
8.º	Dulas Andrezej	Ruquita/Feirense mt.
9.º	Manuel Mart. Costas	Festina/Lotus mt.
10.º	Cassio Freitas	Sicasal/Acril mt.

Geral Individual

		H M S
1.º	Paulo Silva	Ruquita/Feirense 15 14 33
2.º	Dulas Andrezej	Ruquita/Feirense a 00 04
3.º	Vitor Teresinho	Ruquita/Feirense mt.
4.º	Manuel Neves	Ruquita/Feirense mt.
5.º	Fernando Carvalho	Ruquita/Feirense mt.
6.º	Slawodmir Pietrusz.	Ruquita/Feirense mt.
7.º	Carlos Pereira	Ruquita/Feirense mt.
8.º	Viriato Duarte	Ruquita/Feirense mt.
9.º	José Mendes	Ruquita/Feirense mt.
10.º	Carlos Marta	Orima/Cantanhede a 00 06
11.º	Neil Stephens	Royal a 00 12
12.º	José Sanchez	Royal mt.
13.º	Javier Carbayedá	Royal mt.
14.º	Paulo Pinto	Avibom/Lousa a 00 15
15.º	Paulo Silva	Bom Petisco/Tavira a 00 16

Geral por equipas

		H M S
1.º	Ruquita/Philips/Feirense	45 43 51
2.º	Royal	a 00 24
3.º	Orima/Cantanhede	a 00 39
4.º	Avibom/Valouro/Lousa	a 00 43
5.º	Bom Petisco/Tavira	a 01 06
6.º	Recer/Boavista	a 01 20
7.º	Festina/Lotus	a 01 21
8.º	Sicasal/Acril	a 01 42
9.º	Alguerra/Componauto/Aralmolde	a 01 48
10.º	Salgueiros/Landimar	a 01 57
11.º	Seur	a 02 30

Pontos

		P
1.º	Paulo Pinto	Avibom/Valouro/Lousa 26
2.º	Dick Dekkers	Royal 20
3.º	Manuel Abreu	Sicasal/Acril 12

Montanha

		P
1.º	Luís Santos	Recer/Boavista 16
2.º	José Santiago	Recer/Boavista 11
3.º	Constância Reis	Bom Petisco/Tavira 10

Metas volantes

		P
1.º	Carlos Marta	Orima/Cantanhede 11
2.º	Paulo Silva	Bom Petisco/Tavira 10
3.º	Luís Santos	Recer/Boavista 6

Prémio combinado

		P
1.º	Carlos Marta	Orima/Cantanhede 18
2.º	Constância Reis	Bom Petisco/Tavira 46
3.º	Luís Santos	Recer/Boavista 48

Prémio da juventude

1.º	Paulo Silva	Ruquita/Philips/Feirense
2.º	José Rosa	Avibom/Valouro/Lousa
3.º	António Rodrigues	Recer/Boavista

Amanhã:

Sintra-Caldas da Rainha

Amanhã disputa-se a 5.ª etapa entre Sintra (partida às 11 horas) e Caldas da Rainha (chegada prevista para poucos minutos antes das 15) percorrendo a distância de 158 quilómetros com passagem por Vila Verde, Terrugem, Odrinhas, Santa Susana, Carvoeira, Foz do Lizandro, Ribamar, Escravilha, Benfica, Torres Vedras, Maxial, Boiça, Rocha, Cercal, Dagorda, Vermelha, Reguengo Grande, Atougueia da Balia e Óbidos.

DESPORTO

À beirra da estrada

Venceslau: a meta é ao meio século

O veterano do pelotão continua a ser o «velho» Venceslau Fernandes, da Alguerra-Componauto, que tem o último dorsal da prova: 109.

Com 45 anos, Venceslau Fernandes mantém uma fibra invejável, pedalando no meio do pelotão entre a «malta jovem», e entrando mesmo em guerras de galos a caminho da meta, procurando a vitória. Está em 63.º, a 40 segundos do camisola amarela, após a terceira etapa concluída em Évora.

«À partida desejo a melhor classificação, mas depois há dias bons e dias maus, dias de azar e dias felizes. Posso dizer que comecei esta volta com melhor disposição do que muitos jovens ciclistas.»

E sobre o futuro: «Não sei se será a última volta. Só depois irei decidir se abandono ou não, mas para já, se tudo correr bem, penso que vou continuar, e até aos 50 poderei andar por aqui...»

A Volta na imagem

O jornalista belga Jos van Hamel chegou ontem a Vila Real de Santo António para acompanhar a Volta a Portugal em bicicleta durante alguns dias, fazendo a cobertura fotográfica da prova para o «Anuário Ciclista» em língua flamenga.

Van Hamel desloca-se pela segunda vez à Volta a Portugal, «prova que está a despertar algum interesse a nível do ciclismo europeu», disse.

Sacos e expedientes

Os ciclistas recebem o abastecimento sólido habitualmente depois de percorridos os primeiros 100 quilómetros de cada etapa, com os respectivos carros de apoio a ocupa-



A bela serpentina

rem posições ao longo da estrada, num local estipulado e assinalado.

Os alimentos são-lhes distribuídos em sacos de pano, de confecção simples, e normalmente com a sigla da equipa ou do patrocinador, servindo também de publicidade, tal como os bidons da água. Nas

provas europeias, tanto o saco como o bidon são aproveitados como material de publicidade, não recuperável. No entanto, em Portugal isso não sucede, e algumas equipas rescam os sacos ou os bidons, que os ciclistas atiram para as bermas da estrada, depois de comer ou beber. E na recolha



O «velho Lau» conversa com o homem da saúde

dos sacos ou dos bidons têm-se criado situações delicadas, com paragens bruscas na cauda do pelotão. E há quem tenha inventado já um bom expediente para recolher os sacos. Um cabo comprido, com um bico na ponta, para evitar abrir a porta e sair do carro...

O que eles beberam

A caravana da Volta consumiu ontem alguns milhares de litros de bebidas, na terceira e tórrida etapa da prova, entre Vila Real de Santo António e Évora.

O pelotão partiu do Algarve às 10 horas, então já sob intenso calor, e chegou depois das 16 horas a Évora, após uma difícil travessia do Alentejo, onde a temperatura excedeu largamente os 30 graus centígrados.

Cada ciclista consumiu cerca de cinco litros de água, disse o médico Barreiro de Magalhães.

A equipa da Sicasal/Acril, por exemplo, consumiu durante a etapa 90 litros de água engarrafada.

Várias corporações de bombeiros do Alentejo colocaram autotanques ao longo do percurso, refrescando os ciclistas, que contaram também com o refresco «repucho» de dezenas de pessoas com mangueiras à beira da estrada.

A água esgotou-se e nem algumas dezenas de litros que tínhamos como reserva escaparam, tendo sido distribuídos mais de dois mil litros de água,

disse o responsável pela distribuição da Alardo, a água oficial da Volta a Portugal.

Também o refrigerante oficial da prova, a Coca-Cola, que surgiu este ano pela primeira vez na Volta, bateu o record, distribuindo 3000 latas de refrigerante fresco.

A falta de água e de Coca-Cola, tudo o que fosse fresco marchava, e também esgotaram os iogurtes na caravana, tendo sido consumidas 1700 embalagens de iogurtes Iofil.

Devido ao calor que se fazia sentir na altura, o director da corrida, o jornalista Serafim Ferreira, decidiu abrir o reabastecimento líquido mais cedo, cerca de dez quilómetros antes do permitido (50 km).

Decisões do júri

O júri da Volta a Portugal atribuiu o prémio da combatividade a Paulo Silva, do Bom Petisco/Tavira, pela fuga de 113 quilómetros em solitário na terceira etapa, enquanto o prémio do azar voltou a não ser atribuído.

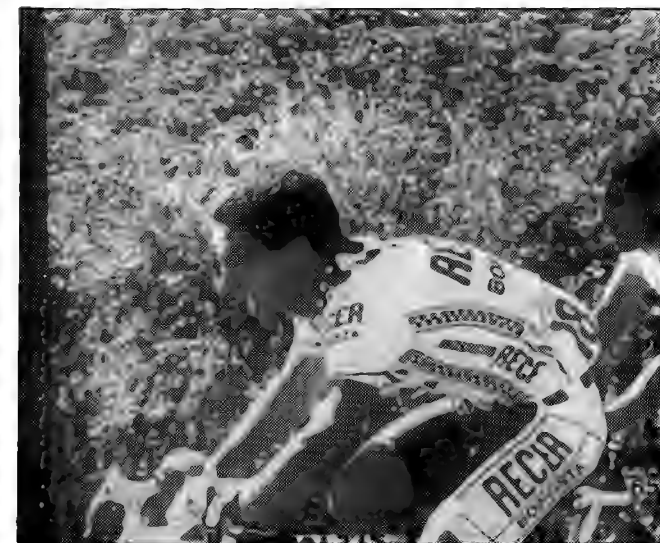
Entretanto, foram designados por sorteio para o controlo «antidoping» os ciclistas Amílcar Neves (Alguerra/Componauto) e Serafim Vieira (Sicasal/Acril).

Compareceram também para a análise o vencedor da etapa, Dick Bekkers, e o camisola amarela Paulo Silva.

A equipa médica que acompanha a Volta assistiu a 11 corredores durante a etapa de ontem.



António Silva e Carlos Moreira: imagens do esforço



Informação COMERCIAL

LINHA DE SINTRA

Informa-se os Srs. Passageiros que, por motivo de trabalhos de revisão integral da catenária, são suprimidos, entre CACÉM e QUELUZ, nos dias 31 de Julho, 1, 2 e 3 de Agosto os seguintes comboios:

Comboios com saída de Queluz às 9.57h, 10.13h, 11.13h e 11.49h.

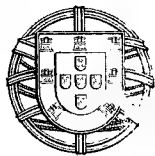
Comboios com saída do Cacém às 9.55h, 10.11h, 10.27h e 11.51h.

CP — Caminhos de Ferro Portugueses
Serviço Comercial do Tráfego Suburbano

 Caminhos de Ferro Portugueses

AGENDA

I Série N.º 177
Dia 2 de Agosto
DIÁRIO DA REPÚBLICA



SUMÁRIO

Ministério das Finanças

Portaria n.º 611/90:

Fixa o prazo de pagamento em 1990 do imposto especial sobre motociclos, barcos de recreio e aeronaves.

Ministérios das Finanças e da Educação

Portaria n.º 612/90:

Alarga o quadro único do pessoal dos organismos e serviços centrais e regionais do Ministério da Educação.

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Decreto-Lei n.º 250/90:

Altera o Estatuto do Instituto Português de Conservas e Pescado (IPCP), aprovado pelo Decreto-Lei n.º 266/86, de 3 de Setembro.

Portaria n.º 613/90:

Sujeita ao regime cinegético especial a propriedade denominada «Herdade das Corgas», situada na freguesia de Malpica do Tejo, concelho de Castelo Branco.

Portaria n.º 614/90:

Sujeita ao regime cinegético especial a propriedade denominada «Herdade da Hortinha», situada na freguesia e concelho de Vendas Novas.

Portaria n.º 615/90:

Aprova o cartão de viticultor, emitido pelo Instituto da Vinha e do Vinho.

Portaria n.º 616/90:

Sujeita ao regime cinegético especial a propriedade denominada «Herdade de Pancas» (lotes n.ºs 4 e 5), situada na freguesia de Samora Correia, concelho de Benavente.

Portaria n.º 617/90:

Sujeita ao regime cinegético especial a propriedade denominada «Herdade de Pancas» (lote n.º 3), situada na freguesia de Samora Correia, concelho de Benavente.

Ministério da Educação

Portaria n.º 618/90:

Autoriza os estudantes nacionais das Repúblicas Popular de Angola, de Cabo Verde, da Guiné-Bissau, Popular de Moçambique e Democrática de São Tomé e Príncipe a pedirem admissão e matrícula no ensino superior público português.

PESSOAS & FACTOS

Farol: electrodomésticos com novo espaço

A empresa Farol (Comércio de Electrodomésticos, Lda) tem um novo espaço no Chiado, fruto de uma estratégia do grupo com o mesmo nome que visa «acompanhar as inovações e tendências do mercado» e que passa pela



modernização das suas três lojas, pela formação profissional do seu pessoal, pela renovação da sua frota de distribuição e pela total informatização das estruturas. O atendimento e acompanhamento personalizados do cliente e a assistência pós-venda especializadas são, igualmente, suportes à comercialização de marcas de grande implantação no mercado. No horizonte está a expansão das actuais três para seis lojas em Lisboa e arredores, o que deverá acontecer já em 1991.

H O J E
CONTINENTE

Regiões do Norte e Centro
Céu pouco nublado ou limpo apresentando-se muito nublado e com ocorrência de nevoeiro durante a madrugada e manhã no litoral. Vento fraco soprando em regime de nortada moderada durante e tarde na faixa costeira. Mar de pequena vaga com ondulação noroeste de 2 metros.

Regiões do Sul
Céu geralmente muito nublado. Vento fraco soprando em regime de nortada durante a tarde no litoral Oeste. Neblina matinal.

Mar de pequena vaga ou cavado com ondulação noroeste de 2 metros na Costa Ocidental e de pequena vaga com ondulação sueste de 1 metro na Costa Sul.

Amanhã
Céu pouco nublado, apresentando-se muito nublado no litoral Oeste especialmente durante a madrugada e manhã. Vento fraco ou moderado de Noroeste.

Depois de amanhã
Céu pouco nublado, apresentando-se muito nublado durante a madrugada e manhã no litoral Oeste. Vento fraco ou moderado de Noroeste.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de Nordeste. Mar de pequena vaga com ondulação noroeste de 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal
Períodos de céu muito nublado. Vento geralmente fraco.

Amanhã
Céu geralmente muito nublado. Vento fraco ou moderado de Nordeste.

Depois de amanhã
Períodos de céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de Nordeste. Possibilidade de aguaceiros.

AÇORES

Grupo Ocidental e Central
Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Noroeste, por vezes com rajadas. Possibilidade de aguaceiros.

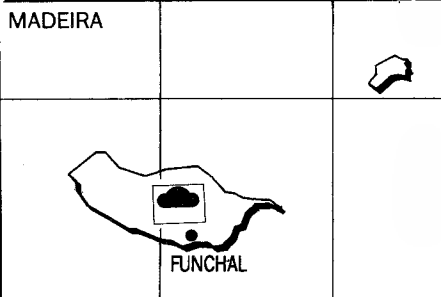
Mar cavado com ondulação noroeste de 1 a 2 metros.

Grupo Oriental
Céu muito nublado diminuindo de nebulosidade para a tarde. Vento moderado de Sudoeste tornando-se de Noroeste. Períodos de chuva passando a aguaceiros. Pequena descida da temperatura.

Mar cavado a grosso com ondulação noroeste de 2 metros.

Amanhã
Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Noroeste. Aguaceiros. Depois de amanhã Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Noroeste. Aguaceiros.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica



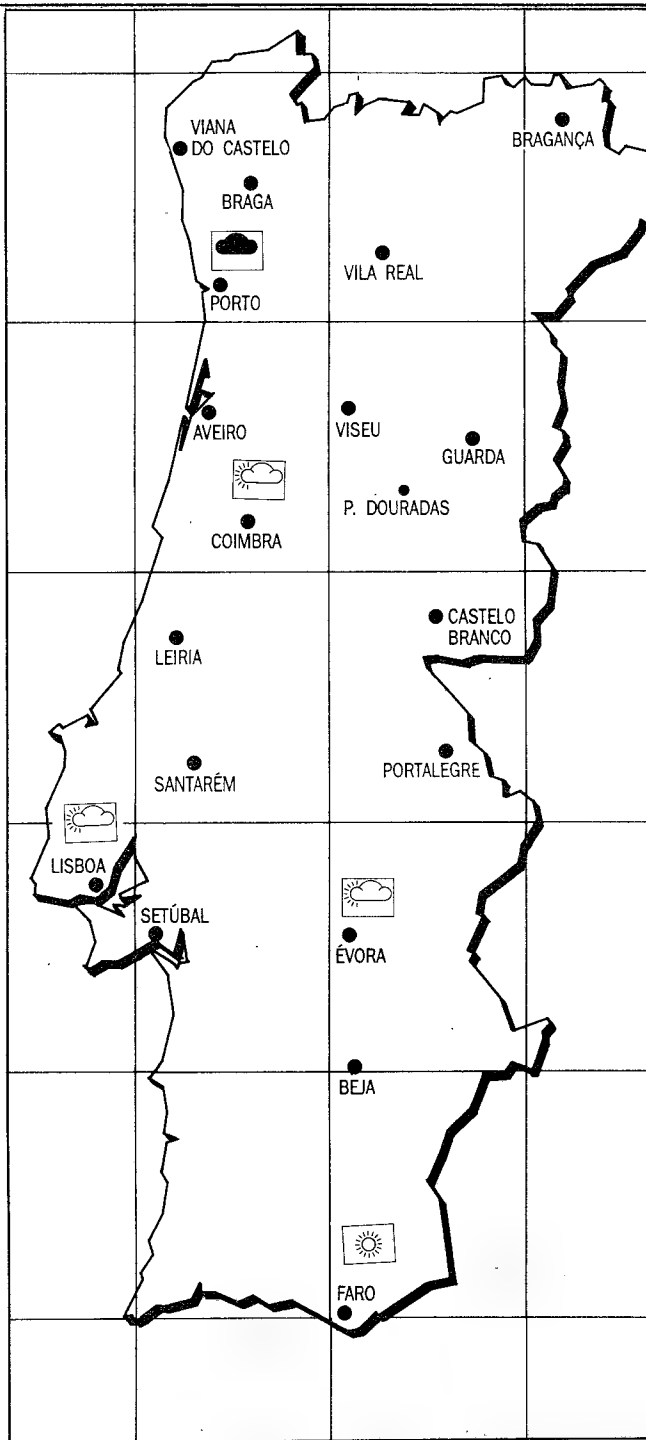
- Céu limpo
- Céu pouco nublado
- Céu muito nublado
- Chuva
- Trovoada
- Neve
- Vento
- Mar calmo
- Mar encrespado

M A R É S
Hoje

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
00.10 2.7m	06.39 1.5m
13.26 3.0m	18.17 1.4m

Amanhã	
01.58 2.9m	07.31 1.3m
14.17 3.1m	20.03 1.1m

O ESTADO DO TEMPO



PORTUGAL

	Min.	Máx.	Às 6 h.
Bragança.....	23	23	P. nub.
V. Castelo.....	18	18	Nevoeiro
Vila Real.....	16	16	Neblina
Porto.....	18	18	Neblina
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	18	18	Neblina
C. Carvoeiro.....	19	19	Encoberto
C. Branco.....	15	15	Neblina
Portalegre.....	19	22	Nevoeiro
Lisboa.....	18	18	Neblina
Sines.....	16	16	Neblina
Évora.....	15	15	Neblina
Beja.....	15	15	Neblina
Faro.....	18	18	Limpo
Sagres.....	-	-	-
P. Delgada.....	18	19	Chuva
Horta.....	19	19	P. nub.
Funchal.....	20	20	Limpo

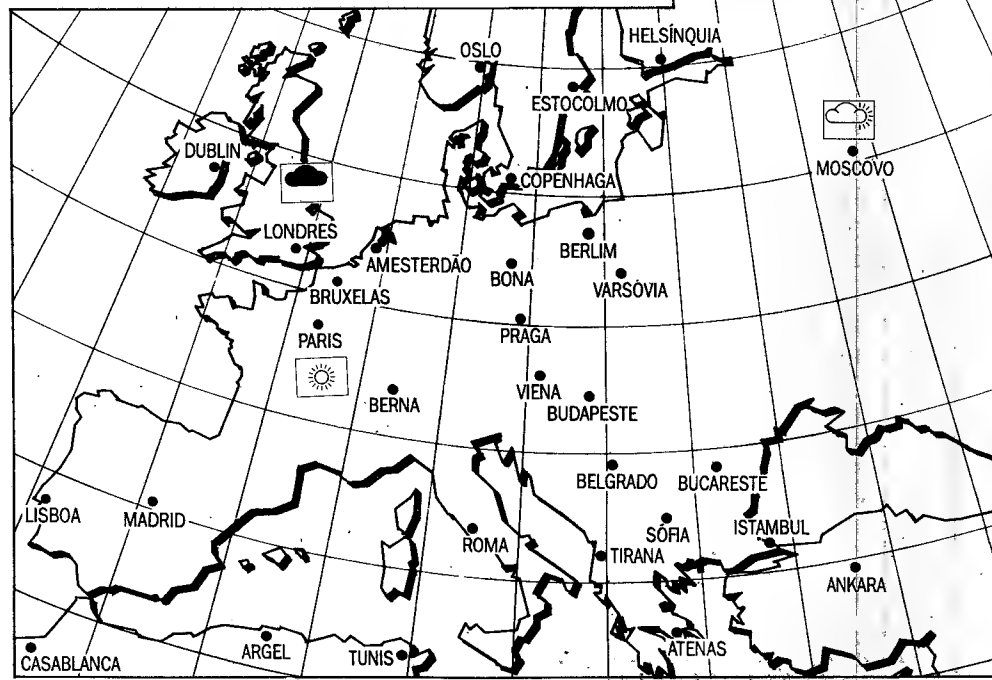
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 28; Porto, 22; Faro, 28; P. Delgada, 26; Funchal, 21.

EUROPA

	Min.	Máx.	Às 6 h.
Madrid.....	-	-	-
Londres.....	18	20	Bruma
Paris.....	21	23	Limpo
Bruxelas.....	18	20	Limpo
Amesterdão.....	14	19	Limpo
Genebra.....	17	19	Neblina
Roma.....	20	22	Neblina
Oslo.....	16	17	M. nub.
Copenhaga.....	13	18	P. nub.
Estocolmo.....	13	17	M. nub.
Berlim.....	14	18	P. nub.
Viena.....	18	20	P. nub.
Varsóvia.....	12	17	M. nub.
Atenas.....	26	29	Limpo
Moscovo.....	13	18	M. nub.

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h.
Buenos Aires.....	15	16	Limpo
Caracas.....	10	25	Limpo
Hong Kong.....	27	31	Limpo
Joanesburgo.....	2	19	Limpo
Los Angeles.....	19	29	Nublado
Montreal.....	17	27	Limpo
Nova Deli.....	27	34	Nublado
Nova Iorque.....	23	31	Limpo
Rio de Janeiro.....	15	18	Nublado
São Francisco.....	12	18	Nublado
São Paulo.....	8	14	Nublado
Tóquio.....	24	30	Nublado



AGENDA

FARMÁCIAS
LISBOA
SERVIÇO
PERMANENTE

Alameda - Fonte Luminosa: Ibéria, Rua Barão Sabrosa, 235-235-A, Tel. 888277; **Alvalade:** Alvalade, Av. da Igreja, 18-A, Tel. 892070; **Anjos - Lisboa Ginásio Clube:** São José, Rua Anjos, 41-A, Tel. 570730; **Baixa:** Internacional, Rua do Ouro, 228-230, Tel. 322017; **Xabregas - Madre Deus:** Conceição, Calçada D. Gastão, 30-32, Tel. 381279; **Benfica - Charquinho:** Macedo, Rua República da Bolívia, 69-C, Tel. 7511227; **Calvário - Alcântara:** Calvário, Rua José Dias Coelho, 4, Tel. 3631635; **Chelas - Av. Dr. Aug. Castro - Carris:** Sacramento, Rua Actriz Palmira Bastos, Lote 42, Tel. 8590904; **Estrela - Possidónio Silva:** Tagus, Rua Possidónio da Silva, 162-A, Tel. 669485; **Lumiar:** Patuleia, Alameda das Linhas de Torres, 262-B, Tel. 7590332; **Saldanha:** Cruz Nunes, Praça Duque Saldanha, 14-15, Tel. 521845; **Carnaxide:** Central Carnaxide, Av. Portugal, 16-B, Tel. 4184913; **Odivelas:** Monserrate, Rua Guilherme Gomes Fernandes, 31-A, Tel. 9811139; **Pontinha:** Cruz Correia, Estrada Santo Elói, 41-A, Tel. 992453.

REFORÇO

Almirante Gago Coutinho: Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 16-B, Tel. 885859; **Amoreiras:** Ivone, Rua Silva Carvalho, 232-C, Tel. 650760; **Campo de Ourique:** Porfírio, Rua Francisco Metrass, 59-B, Tel.

663349; **Chile - Arco Cego:** São Jorge, Largo do Leão, 3, A-B, Tel. 534027; **Graça:** Almeida Dias, Largo da Graça, 38-39, Tel. 862909; **Jerónimos:** Remísio, Rua dos Jerónimos, 14-C, Tel. 3631699; **Largo Campo Pequeno:** Miranda, Largo Campo Pequeno, 36, B-C, Tel. 770776; **Olivais:** Olivais, Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 311237; **Palhavã:** Curie, Av. Madame Curie, 15-A, Tel. 7263220; **R. Elétricos - Chiado - Estrela:** São Bento, Rua Poiais São Bento, 73, Tel. 601673; **Telheiras Sul - Quinta S. Vicente:** Quejas, Rua Prof. Francisco Gentil, 36-A, Tel. 7584144; **Brandão - Amadora:** Correia, Urb. Alfofornel - Cel. G - Lote 137 - Lj. B (Poente), Tel. 990122; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA
DE CASCAIS

Algés: Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29, Tel. 2104953. **Permanente;** **Linda-a-Velha:** Pinto, R. Antero Quental, 9, Tel. 4190610. **Permanente;** **Tires:** Guimarães, L. Duarte, Lote A - r/c, Tel. 2441616. **Até às 22 h;** **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. **Até às 22 h;** **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel.

2421015. **Até às 22 h;** **Carcavelos:** Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777. **Permanente;** **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. **Até às 22 h;** **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. **Até às 22 h;** **Paço de Arcos:** Godinho, Av. Patrão Lopes, 4, Tel. 2432039. **Permanente;** **Oeiras:** Sacoar. **Permanente;** **Parede:** Do Junqueiro, R. Luanda, Lote 6, n.º 6-B, Tel. 2464825. **Permanente;** **Murtal:** Primavera, Rua das Parreiras, 2, Tel. 2472278. **Até às 22 h;** **Sasoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. **Até às 22 h;** **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. **Até às 22 h;** **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. **Até às 22 h;** **Monte Estoril:** Ostende, R. Espinho, 1, Tel. 260391. **Até às 22 h;** **Cascais:** A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C, Tel. 280214. **Permanente.**

LINHA
DE SINTRA

Amadora: Cabel, R. Ant.ª Sardenha, 23-D, Tel. 4938551. **Permanente;** **Carlos:** R. Sebastião Gama, 28-B, Casal S. Brás. **Permanente;** **Heleno:** R. 1, Lote C - Reboleira Sul, Tel. 964476. **Até às 22 h;** **Queluz:**

O'Neill Pedrosa: R. Casal Olival, Lote 3 - Massamá, Tel. 4377205. **Permanente;** **Albergaria:** L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. **Até às 22 h;** **Cacém:** Silva Duarte, R. Elias Garcia, 167, Tel. 9248120. **Permanente;** **Mem Martins:** Cristina, Av. Vitorino Nemésio, 14-A, Tel. 9214820. **Até às 22 h;** **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. **Até às 22 h;** **Rinchoa:** Dumas Brousse, Calç. Rinchoa, 2, Tel. 9260404. **Até às 22 h;** **Sintra:** Misericórdia, Vila Pendoa, Tel. 9231070. **Permanente;** **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. **Permanente.**

OUTRA
BANDA

Almada: Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B, Tel. 2760565. **Permanente;** **Cova da Piedade:** Atlântico, Av. Rainha D. Leonor, 45-A, Tel. 2764466. **Permanente;** **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31, II, Moinho, Tel. 295027. **Até às 19 h;** **Costa de Caparica:** Higiénica, R. República, 23, Tel. 2900020. **Até às 19 h;** **Feijó:** Feijó, R. Borges Rego, 7-B, Tel. 2290911. **Até às 22 h;** **Lavradio:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A, Tel. 2042016. **Até às 19 h;** **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido Reis, 21, Tel. 2233028. **Até às 19 h;** **Barreiro:** Central, Av. Alfredo Silva, 48, Tel. 2073207. **Permanente;** **Baixa da Banheira:** Teixeira, R. Moçambique, 84-B, Tel. 2040946. **Até às 19 h;** **Corroios:** Abreu Cardoso, B.º Cid. Setúbal, 1-B, Tel. 2536172. **Até às 19 h;** **Cruz Pau:** D. Ramos, R. Bafatá, 11 - Loja 30 - Centro Belsul, Tel. 2243143. **Permanente.**

HÁ 20 ANOS

Trovoada no Porto
e em outros pontos do País

Cerca das 10 e 30, estalou sobre a cidade do Porto e arredores forte trovoada, acompanhada de violento aguaceiro. O céu, carregado de núvens escuras, e, depois, a tormenta, pusera termo a inúmeros projectos que muitas pessoas fizeram para os seus passeios neste primeiro domingo de Agosto. Os que, todavia, se aventuraram até à beira mar foram obrigados a regressar a casa. De um momento para o outro, os eléctricos procedentes da Foz, Matosinhos e Leixões apareceram na baixa repletos de veraneantes frustrados...

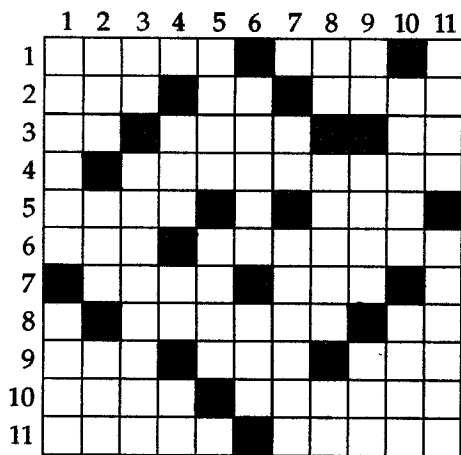
Boeing-747
desviado para Cuba

Um Boeing-747, que voava de Nova York para São João de Porto Rico, foi assaltado esta manhã - anunciou a administração federal de Aeronáutica. Foi este o primeiro Boeing-747 até hoje assaltado. O gigantesco avião, conhecido pelo nome popular de «Jumbo», tem capacidade para transportar mais de cem passageiros.

A Volta
deixou Lisboa

Ao princípio da tarde, a Volta fez aquilo que muitos milhares de lisboetas tinham feito mais cedo: deixou Lisboa. Os ciclistas, esses, apontaram para a serra da Arrábida...

PALAVRAS CRUZADAS



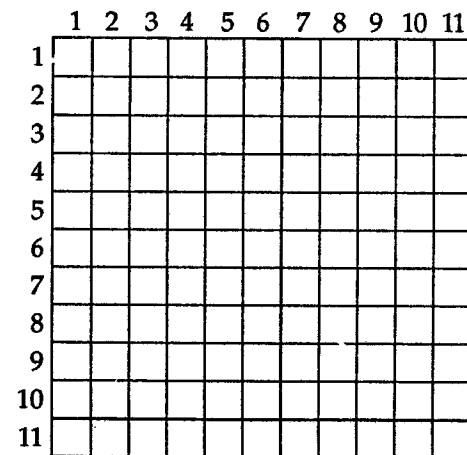
PROBLEMA N.º 17973

HORIZONTAIS:

- 1 - Asno. Pronome relativo.
- 2 - Ovírio dos peixes. Duzentos em romano. Moeda e peso da China, correspondente à décima parte do tael.
- 3 - Duas vogais desiguais. Camareiras. Antes do meio-dia.
- 4 - Torture.
- 5 - Antiga moeda de ouro da Índia. Designação genérica das plantas herbáceas.
- 6 - Dá aviso de alguma coisa em voz alta. Vestimenta rústica.
- 7 - Rã (pop.). Arara.
- 8 - Fazenda. Bastal.
- 9 - Alúmen (inv.). Rio da Suíça. Mágua.
- 10 - Triturava. Dera oiro a.
- 11 - Prendera com elos. Pão grande (prov. trasm.).

VERTICAIS:

- 1 - Freguesia do concelho de Penafiel. Lastima.
- 2 - Freguesia do concelho do Vinhoso. O mesmo que oca (mineral). Com. da Bélgica.
- 3 - Rádio (s.q.). Confusão.
- 4 - Fruto da ateira. Ruténio (s.q.). Clima.
- 5 - Lazer. Derrota (pop.).
- 6 - Fardo. Cabo de Marrocos em frente às Canárias.
- 7 - Samário (s.q.). Igreja principal de uma localidade.
- 8 - Artigo indefinido. Dera aviso de alguma coisa em voz alta. Batráquio.
- 9 - Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontíficos de interesse para Portugal. Cidade do Japão. Oferecer.
- 10 - Espiohar. Castigo (gir.).
- 11 - Receta. Poisarão no mar (o avião).



PROBLEMA N.º 16783

HORIZONTAIS:

- 1 - Antes de Cristo. Celebres em verso.
- 2 - Grande morcego de Minas Gerais. Ouro (s.q.).
- 3 - Nota musical. Marca (fif.).
- 4 - Enfeitaremos.
- 5 - Niquel (s.q.). Rente. Rio de Portugal.
- 6 - Letra grega (inv.). Transbordam.
- 7 - Tranquilidade. Artigo definido (ant.). Solitário.
- 8 - Rénio (s.q.). Povo antigo.
- 9 - Cabelos brancos. Rã (pop.).
- 10 - Cortes na Grécia antiga. Medida de superfície.
- 11 - Rezarum. Transpirar.

VERTICAIS:

- 1 - Nome de um companheiro de Eneias e Diomedes. Cauda (do cavalo) (bras).
- 2 - Género de palmípedes que compreende o pato almiscarado da América do Sul. Prefixo que designa ar.
- 3 - Rol.
- 4 - Pequeno quarto de vestir. Espera resposta.
- 5 - Prefixo de privação. Restaurara.
- 6 - Navios. Estavam.
- 7 - Antes do meio-dia. Culpada.
- 8 - Gente de baixa categoria.
- 9 - Deusa do casamento e da família, irmã e esposa de Osiris e mãe de Hórus. Ouro (s.q.).
- 10 - Em a (inv.). Nível.
- 11 - Transpirávamos. Érbio (s.q.).

SOLUÇÃO DO
PROBLEMA N.º 17 972

HORIZONTAIS: 1 - VIÚVA. RICA. 2 - São. Causar. 3 - Pá. Achem. Re. 4 - Raio. Or. Gap. 5 - Rã. Aar. Frui. 6 - Sambare. 7 - Toa. 8 - Mostre. Tau. 9 - Lear. Porta. 10 - Chalado. Ari. 11 - Morar. Ramos.

VERTICAIS: 1 - POR. UM. CM. 2 - Isafas. OLHO. 3 - -Ua. Assear. 4 - Voaram. Tala. 5 - Aberrar. 6 - CHORA. E. 7 - Raer. Rã. POR. 8 - Mui. Fe. To. 9 - Cs. Gritaram. 10 - Aarau. OUTRO. 11 - REPICA. Ais.

SOLUÇÃO DO
PROBLEMA N.º 16 782

HORIZONTAIS: 1 - Xénon. Xarau. 2 - Avisadas. Am. 3 - Na. Nô. Ias. 4 - Atacora. 5 - Vi. Amarar. Ello. Si. Osa. 7 - As. Ga. 8 - Zio. Atacais. 9 - Seródios. 10 - Cu. Limos. Ah! 11 - Oiros. Uro.

VERTICAIS: 1 - Xangue. Zuco. 2 - Eva. Lai. Ui! 3 - Ni. Avisos. 4 - Os. Tio. Elo. 5 - Naná. Paris. 6 - Docas. Tom. 7 - Xá. Amigados. 8 - Asira. Ácis. 9 - Aaro. Ao. 10 - Aas. Isar. 11 - Um. Orais. Ho.

PROVÉRBIO:
VIÚVA RICA,
POR UM OLHO
CHORA
E POR OUTRO
REPICA.

EFEMÉRIDES

1939

• O físico alemão, Albert Einstein, radicado nos EUA, afirma, em carta enviada ao presidente norte-americano, que os Estados Unidos deveriam iniciar um programa de investigação atômica.

1963

• Os Estados Unidos comunicam às Nações Unidas que vão suspender as vendas de equipamento militar à África do Sul, devido a política de segregação levada a cabo por este país.

1974

• O secretário-geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim, chega a Lisboa para debater com as autoridades portuguesas o futuro das colónias.

1983

• Os 10 países membros da CEE, reunidos em Genebra, pronunciam-se contra todas as formas de discriminação racial e condenam energeticamente a política sul-africana do «apartheid».

1984

• Eden Pastora, dirigente dos rebeldes nicaraguenses, chega a Lisboa para conversações com Mário Soares.

1988

• Seis organizações de direitos humanos submetem ao senado da Argentina uma lista de 896 oficiais das forças armadas, que estariam envolvidos no desaparecimento de milhares de argentinos sob o regime militar.

1988

• Morre, em S. Paulo, Brasil, onde se encontrava exilado desde os anos 30, o coronel Sarmiento Pimentel, 93 anos, opositor ao regime de Salazar.

Resolveu completamente este problema?
Procure, agora, em segundo passatempo,
o provérbio nele inscrito.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
DESAFIO TOTAL
Filme de Paul Verhoeven
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2

NA CORDA BAMBÁ
Filme de John Bradham
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3

O TRIUNFO DO ESPÍRITO
Filme de Robert M. Young
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4

OLHA QUEM FALA
Filme de Almy Heckerling
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5

NINGUÉM É SANTO
Filme de Neil Jordan
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
**AS AVENTURAS
DE BERNARDO E BIANCA**
Desenhos animados
M/6 anos - Às 14.00, 16.30
e 19.00,
UM CASO DE GUERRA
Filme de Patrick Duncan
M/12 anos - Às 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa - T. 691275
DESAFIO TOTAL
Filme de Paul Verhoeven
M/12 anos - Às 13.30, 15.30,
16.30, 19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2

OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3

O TRIUNFO DO ESPÍRITO
Filme de Robert M. Young
M/16 anos - Às 13.45, 15.45,
16.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4

DURO DE ROER
M/12 anos - Às 13.30, 15.30,
17.30, 19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 5

HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos
Às 14.00, 16.30, 19.00
21.30 e 24.00

AMOREIRAS 6

NA CORDA BAMBÁ
M/12 anos
Filme de John Bradham
Às 14.15, 16.45, 19.15,
21.45 e 00.15

AMOREIRAS 7

FOGO MALDITO II
Filme de Tony Randel
M/18 anos
Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45,
21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8

**CENAS DE LUTA DE CLASSES
EM BEVERLY HILLS**
Filme de Paul Bartel
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9

ATA-ME
Filme de Pedro Almodovar
M/16 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30
21.30 e 24.00

AMOREIRAS 10

ORQUÍDEA SELVAGEM
Filme de Zalman King
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
Filme de Akira Kurosawa
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

BERNA

Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 15.15, 18.00 e 21.30

CAPÍTULO

Parque Mayer
LOUCAS ORGIAS
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 15.00, 17.00,
19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES

R. do Loreto, 15 - T. 324194
**A LEGENDA DOS OITO
SAMURAI**
Filme de Haruki Kadokawa
M/12 anos - Às 14.15, 16.30
e 21.30

CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
CANHÕES PERDIDOS
Filme de Bob Clark
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00
e 21.30
TORNADO
M/16 anos - Às 24.00

CINE PORTELA

ESTÚDIO ANUSHA

Centro Comercial da Portela
T. 9434762
ARMADILHA SENTIMENTAL
M/16 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA

INIMIGOS E AMANTES
M/16 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
DESEJO INCONTROLÁVEL
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30,
16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA

PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
(Encerrada para férias
reabre em Setembro)

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

CONDES

Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00
e 21.30

ESTÚDIO

Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
(Encerrado
temporariamente)

FONTE NOVA 1

Est. de Benfica 503 - T. 7145088
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 14.30, 16.45
19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2

NA CORDA BAMBÁ
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3

OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.45, 17.00,
19.15 e 21.45

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1

JULES E JIM
Filme de François Truffaut
M/16 anos - Às 14.00, 16.00, 18.00
20.00 e 22.00

AUDITÓRIO 2

TEMPO DOS CIGANOS
Filme de Emir Kusturica
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.15
e 21.45

IMPÉRIO

Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes - T. 8480808
(Encerrado temporariamente)

KING TRIPLEX 1

R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
FÚRIA SILENCIOSA
Filme de Mark Goldclark
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30



«Sempre», a mais recente longa-metragem de Steven Spielberg, em exibição actualmente em Lisboa

KING TRIPLEX 2

OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3

CANHÕES PERDIDOS
M/12 anos - Às 14.30, 17.00,
19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2

ORQUÍDEA SELVAGEM
M/16 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES

Av. de Roma, 7-A - T. 801313
ATA-ME
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 1

R. Martens Ferrão - T. 538743
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 2

NA CORDA BAMBÁ
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

MUNDIAL 3

OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
ASSASSINO SEM ROSTO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ODEON

R. dos Condes, 4 - T. 326283
FÚRIA SILENCIOSA
M/18 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

OLIMPIA

Rua dos Condes, 13 - T. 325309
ESCÂNDALO SEXUAL
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1

Centro Com. Alvalade T.606847
ORQUÍDEA SELVAGEM
M/16 anos - Às 13.45, 16.15, 18.45
21.15 e 23.45

PLAZA 2

DESAFIO TOTAL
Filme de Paul Verhoeven
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.00, 21.45 e 24.00.

POLITEAMA

R. Portas de St.º Antão - T. 326305
O SENADOR
Filme de Michael Thornhill
M/18 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00 e 21.30

QUARTETO 1

R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
**AS MINHAS NOITES SÃO
MAIS BELAS QUE AS VOSSAS**

Filme de Andrej Zulawski
M/16 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00, 21.45 e 24.00

QUARTETO 2

ATA-ME
M/16 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.15, 22.00 e 24.00

QUARTETO 3

**AS AVENTURAS DE
BERNARDO E BIANCA**
Filme de Walt Disney
(Falado em português)
M/6 anos - Às 15.00, 17.00
e 19.00
COOKIE
M/12 anos - Às 21.45 e 24.00

QUARTETO 4

**UM BAR CHAMADO
BLUE WATER**
Filme de Peter Masterson
M/12 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

SÃO JORGE 1

Av. da Liberdade, 175
T. 579144
NA CORDA BAMBÁ
M/12 anos - Às 15.30, 18.30
e 21.30

SÃO JORGE 2

OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.15
e 21.45

SÃO JORGE 3

O TRIUNFO DO ESPÍRITO
M/16 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.15

7.ª ARTE

Av. da República - T. 730715
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.45, 17.00,
19.00 e 21.45

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
T. 804210
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

TERMINAL

Estação do Rossio - T. 371573
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 13.00, 15.00,
17.00, 19.00 e 21.30

TURIM

Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
**CLUBE DOS POETAS
MORTOS**
Filme de Peter Weir
M/12 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON

Av. da Liberdade, 9
T. 3468446
CANHÕES PERDIDOS
Filme de Gene Hackman
M/16 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA

ALMADENSE
Telef. 2752127
TOTAL RICAL
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

CACÉM

ESTÚDIO FLORES

Telef. 9147570
UM HOMEM INOCENTE
Às 15.00 e 21.30

QUELUZ

KING D. PEDRO III

Telef. 4364845
Sala 1
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15
Sala 2
O JOVEM EINSTEIN
Filme de Yahoo Serious
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30
Sala 3
CANHÕES PERDIDOS
Filme de Bob Clark
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TEATROS

LISBOA

COMUNA

P. de Espanha - T. 7260818
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 17.00
SALA NOVA
O ESTRANGEIRO EM CASA
De Richard Demarcy

MARIA VITÓRIA

Parque Mayer - T. 3461740
De 3ª a Sáb. às 21.30
Domingos e Feriados, também às
16.00
VITÓRIA VITÓRIA
De Henrique Santana, Francisco
Nicholson,
Augusto Fraga, Nuno Nazareth
Fernandes
e Fernando Ribeiro.

RITZ CLUBE

R. da Glória - T. 325140
Sexta e Sáb. às 22.00
O REGRESSO DE BUCHA E ESTICA
Encenação de Mário Viegas

RÁDIO

ANTENA 1

**Desdobramento em Onda Média -
Emissoras do Litoral - e 99.4 em FM -
Zona de Lisboa**
14.00: O Lino e a Seda;
15.00: Praça dos Sonhos; 17.00: Antena 1
- Regiões; 17.15: Porto d'Aberto.

Onda Média e FM Estéreo
14.00: Antena 1 - 14/17; 17.00: Sete
Mares; 19.00: Informação e Música;
20.00: No Estúdio e no Estádio;
20.15: Musical; 20.30: A Voz da
Solidariedade; 21.00: Diálogo;
21.30: Imaginário. Noticiários de hora a
hora.

ANTENA 2

FM 2 - Estéreo
17.00: Música para Trompete; 19.00:
Integrals - As sonatas para violino e
piano de Beethoven; 19.45: Álbum
Musical. Obras de Johann Sebastian
Bach, Chopin, Tchaikovsky, Gershwin,
Moussorgsky, Schumann e Brahms;
20.10: Álbum Musical (cont.); 20.45:
Esta Madrugada na Antena 2; 21.00:
Histórias de Música... e outras;
21.30: Obras de Bach e Telemann; 22.00:
Concerto Sinfónico; 23.05: Destaque:
Karl Böhm; 00.05: Restauração Musical -
Música executada em instrumentos
originais; 01.25: Música do Século XX;
02.00: Música na Madrugada em
Disco Compacto. Noticiários de hora a
hora.

COMERCIAL

Onda Média 283, 290 e 397 m
16.30: Quando o Telefone Toca; 17.00:
Contacto; 19.00: Jornal; 19.30: Quanto
o Telefone Toca; 20.00: Praça de Táxis;
21.00: Pela Estrada Fora; 22.00:
Religiosos; 22.15: Desporto; 23.00: 24ª
Hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz
18.00: RDS - Rádio das Seis; 21.00:
Mercador de Sonhos; 00.00: A Noite

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE RTP-1

- 16.10 - DESENHOS ANIMADOS
- 16.20 - DERRICK
- 17.20 - O MUNDO ANIMAL
- 17.40 - BRINCA BRINCANDO
- 18.35 - OS MARRETINHAS
- 19.00 - ESPECIAL VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA
4ª Etapa Évora/Terrugem
- 19.25 - JOGO DE CARTAS
- 19.50 - BOLETIM METEOROLÓGICO PARA A AGRICULTURA
- 20.00 - TELEJORNAL
- 20.30 - BOLSA DIA A DIA
- 20.35 - O TEMPO
- 20.40 - BOLETIM AGRÁRIO
- 20.45 - RODA DE FOGO
- 21.40 - UM ESPIÃO NO PURGATÓRIO
- 22.35 - LUTA PELA DEMOCRACIA
3º Episódio: o jornalista Patrick Watson analisa desta vez os sistemas políticos das três nações africanas. As três nações em causa são a Nigéria o Zimbábue e a Líbia.
- 23.30 - MURPHY BROWN
- 23.55 - 24 HORAS
- 00.30 - REMATE



Corrida TV, no 2º canal às 22.00

RTP-2

- 16.35 - OS CENTURIÕES
- 17.00 - JOGOS DA AMIZADE/1990



No 1º canal às 19.00, «Especial - Volta a Portugal em Bicicleta»

- Voleibol masculino e basquetebol feminino dominam ainda as atenções nos Jogos da Amizade.
- 18.30 - MEU PÉ DE LARANJA LIMA
- 19.10 - ESPAÇO INFANTIL
Com «Paulus o Duende» e «Uma Pequena Maravilha»
- 19.55 - VIA RÁPIDA
- 20.05 - CLÁSSICOS DA TV
«Ruas de S. Francisco»:
Um numismata que planeia substituir moedas raras por moedas falsas para ficar com as verdadeiras, comete o erro de não mencionar o proprietário de uma grande colecção, quando a polícia o interroga na sua qualidade de perito.
- 21.00 - JORNAL DAS NOVE
- 21.30 - EMOÇÕES
- 22.00 - CORRIDA TV
A 26ª edição da «Corrida TV» apresenta na arena do Campo Pequeno, João Moura, Joaquim Bastinhas, Rui Bento Vasques, Jesulim de Ubrique.

Forcados de Montemor. Ganadarias de S. Marcos e Dias Coutinho.

PARABÓLICAS ALBA

- Antena de 90 cm Off-Set equivalente às tradicionais de 110 cm.
- LNB com polarizador incorporado.
- Receptor extensível com 16 canais memorizáveis.
- Telecommando infra-vermelho com todas as funções.
- Poder de captação:
 - Actual: 8 canais
 - A partir do final do ano: 24.
 - Mais os canais do Eutelsat II a ser lançado

AUDIMAX T. 4106275 Algés

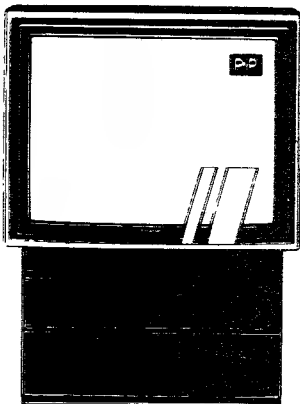
AMANHÃ RTP-1

- 09.01 - BOM DIA
- 10.00 - ÀS DEZ
- 12.05 - A GATA COMEU
- 13.00 - JORNAL DA TARDE
- 13.27 - BOLSA DIA A DIA
- 13.30 - GUERRA E PAZ
- 14.20 - O MAR E A TERRA
- 14.45 - DAVID BOWIE
- 15.45 - OS AMORES DE NAPOLEÃO E JOSEFINA
- 16.30 - O MUNDO ANIMAL
- 17.00 - BRINCA BRINCANDO
- 18.30 - OS MARRETINHAS
- 19.00 - ESPECIAL VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA
- 19.25 - JOGO DE CARTAS
- 20.00 - TELEJORNAL
- 20.30 - BOLSA DIA A DIA
- 20.35 - O TEMPO
- 20.40 - BOLETIM AGRÁRIO
- 20.50 - RODA DE FOGO
- 21.50 - WOLF
- 22.50 - A MAGIA DE PAUL DANIELS
- 23.40 - CHEFE, MAS POUCO...
- 00.10 - 24 HORAS
- 00.40 - REMATE
- 00.50 - PELA NOITE DENTRO «A Bala Traíçoira»

RTP-2

- 14.02 - PRIMEIRO JORNAL
- 14.30 - ESPAÇO INFANTIL
- 14.45 - FILHOS E FILHAS
- 15.10 - AGORA, ESCOLHA!
- 16.30 - HERÓIS
- 17.00 - JOGOS DA AMIZADE/1990
- 18.30 - MEU PÉ DE LARANJA LIMA
- 19.10 - ESPAÇO INFANTIL
- 19.55 - VIA RÁPIDA
- 20.05 - AS CIDADES E AS TERRAS
- 20.35 - BUCHA E ESTICA
- 21.00 - JORNAL DAS NOVE
- 21.30 - DONA BEIJA
- 23.00 - ROTAÇÕES
- 24.00 - HAJA MÚSICA

BLAUPUNKT Seleccionou para si...



BLAUPUNKT
Grupo BOSCH

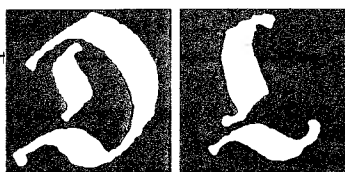
Um pequeno ponto faz a diferença

GIBEL O SEU CABELEIREIRO

**MAIS RÁPIDO
ECONÓMICO
EXTRAÇÃO DE PELOS**

ELÉCTRICA SEM DOR E SEM MARCAS
E A CERA QUENTE OU FRIA

Das 8 as 20 horas
Calçada do Sacramento, 38

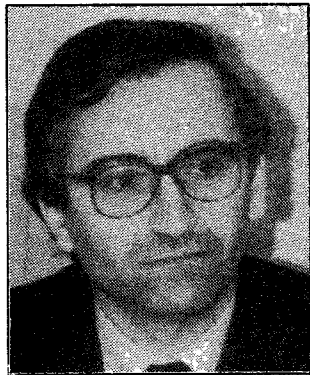


QUINTA-FEIRA, 2 AGOSTO 1990

«As grandes cidades, em Portugal, tornaram-se habitats urbanos alienantes»

Fernando Pessoa, «Diário de Notícias», 01.08.90

A PERGUNTA DO DIA



Bagão Félix
secretário de Estado
do Emprego
e Formação Profissional

Em que consistirão as alterações ao programa de apoio à contratação?

«Trata-se de um programa que tem como objectivo incentivar o emprego de jovens até aos 25 anos e de desempregados de longa duração, através de um apoio financeiro não reembolsável igual a doze vezes o salário mínimo por cada posto de trabalho criado. De modo a favorecer a igualdade de oportunidades, este apoio é acrescido de 20 por cento quando se trate do preenchimento por mulheres de postos de trabalho tradicionalmente masculinos. Juntamente com este programa existe um esquema de isenção temporária das contribuições patronais para a segurança social relativamente aos mesmos trabalhadores admitidos. No actual contexto de mercado de trabalho, o apoio é selectivo em termos regionais, incidindo nos concelhos onde persistem algumas bolsas de desemprego ou onde é necessário promover projectos de investimento geradores de novos postos de trabalho, designadamente nas regiões do interior. O programa é gerido pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional e envolverá, em 1990, cerca de um milhão de contos.»

Sexta-feira no

Diário de Lisboa

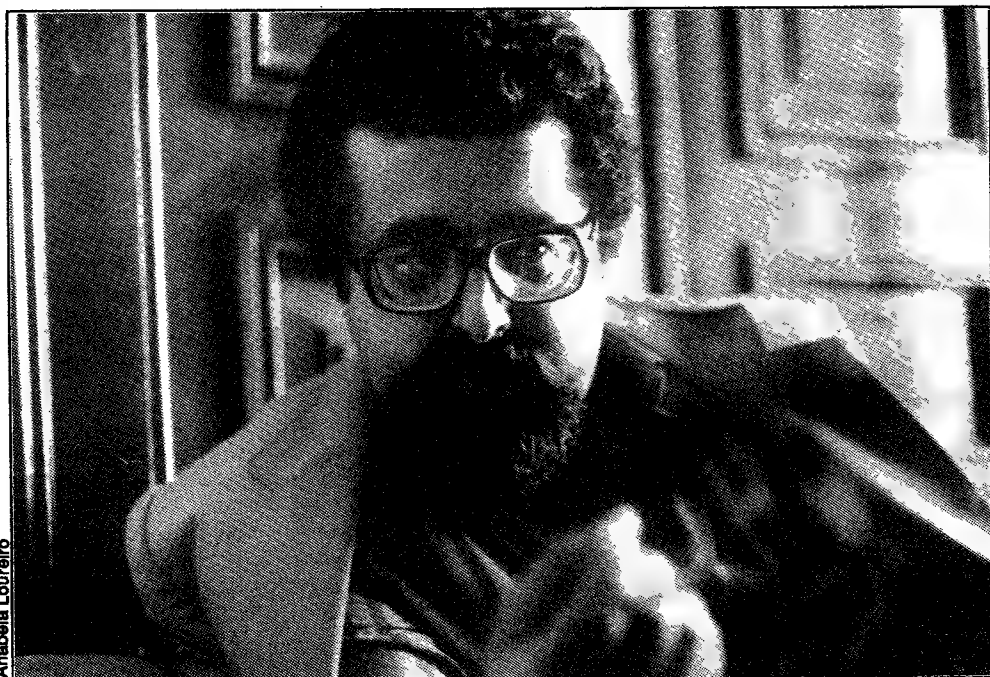
Estados
Bálticos
incorporados
na URSS
há 50 anos

Política
de A a Z
por F. Piteira
Santos

ENTREVISTA

José Quitério é o mais conhecido cronista gastronómico português. Para ele, comer deve ser uma arte, um prazer, uma forma de cultura. No entanto, é apenas uma alínea da vida

«Sempre foi à mesa que se resolveram os problemas»



D.L. - De onde lhe vem o gosto pela gastronomia?

J.Q. - Comer é uma necessidade vital. Mas acho que é curial tentarmos transformá-la numa coisa que seja o mais agradável possível.

D.L. - O gosto é algo que se constrói?

J.Q. - O gosto está muito ligado à infância. É evidente que isso não é nenhum atavismo absoluto e pode ser educado. No entanto, há determinados pratos que se comeram em casa dos pais ou dos avós, que marcam muito. Há uma certa nostalgia dos tempos passados e todos nós nos lembramos de sensações de determinadas coisas que comemos e que nunca mais esquecemos. Ao longo da nossa vida, porém, vamos tendo experiências que se reflectem no aspecto gustativo e vamos alargando o pequeno leque inicial, quer através de novos alimentos, quer de novas formas de os cozinhar. Tudo isso nos vai também afinando o gosto.

D.L. - Acha que o bom gastrónomo é aquele que vive para comer?

J.Q. - Não, de maneira absolutamente nenhuma. Comer é absolutamente essencial, comer com prazer será uma boa ambição que todos poderemos ter, mas não preenche, de maneira nenhuma, todas as nossas necessidades. É apenas uma alínea que está, aliás, ligada a outras como a convivialidade, por exemplo. Claro que convém que se fale do que se está a comer, não acredito que nenhum apreciador possa comer ou beber distraído, mas não quer dizer que se concentre só naquilo.

D.L. - À mesa é, aliás, um local de convívio privilegiado...

J.Q. - Desde sempre foi à mesa que se resolveram problemas, que se estabeleceram laços de amizade, de amor... Os políticos sempre tiveram noção disso. Na altura do Napoleão, havia um política que, antes de partir para o Congresso de Viena, afirmou que não precisava de levar conselheiros, mas sim bons cozinheiros para fazer grandes festins gastronómicos, onde resolveria os problemas pátrios com muito mais facilidade.

D.L. - A cozinha portuguesa é essencialmente regional. Há regiões mais ricas que outras?

J.Q. - Temos a felicidade de todas as nossas províncias serem ricas. Há que entender o termo riqueza no seguinte sentido: a partir dos produtos que se tem, conseguir apresentá-los de uma maneira saborosa. Há um caso muito particular que é o do Alentejo, onde as matérias-primas são muito limitadas. É o pão, o porco e o borrego. Os alentejanos

conseguiram, recorrendo à invenção culinária e servindo-se das ervas aromáticas, criar uma diversidade grande de pratos que, nos fundo, são quase variações sobre o mesmo tema, embora, ao paladar, sejam diferentes. O problema põe-se perfeitamente ao contrário na beira-mar. Temos o melhor peixe do mundo. É tão bom, tão rico, tão variado, intrinsecamente tão saboroso, que o trabalho culinário é a intervenção menor, simplesmente para valorizar a matéria-prima.

D.L. - Gosta de cozinhar?

J.Q. - Já gostei mais do que agora. Há uns anos dava-me um prazer muito grande, e era capaz de passar um fim-de-semana agarrado aos tachos e às panelas. Neste momento, admito que seja um problema de início de velhice, já não me dá tanto gozo, já me cansa. Prefiro ler um livro, por exemplo.

D.L. - Com a vida agitada das grandes cidades, como é possível fazer boas refeições?

J.Q. - Actualmente é muito difícil. Ao almoço, é praticamente impossível, devido à falta de tempo. Também não se pode esperar que, ao fim de um dia de trabalho árduo, se tenha gosto, paciência e disponibilidade para estar a cozinhar uma boa refeição. Talvez os fins-de-semana sejam a altura ideal para isso.

D.L. - Mas pode-se sempre ir aos restaurantes...

J.Q. - Isso cada vez é mais caro e muitas vezes o preço não se justifica. Paga-se muito e, em troca, não se afige o correspondente, muito pelo contrário. Muitas vezes é fonte de irritação. Há muita gente que estaria melhor a vender *lingerie* do que a vender comida. Há especulação, há gente que abre um restaurante porque é bem. Há uma grande salgadura no sector.

D.L. - Isso é um panorama um pouco decepcionante para quem faz crónicas gastronómicas, não é?

J.Q. - É verdade. São muito raros os momentos de plenitude.

D.L. - Quando vai a um restaurante, não corre o perigo de as pessoas o reconhecerem e lhe darem um tratamento especial?

J.Q. - Nunca me quis expor muito e tento ser o mais anónimo possível. Às vezes, quando começo a copiar a lista, há quem fique desconfiado mas, de uma maneira geral, consigo manter o anonimato. Além disso, nunca aceito convites de restaurantes.

D. S.

C R Ô N I C A

Quarto minguante

Não há «neste país» taberneiro ou chefe de sala que não nos recomende o *bifinho*, o *lombinho*, o *linguadinho*, que não pergunte se queremos *sobremesazinha* e *cafezinho*. Na pastelaria trazem-nos «o seu bolinho» e o seu *leitinho*. Numa loja pediram-me o *nomezinho* e a *moradinha*. «Para quê?» / «Para o *recibozinho*». Apesar de vestir 46, tinham-me vendido uma *camizinha*. À saída, recomendaram *cuidadinho* com o *degrauzinho*, advertência que era uma armadilha: o diminutivo não fazia prever os trinta centímetros de altura. Até os agradecimentos são curtos, pequeninos, chupados: *obrigadinho*.

«Small is beautiful!» Não fomos nós que dissemos, mas somos nós que assim pensamos. O diminutivo não é, no entanto, só uma delicadeza bacoca ou apenas um requinte do «marketing» da bifana e do pronto-a-vestir. É a ressonância inconsciente de um quotidiano que vai perdendo dimensão, de um povo treinado na mediocridade, que sonha alto mas sem grandeza, cuja esperança se chama totoloto, a alegria é o futebol e a cultura a telenovela. Enfim: a *vidinha*, que não é uma vida diminuta, mas um longo viver sofrido e conformado.

Um povo assim reduzido na sua escala de valores e as instituições que dele emergem parecem relacionar-se numa anti-simbiose em que mutuamente se pervertem. O compadrio é dos resultados mais imediatos, com o seu cortejo de cortesãos mediocres e corruptos. Os instrumentos do poder perdem credibilidade, a sua autoridade tiraniza-se, enfraquece ou torna-se simplesmente ridícula, mesmo quando se lhes pretende dar a dignidade de alta autoridade. É o quarto minguante dos governos.

Rui Camacho



A.M.A. Auto Monumental de Arquivo

CONCESSIONÁRIOS



AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8

1000 LISBOA

Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO LITERÁRIO

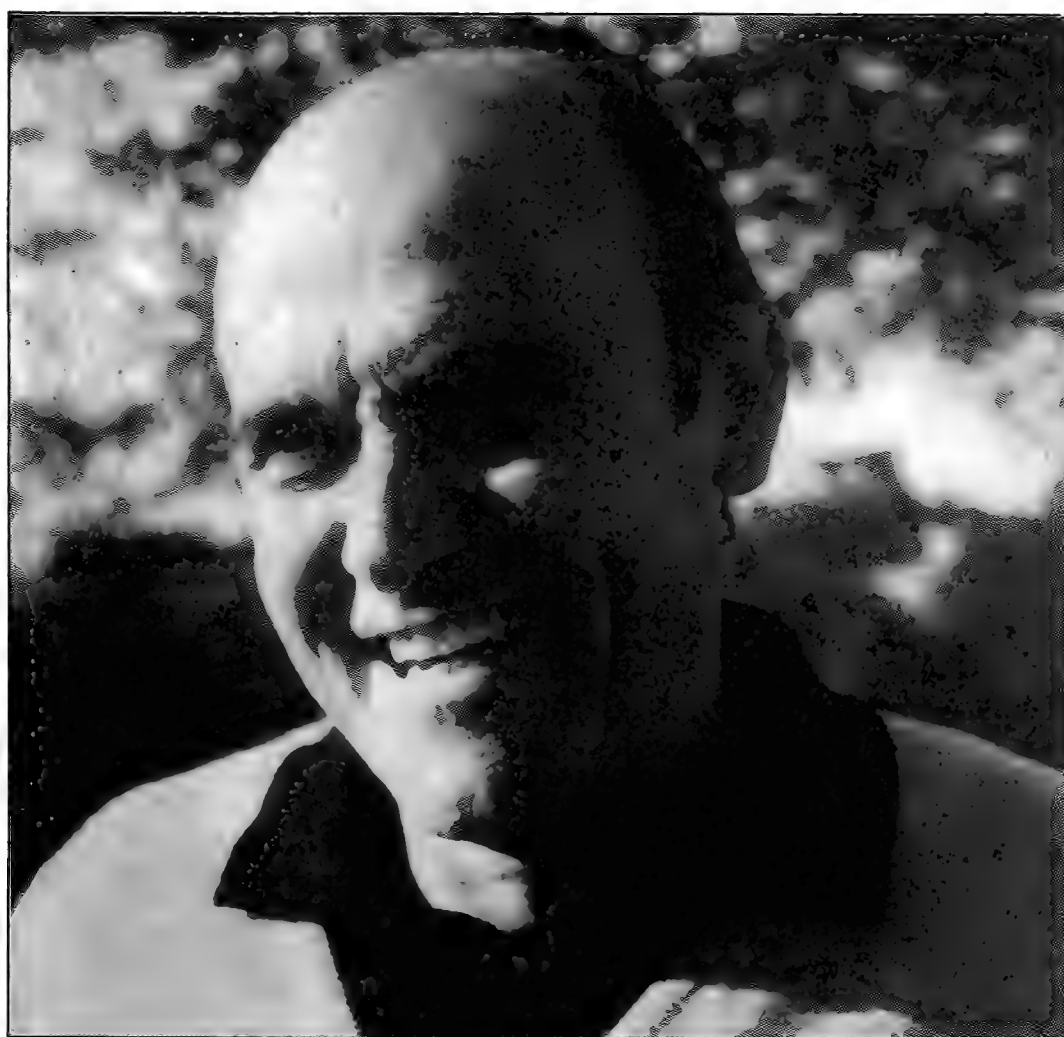
SUPLEMENTO DAS QUINTAS-FEIRAS DO **Diário de Lisboa** 2 DE AGOSTO DE 1990. NÃO SE PODE VENDER EM SEPARADO

A obra de Ruben A., págs. 2 e 3; Moravia e o romance, págs. 4 e 5; poemas de Marguerite Yourcenar, pág. 6; Leituras e Ideias, pág. 7.

A OBRA PIONEIRA DE RUBEN A.

Em 1969, a propósito de uma antologia do *Humor Português* que então organizávamos, solicitámos a Ruben A. (cujas obras em boa hora a Assírio e Alvim está a publicar) uma pequena nota com informes biográficos. Enviou-nos o texto que a seguir transcrevemos:

«A primeira tentativa moderna, depois da segunda guerra mundial, para reinventar a língua portuguesa foi apresentada por Ruben A. nos dois primeiros volumes de *Páginas* (1949 e 1950). Esta obra de vanguarda, retardada num país de panorama literário arqueológico, causou certos engulhos nas entidades oficiais, sobretudo na figura dominante da vida pública de então, que teve o luxo de não gostar da obra e perseguir o seu autor por mero capricho literário. Com este estímulo a obra continuou, impôs-se mesmo mais do que havia a esperar de experiência muito ténues de uma língua que começava a acordar, cheia ainda de ramela no túmulo da decadência. Ruben A. provocou o primeiro acto de contestação em Portugal e desse seu acto de coragem foi vítima. Duas críticas certleiras, de primeira importância, assinalaram este new look das nossas letras — os artigos de João Gaspar Simões e de António Quadros. A seguir a esta experiência publicou um romance — que raros leram — *Garanguejo* (1954). Contin-



uou com as *Páginas III* no ano de 1956, onde se encontra o célebre conto «Ruben A-Ruben-B». Em 1960 lança *Cores*, livro de contos, cheio de espinhos, no arco-íris da alfinetada. O romance *A Torre da Barbela* é lançado em 1964, depois da publicação de *Um Adeus aos Deuses* — Grécia, e da peça *Júlia*. *A Torre da Barbela* estabeleceu nos estabelecidos mais confusão, José Palla e Carmo, Nelly Novais Coelho, Naief Sáfydy, Luís Correia de Araújo, Maria de Lourdes Belchior, Luís Lindley Cintra, Serafim Ferreira e mais uns corajosos dignificaram esta criação. Entretanto, com a publicação do III e último volume, completou-se a primeira autobiografia moderna em língua portuguesa — *O Mundo à minha procura*. Esta obra pioneira recebeu da crítica um silêncio de valor.»

Como se vê, trata-se de escritor heteróclito que não capitula perante a circunstância. Dele, poderemos dizer o mesmo que disse Nadier dos livros excêntricos: está a leste das regras vulgares da composição e do estilo e é-nos difícil descortinar-lhe um objectivo, presumindo que ao escrever tenha algum para além da própria escrita. A razão, salutarmente, não o retardava nem o submete às exigências retardadoras da dúvida e da modestia: limita-se a segui-lo, sorrindo.

Ernesto Sampaio

BRANCA

D Branca morava no Porto e sofria, por vezes, de chilikos inofensivos. Era um costume dos últimos anos que a dominava nas tardes de mau génio. Ficava então toda e toda confundida num deixar-se apoderar de outras cores. D. Branca virava-se encurvada, apoplética, sem ter mão em si e barafustava até ir tudo raso. Para as criadas, nos momentos assim, a vida com D. Branca era negra. Mourejavam o pão e só respiravam clareza quando D. Branca estava a dormir. No sono ela parecia uma pomba mostrando seus cabelos grisalhos.

Depois dos achaques, D. Branca ficava cor de cera, parecia pronta para embarcar no comboio mistério da morte.

D. Branca nascera, vivera e chilicara-se na Rua de Cedofeita — a rua mais castiça do burgo tripeiro. Cedofeita é uma rua estreita onde o sol entra por favor, abrangendo de luz os parapeitos dos primeiros andares das casas. Daí para baixo é escuro e no Verão a rua sente-se fresca pela sua constante sombra. D. Branca vivera com os pais no século XIX e com o resto da família do século XX, sempre na mesma casa e fornecendo-se sempre dos mesmos estabelecimentos de mercearia e de outras trivialidades prementes.

Nada se sabe do passado de D. Branca. Viúva? Solteira? Filhos conhecidos não deixou, mas amores teve-os ao tempo com o sobrinho dos vizinhos que fora estudante em Coimbra. — Que tivera as suas experiências coloridas não havia

dúvida. Ela movimentava-se como quem já tivesse misturado as cores e nem a sua voz soltava gritos de solteirona não copulada. Tivera a sua aventura há uns quarenta anos e certeza fora com um dos republicanos. Era coisa nova na época e D. Branca apetecia-lhe experimentar um estudante republicano, tinha mais cor, era mais vivo, fervia mais nos seus ideais avançados.

Quando D. Branca se sentava no banco da janela a ver passar quem ia, lembrava-se dos tempos virginais da sua infância. Era como um lírio ou como neve a impressionar-se de vincadas recordações — ninguém se apercebera daquela sua aventura — mas D. Branca não podia ficar toda a vida com a mesma cor — é tão difícil conservar uma coisa completamente branca! Há sempre um pinga que cai ou

um surro que se forma ou qualquer outra coloração que disfarça a brancura evidente do branco.

D. Branca tinha família — era como todas as pessoas desta vida; tinha uns mais simpáticos e outros menos simpáticos. Ela baralhava-os sem que se importasse muito com a cor deles.

O namoro da Brancinha era pessoa que andava a fazer preparativos de Engenharia e republicano convicto de ideias explanatórias. Vinha namorar à vista larga sem se aproximar muito do portal e sem nenhum bilhete denunciatório. Não. Ele, rapaz fino de Lisboa, apenas queria brincar com a beleza tenra e limpa de D. Branca. Ela quase murchara-se consolando pelo olhar vago e longínquo do estudante vestido de ne-

continua na pág. 2

BRANCA...BRANCA...BRANCA...

continuação da pág. 1

gro, - a capa e batina dava-lhe um tom de luto que muito preocupava a tenra Brancinha.

No passeio público viam-se aos fins da tarde e cumprimentavam-se num ar azul de respeito recíproco. Ele tirava o chapéu e ela abria a sombrinha sem que se passasse qualquer outra ligação entre eles.

Passados meses destes passeios públicos, D. Branca, como por milagre de geração espontânea, apareceu com cores mais pálidas e formas mais nimbadas. O preto do estudante republicano impressionara tanto o branco que o rolo da máquina fotográfica ficou positivo e pronto para ser revelado daí a uns nove meses. Parecia um encanto pensar que mesmo com todos os sintomas de coloração nada se iria passar. Eram apenas uns espasmos de arco-íris que se tinha entranhado no branco.

D. Branca de nada mais se importou. Viu mais vezes o pretendente a engenheiro e, quando veio o Verão, partiu com a família para fora do Porto. Foi então para Fafe.

Fafe é uma terra que não se descreve num roteiro ou numa pincelada impressionista. Tem por lá tragédia de que já fala o Camilo, e o Zé do Telhado funcionava lá nas redondezas. Em Fafe há sempre umas quadrilhas que dão febra e grandeza ao quadriculado do baixo Minho. Tem Fafe o terreiro da feira e meia dúzia de lojas onde o comércio local se abastece às segundas e quintas-feiras. Os habitantes de Fafe são religiosos até ver e nada os preocupa mais do que o sermão do abade. Fafe é terra liberal onde famílias inteiras ainda se namoram e arranjam casamento para depois da Páscoa, quando a cereja começa a pintar e o pêssego já está todo cá fora. Fafe fica numa pequena colina a olhar desconfiada para outras terras secundárias do baixo de Famalicão. De Fafe a Guimarães, de Fafe à Trofa e de Trofa a Fafe é sempre a mesma distância. Fafe marca pelos seus ares arrecadados onde homens metem mulheres dentro de portas até que o casamento lhes dê saída.

D. Branca em Fafe sentia-se na gaiola bucólica do campo português, toda vestida de branco e, com um filho em transição de pensamento, ia vivendo feliz. A família não dava por nada e ela ia-se compondo todos os meses à espera de festejar o nascimento da criança de capa e batina.

O amanhecer cobria de neblina as latadas mais proeminentes e a brancura do vale confundia-se nos campanários de

duas ou três capelas perdidas de encontro à vastidão do olhar - o branco misturava-se com o verde dos pinhais e baralhava-se com o mesmo verde dos campos de milho. Os dias começavam castos, virginais, brancos e de pura formação para crença religiosa - havia céu azul no alto num querer passear-se pelo horizonte logo às seis da manhã. D. Branca sonhava com a criança e sentia-se em adiantado estado de parimento imaginativo. Compunha-se como o bebé e de berço ao lado lembrava-se do tempo de transição quando do Inverno na Rua de Cedofeita. D. Branca sofria, ficava pálida e rosada sem explicar as aflições que o mariola lhe incubara. Apodrecia-se de menina perdida sem copulação e cosia, bordava à espera do nascimento da criança. Em Fafe ninguém pensava no que se passava lá por dentro - a vila seguia o seu ritmo de feira quinzenal e o de resto ficava por contar em tragédias humanas: patenteava-se tudo ao natural sem quaisquer dificuldades camarárias ou desportivas. D. Branca, pela manhã cedo, ol-

hando lá fora no vale, chorava de saudade por não ter tido o bambúrio de gémeos. D. Branca já aspirava ao plural.

As cartas do engenheiro futuro traziam o tom melancólico dos românticos em menopausa e serviam de lição para o correio de vez em quando extraviar uma missiva e ler à sua família coisas do arco da nova. Os projectos ocupavam as linhas que D. Branca recebia - a leitura das cartas fazia-lhe arfar os peitinhos e receber comoção depois de aliviado o segredo mais equinocial da sua intimidade. A virgindade de D. Branca mantinha-se integral até à chegada do filho que se aproximava cá de fora. Ninguém da família compreendeu os seus sentires e até mesmo o excesso de leite que D. Branca bebia não denunciava qualquer suspeita por parte das autoridades locais.

No dia do feriado municipal e perante escassa assistência das entidades particulares nasceu uma criança singular. D. Branca tinha escolhido aquele dia para mangar a sério e mostrar ao mundo que também era capaz de despachar cá fora um objecto em pequena velocidade. A criança vinha de capa e batina, como era natural pela sua ancestralidade universitária. Trazia botas com atacadores de aliviar joanetes e tinha bigode farto preto e próprio de viúvos. D. Branca ao olhar para a criança ficou suspensa da sua perfeição. Até mesmo debaixo do braço trazia uma pasta com lápis, borracha e caderno de apontamentos. Era o certo de uma miniatura do engenheiro do Porto. Não podia haver qualquer confusão, era filho dele e da mãe.

O pequeno não gostou logo de Fafe. Não se adaptou bem à vida local e teve certa dificuldade em pôr a funcionar os intestinos. Apesar de sair todos os dias com D. Branca sentia-se um ponto negro ao seu lado. O pequeno tinha nascido para bocejar, para cafés, para nulidades e agora aqui a darem-lhe logo campo com pastos e outros momentos bucólicos, não podia ser, era abusar da sua condição de cidadão.

A família de D. Branca estava a gozar em cheio das suas férias: eram burricadas à Trofa e de Trofa a Fafe, eram piqueniques com as Almoendras na quinta dos Louros onde havia um papagaio trópego que repetia: «Tá calor, tá calor. Não se escondam não se escondam». «Que bisbilhoteiro ingrato» - dizia a Almoendra mais velha, que nunca tinha tido um estudante, mas vestia invariável de luto, tentando ainda à noite ser confundida. Coitadas das Almoendras, sempre à espera do Verão para ver se na feira alguém olhava para elas e,

depois de pouca discussão, as levava. Pareciam vacas humanas postas ao natural para melhor comodidade dos fregueses. Se uma casasse, as outras iam todas com ela para uma trigamia. D. Branca na quinta dos Louros sentia-se sempre bem e de braço dado com a mais nova das Almoendras contava-lhe a história do filho que nascera na véspera. Nesta altura a Mariazinha Almoendra teve um chilique e caiu para o lado sem que fosse necessária qualquer intervenção cirúrgica. Ficou para ali e D. Branca, assustada, não percebia a razão do caimento da Mariazinha. «Coitada! Abanem. Tirem essa cinta». «Tá calor, tá calor». «Fujam os cavalheiros». «Tá calor, tá calor». «Um copo de água». D. Branca, com a Mariazinha ao colo, contava-lhe a história linda do estudante de capa e batina ue lhe tinha aparecido na véspera. Ele era mesmo perfeito, com bigodes de oficial e umas polainas por cima das botas que lhe iam mesmo a matar.

D. Branca guardou-o no armário para evitar quaisquer suepeitas. Maria Almoendra delirava ao colo de D. Branca e só dizia: «Tive ontem um filho». E o papagaio repetia: «Tá calor. Não se escondam». E outras duas Almoendras abençoavam a irmã dizendo: «Abrenúncio! Abrenúncio! Deus a leve antes dos nove meses. Quem teria sido o malvado? Ontem uma criança! Como teria sido? Ó mana lembra-se de alguma coisa?» «Nasceu com bigodes de oficial e usava polainas por baixo da capa e batina! Ó Maria com quem foi?» E Maria Almoendra bocejava palavras indistintas que as manas classificaram como farmacêutico. Era filho do farmacêutico e diabo do futuro. E tantos cuidados a guardar a castidade. D. Branca abanava com a ajuda da brisa e acomodava-se contra um cedro dos célebres da quinta dos Louros.

No dia seguinte, D. Branca deixou ficar o filho no armário e partiu para casa das Almoendras, mesmo no centro de Fafe e em frente à botica, para ir visitar a Mariazinha, que chilicera na véspera. Foi a velha criada quem veio abrir a porta a D. Branca e logo sorradeira lhe disse que a Mariazinha tinha passado bem a noite e que as manas não paravam de um lado para o outro com a força do nervoso.

A casa das Almoendras, no centro de Fafe, é como a casa de solteironas no centro de qualquer lugar de província. Janelas sempre fechadas para o ar não matar o bafio sexual, cortinas com vincos marcados de cima a baixo para justificar o espreitamento das Almoendras em direcção à botica e a outros demais andantes do passeio em frente, e uma velha criada amiga da família e dos tempos dos paizinhos. Nada mais há de notável para o descrever da Praça da República, além do busto do Dr. Almoendra, das tílias em teia de aranha e dos bancos dos pobres com lampiões de nabo mesmo ao lado.

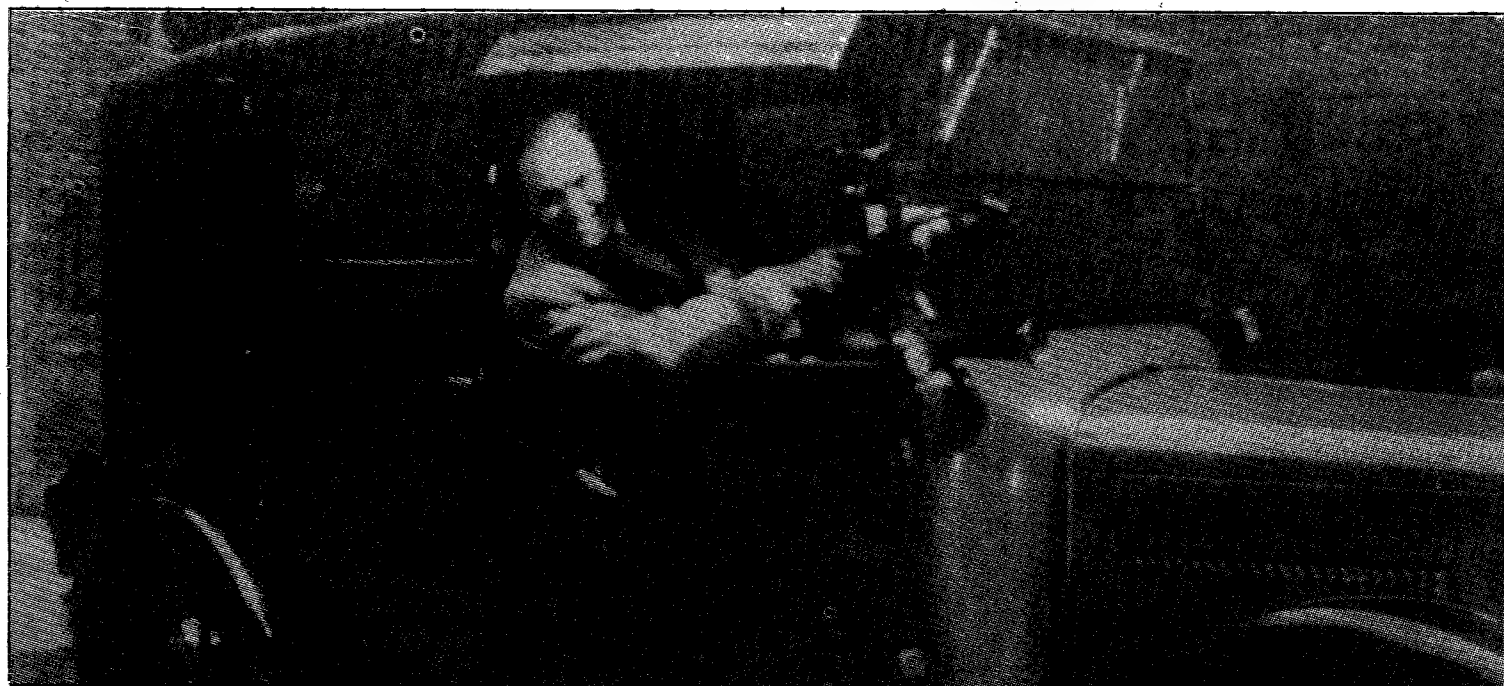
D. Branca tirou o chapéu de tule branco e, vestida com linda seda natural, avançou para o primeiro andar em direcção ao quarto de Mariazinha Almoendra.

«Então como está? Ontem sempre nos pregou um susto! Tanto delírio e afinal para não se lembrar bem do que me disse».

«Está enganada. Lembrou-me muito bem. É verdade. Isto aqui é só para nós. Sabe D. Brancinha que tive um filho sem mais nem menos! As manas nada sabem



literário



Ruben A. em Londres

mais nem menos! As manas nada sabem porque hoje já o mandei para colégio. Todo bem vestido, de capa e batina e de polainas. Tem mesmo um lindo bigode. Quero que ele vá ser oficial de artilharia. Está mesmo bem. É tão bonito o rapaz. Tem cabelo preto e anda sempre contente».

D. Branca nesta altura compreendeu a força tremenda que tinha disparado em direcção à Mariazinha Almoendra e só quis perguntar como é que ele entrara em casa sem as manas darem por nada. Onde é que ele comia?

«Ah. Passa a tarde no colégio e à noite quando chega vai logo para o quarto».

D. Branca sentia-se diminuída e já sem interesse com o seu pequeno dentro do armário. Coitado, também podia ir para o colégio e voltar ao fim da tarde directo para o quarto. Realmente ela tinha sido muito cruel com o filho. Sempre fechado e agarrado às saias da mãe sem qualquer instrução, estava para ali um analfabeto à espera de aparecer em público com as orelhas crescidas. Razão tinha a Mariazinha Almoendra para combater o analfabetismo. Era até patriótico: Mariazinha deitada na cama parecia uma flor num vaso. As manas só perguntavam o que teria feito mal à mãe. Perguntas tão simples como em casa delas não havia em todo o Norte. Purga tinha tomado no começo da Primavera e agora só a precisava no Outono, e certo menor dose de sulfato de sódio. Talvez fosse sol que tivesse apanhado no terreiro da feira e lhe desse aquelas manias de ter tido um filho. As manas não falavam em nada à vizinhança. Diziam só que a mana tinha tido uma cólica forte de intestinos por causa da fruta verde. - «É mau comer sempre fruta verde e então a mana que já sofre dos intestinos ainda se lhe torna pior».

O menino brincava no colégio, pois estava tudo em férias e não era preciso estudar. Ocupava o seu tempo a folhear as revistas mais importantes de anúncios e a recortar automóveis para a sua colecção. Não percebia porque é que a mãe não o deixava brincar em casa. Havia de ir perguntar à madrinha, D. Branca, porque é que o tinham assim tão fechado na época de Verão. O menino e as suas tias Almoendras eram os mais desconfiados: o menino que não percebia a razão de tantos cuidados e as tias porque ainda não tinham visto o sobrinho e, ao mesmo tempo, andavam de suspeita com a coerça da mana. As duas, para terem mais certeza de que à noite não entrava nenhum gato pardo no quarto da mana, revezavam-se a dormir no sofá para que, se fosse preciso alguma coisa, acudissem logo.

Em Fafe a vida estava completamente

normalizada, neutra, fechada, sem qualquer interesse que não fosse o aumento de preço das vacas e a diminuição nas tarifas das pipas de vinho. O resto corria-se dromedário na botica local em frente à casa das Almoendras. A vila cheirava a bafio do calor e a vilegiatura de D. Branca já não se prolongaria para além dos fins de Setembro. A distração de piqueniques à quinta dos Louros, onde «Tá calor, tá calor», estava suspensa por motivos de força maior. Realmente Mariazinha Almoendra demorava tempo a restabelecer-se. O choque de ter um filho quase um homem não a deixava indiferente. Tinha sofrido um grande traumatismo que, para dizer a verdade, só D. Branca podia compreender bem. O resto das pessoas eram de má língua afiada e firmes a quererem tirar nabos do púcaro. Bisbilhotice. Bisbilhotice de província para ir queixar-se ao padre das intrigas domésticas. Lá que havia qualquer coisa de estranho na Mariazinha todos estavam de acordo, até mesmo quando as manas mandaram chamar o médico - o Dr. Santos Lopes - cirurgião e dentista que, de auscultador em punho, não encontrou nada de notável. Os peitos um pouco inchados - deve ser da época «Tá calor, tá calor». «Nada de purgas, descanso, e umas pastilhas para evitar novos desmaios. Para a semana já se pode levantar - a força do sol é muita, os dias estão muito claros e às vezes a gente não se aguenta. Imaginem que ontem também fui chamado a ver a D. Branca, que se sentia tal e qual como a Dona Mariazinha. Os mesmos sintomas, as mesmas dores, enjoos e tudo por causa de um piquenique. Mas D. Branca restabeleceu-se depressa, já está boa; como não sofre dos intestinos tudo se compõe rápido. Olhe, D. Mariazinha: distraia-se. Isso é nervoso e um pouco de necessidade também de mudança de ares. Precisava de ir até ao Porto para ver mais gente».

Não há dúvida, o médico era boa pessoa, e receitou mesmo a preceito sem delongas de diagnóstico. As manas ficaram todas contentes e o filho de Mariazinha Almoendra foi autorizado a brincar na sala de visitas durante o mês de Setembro. D. Branca, num ar de descendência, tirou o filho do armário e deixou-o ir passar uma tarde a casa do amigo Almoendra.

Os dois gémeos brincaram toda a tarde, riram-se, divertiram-se, tomaram lanche na copa, besuntaram-se e ficaram amigos. Cada um ao deitar, à noite, rezou pelo outro e pediu ao Menino Jesus para os deixar brincar sempre juntos. O Menino Jesus disse-lhes que sim e que seria mais fácil até se o filho da Mariaz-

inha Almoendra fosse para o Porto durante o Inverno.

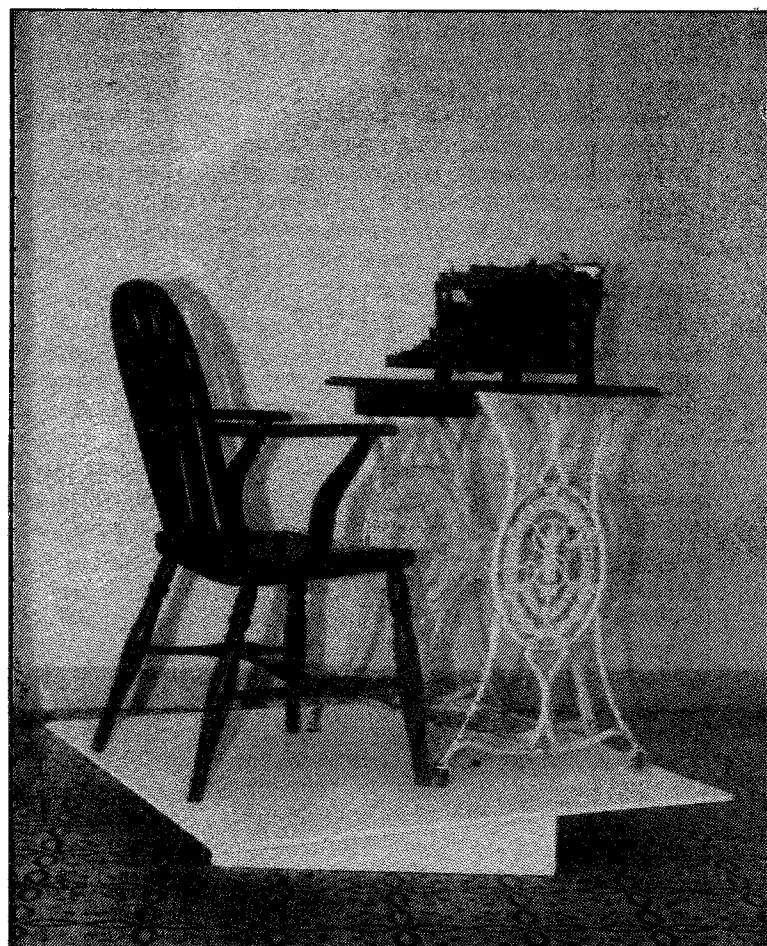
Com as primeiras chuvas do equinócio D. Branca retirou-se para o Porto. As aulas abriam em Outubro e o filho precisava de começar logo sem perder muitas lições. Antes da partida tinha combinado com a Mariazinha Almoendra juntarem-se no Porto para passarem horas de companhia e combinaram para ela conhecer o engenheiro de Lisboa de que tanto lhe falara D. Branca. Foi também decidido que o filho de Mariazinha passasse uns dias com o filho de D. Branca, pois tinham-se tornado amigos inseparáveis.

Os primeiros dias de Outono no Porto fazem lembrar as mulheres a dias que antes de limpar suj tudo, ainda muito mais do que estava. O Porto, cheio de cinzento, escurece e o branco do Verão vai-se diluindo aos poucos até se transformar em pequenas lembranças ao granito das casas. D. Branca, nesse Inverno, andava contente porque o engenheiro seria engenheiro nessas águas de bacalhau anuais. E, para mais, a Mariazinha Almoendra vinha passar uns tempos a sua casa. Que bom que ia ser! Os dois pequenos do engenheiro a brincarem no quintal e elas a saírem com ele ao fim da tarde no Jardim Público e ao domingo, na Trindade, à saída da missa. Havia também os divertimentos no Palácio de Cristal com a montanha russa e o corroussel das noivas. Jogariam um vultete ou um gamão e se num domingo fizesse bom tempo iriam ver o mar à Foz. D. Branca planeava a chegada de Mariazinha com todos os pormenores indispensáveis a um acontecimento de tal importância. As entidades locais foram avisadas e os poucos fotógrafos disponíveis estavam dispostos em fila a receber a representante mais bonita das

Almoendras. A família de D. Branca tinha aturado uma tipóia de luxo para passear a dona da quinta dos Louros.

A chegada de D. Mariazinha à Rua de Cedofeita foi um acontecimento em casa de D. Branca, que envergou o seu novo vestido de lã meia-estação e tirou a capa e batina ao filho para lhe envergar uma farda de marujo. Estava tudo muito bem vestido e cheio de riqueza.

O engenheiro não aparecia. O choque familiar era grande. Nunca mais, desde o fim do ano lectivo passado, tinham visto o engenheiro. Escrevera cartas, mas agora o silêncio era mortal. Ninguém sabia onde ele parava. D. Branca andava triste e Mariazinha ao saber da notícia ficou completamente de luto - elas que lhe tinham dado dois filhos tão bonitos e respeitáveis sentiam-se agora a definhar, a definhar sem apoio de qualquer espécie. Os pequenos brincavam sem se lembrarem do pai. No entanto, cada vez iam ficando mais pequenos e já nem mesmo se podiam ver à vista normal. Até que um dia,



«Instalação» de Ruben A.

pela manhã, os dois, aborrecidos por não terem um pai à mão, desapareceram. D. Mariazinha Almoendra vestiu-se novamente de negro e voltou para a casa de Fafe à espera dos piqueniques de Verão na quinta dos Louros. Talvez para o ano tivesse outro filho.

D. Branca foi envelhecendo em obras de caridade. Pensava nos tempos do engenheiro e rebentava uma vara no espantilho de tantas saudades que sentia. D. Branca, com o correr dos anos, ia-se tornando mais pura, mais rabugenta e mais constante àquela tendência para os chiliques.

Os montes cobertos de neve estendiam-se pela vista fora - havia um incólume de paisagem que deixava os pinheiros suspensos por glaciares antigos -, o sol dava em cheio sobre o nevão e o reflexo diluía-se em arco-íris de composição. Aqui e além, pegadas de alpinistas lembravam o mundo de altitude à procura de horizontes palpáveis aos olhos. D. Branca adormecia em lençóis de linho e pensava na sua camisa de noite toda branca e sem qualquer mancha. Estava quase gelada, estava quase de outra cor.

(Do livro *Cores*)

Ruben A.

NOTAS SOBRE

O romance ensaístico ou ideológico nasce principalmente da crise da relação entre o narrador e a realidade. O romancista oitocentista não duvidava que descrevia uma realidade objectiva, mesmo quando a deformava ou transfigurava. Estas deformações e transfigurações eram atribuídas a simples diferenças de «estilo» ou de técnicas verbais. O realismo do romancista oitocentista era portanto, de certo modo, científico, não só porque extraía frequentemente das ciências naturais os esquemas e a terminologia, mas também porque frente à realidade tomava uma posição estudiosa, investigadora e examinadora. Quantos cadernos de apontamentos, observações exactas, buscas em arquivos e em bibliotecas, inquirições e reportagens por detrás da obra de um Balzac, de um Flaubert e de um Zola.

A terceira pessoa, com a qual são narrados os romances oitocentistas assemelha-se agora bastante àquele em que nos livros de história natural vêm descritos os hábitos e as características dos mamíferos, dos répteis e dos insectos. É uma terceira pessoa objectivada ao máximo grau, através de minuciosas reconstruções dos ambientes que a determinam e das leis que a condicionam, parecendo subentender-se a existência de situações sociais e psicológicas sempre iguais e sempre recorrentes. Tal fé na imutabilidade e estabilidade da realidade derivava em grande parte da aparente imutabilidade e estabilidade da sociedade europeia durante o século dezanove; as mesmas modificações e desenvolvimento que o romancista não podia notar nesta sociedade, que não saía fora dos seus limites, eram comparáveis às transformações e às evoluções que acontecem na natureza, sempre estável e imutável na aparência.

A derrocada desta concepção deu-se por duas vias, uma formal e a outra de substância. Por um lado o «estilo» revelou-se lentamente como qualquer coisa mais que o conjunto das técnicas verbais, como qualquer coisa, enfim, que podia ser considerada realidade, que era deste modo a única realidade sensível, visto que a chamada realidade objectiva, variava, ao contrário de «estilo»; pelo outro, os acontecimentos políticos, guerreiros e sociais de 1870 a 1945, introduziram no mundo social, que até aí parecera tão estável e tão imutável, um violento movimento de desagregação e de revolução.

O romancista do século dezanove meditava na existência de uma linguagem e de uma realidade comum e universal; mas tudo, de repente, se encontrou perante o relativismo da linguagem e da realidade. É só a partir desse momento que se tornou possível escrever romances na terceira pessoa dissimulando o eu autobiográfico da maneira falsamente científica e objectiva; e que o romance se tornou fragmentário, entendendo-se por fragmento a inexistência de uma linguagem comum, a impossibilidade de uma relação sempre igual entre o narrador e a realidade. A consequência desse facto é que nós já não estamos diante de uma única realidade e de uma só linguagem, mas frente a tantas realidades e linguagens quantos são os romancistas; e estas realidades e linguagens parecerão aceitáveis não tanto pela sua universalidade mas pela sua

organização e articulação, de modo que só se entendem a partir de uma irrealdade de base ou, se se prefere, de uma ausência de relações do romancista com a realidade.

Os mundos do relativismo contemporâneo são pois convencionais em elevada grau e podem-se comparar a construções muito sólidas mas cujas fundações são todavia feitas de nevoeiro. Naturalmente que o romancista prevalece nesta construção puramente subjectiva demonstrando, à falta de outra coisa, uma maior e complexa vitalidade. Deve-se, talvez, a este novo padrão de valores, a existência de obras enormes e de certo modo informes, como as de Proust e de Joyce, ambas caracterizadas por uma fundamental desconfiança e incredulidade numa realidade objectiva (no caso de Joyce, o *Ulisses*, além de possuir uma quantidade de outros significados, pretende ser também a demonstração quase polémica da relatividade dos estilos e portanto da realidade objectiva). Mas já em Proust e em Joyce, além da ambição «vitalista» de dar toda a «realidade» nota-se a tentativa ensaística de ordenar a realidade consoante os esquemas de uma ideologia qualquer. E porquê a ideologia? Porque ainda quando ela pareça sofisticada e talvez inútil como em Proust, ou gratuita e literária, como em Joyce, poderá, no entanto, restabelecer igualmente a linguagem por si universal da razão e portanto uma relação qualquer entre o narrador e a realidade.

II

Aqueles que falam da crise do romance, na realidade falam da crise do romance do século dezanove. Valéry disse que não lhe parecia possível escrever «a marquesa fechou a porta». E tinha razão; no seu tempo era já impossível escrever e ler esta frase. O romancista oitocentista, em suma, está morto principalmente porque, como se disse, queria fazer concorrência ao estado civil e portanto à fotografia, ao jornalismo e aos inquéritos científicos. A eficiência alcançada nos nossos dias por estes meios de documentação e de testemunho tornaram o romance, com os seus fingimentos e as suas convenções, inúteis e fastidiosos.

Observar-se-á em relação a este ponto que o romance é no entanto uma obra poética e que nada impede ao romancista de continuar a fazer poesia com os mesmos meios com que os fotógrafos, os jornalistas e os cientistas fazem os seus inquéritos. Mas a objecção não resulta: de cada vez que um modelo de um tempo poético torna-se um procedimento mecânico acessível aos profissionais, o romancista abandona-o por outro mais adequado e mais difícil; de cada vez que a representação da realidade se torna convencional, eleva-se para mais alto, para onde as convenções ainda não são possíveis.

Esta fuga ao mecanismo e à receita é própria a todos os artistas e mesmo em geral a todas as actividades verdadeiramente criadoras. «A marquesa fechou a porta» era uma frase cheia de frescura expressiva, de novidade revolucionária, de comprovada realidade no tempo de Flaubert; cinquenta anos mais tarde é um mecanismo puramente verbal privado de qualquer qualidade plástica acessível a todos e considerado bom para toda a gente. No caso do romance ideológico e ensaístico em confronto ao

romance naturalista, tratar-se-á, portanto, em última análise, dum concurso ou exame, de reduzir o número dos concorrentes através das exigências do pensamento que pouco podem satisfazer. Era preciso génio para escrever um século antes «a marquesa fechou a porta»; actualmente também se necessita dele para elaborar um esquema ideológico capaz de reger o urdimento de um romance.

III

Vamos examinar o que pode ser o pensamento de um romancista. É evidente que um filósofo não é um romancista; os filósofos habitualmente escrevem péssimos romances. Embora possa parecer contraditório o pensamento do romancista nasce não da sua mente mas da sua sensibilidade. Tal como o petróleo que jaz a grande profundidade e necessita de ser procurado com a broca, também na realidade expressa pela frase «a marquesa fechou a porta» jaz, a grande profundidade, o tema subentendido na frase. Por outras palavras, qualquer descoberta da sensibilidade comporta uma descoberta temática, sobre a qual, porém, com frequência, o romancista não tem consciência.

Sabemos, por exemplo, quais foram os temas de Balzac porque dispomos da necessária perspectiva crítica e histórica; mas é duvidoso que Balzac os conhecesse com precisão. A consciência dos temas por parte do romancista, a sua articulação e organização em ideologia, são próprias do romance ensaístico. Porque, enquanto, e isto só acontece em determinado momento de evolução do romance, já o dissemos, o modelo poético da representação naturalista não se transforma em simples mecanismo, o romancista não sente a necessidade de atentar profundamente nos temas.

Presentemente não basta procurar o tema sob os factos, os personagens e as situações, pois, além das particulares qualidades de reflexão e de análise, esta obra de escavação requer ainda experiência ao mesmo tempo moral e intelectual de uma precedente desvalorização da realidade objectiva. Mas os temas que, em seguida, poderão organizar-se em ideologia, permanecerão todavia materializados, por assim dizer, desensibilizados poética; o que não acontece nem pode acontecer a um pensamento sistemático e puramente interessado numa explicação racional e directa. O pensamento do romancista será pois o conjunto dos temas subjacentes à superfície da narração dos factos, trazidos à luz e reunidos como se fossem fragmentos duma estátua durante muito tempo enterrada. Disso derivará uma qualidade ambígua e contraditória, em relação à qual a ideologia terá sempre um carácter hipotético, não se deixando nunca definir mesmo através duma definição cabal e precisa.

Bastará dar o exemplo de Dostoiévski, o pai do romance ideológico. Jamais será possível delinear com ordem e coerência a ideologia de Dostoiévski, ele é ao mesmo tempo cristão e nietzschiano, humanitário e aristocrata, revolucionário e reaccionário. Esta ambiguidade e contrariedade é suficiente para permitir a poesia que é precisamente o lugar onde todas as contradições se fundem e donde todas as contradições partem.

IV

Dostoiévski dá frequentemente uma

impressão de arbítrio e de gratuidade, pois não só a sua ideologia é ambígua e contraditória, é também ambígua e contraditória a sua relação com a própria ideologia. Em palavras simples e apressadas, poder-se-ia dizer que Dostoiévski, por vezes, nem sabe o que quer. Mas um passo mais para além da fórmula dostoiévskiana e encontramos o romancista que depurou a ideologia até à conquista duma clareza perfeita e sistemática.

O romance apresentar-nos-á então uma fase bifronte, por um lado uma ordem narrativa que parece aludir a uma ideologia rigorosa, pelo outro uma ideologia que parece requerer uma determinada narração dos factos. Em outros termos: o romance alegórico ou metafórico. Este romance parece adaptado a representar um mundo como o nosso, no qual a pessoa humana já não é a medida de todas as coisas nem a necessidade de interpretar e exprimir os sentimentos colectivos favoráveis à noção da fórmula compreensiva.

Uma metáfora neste caso não é mais do que a depreciação em acto da realidade objectiva considerada como caótica e insensata, a favor de uma miragem mais



E ROMANCE

ade, ua e con- pria pres- Dos- que n da mos ologia ita e ntão uma ide- eter- ntros ou dap- no o ão é ces- sen- ção

corrente e mais significativa mesmo se abstracta. Veja-se, por exemplo, o *Asno de Ouro*, de Apuleio. Neste romance da decadência sentimos a presença das massas, tanto na incoerência, pequenez e fragmentariedade dos personagens como na grandiosidade da ideologia. Sem a ideologia o *Asno de Ouro* seria uma série de anedotas deleitáveis; sem as anedotas uma hipótese duvidosa. A força deste romance está na perfeita união da metáfora, em ter ordenado as anedotas segundo a ordem de hipóteses e por ter impedido que as hipóteses não violassem uma vez sequer a verosimilhança e naturalidade das anedotas.

Naturalmente que o romance alegórico requer acima de tudo uma consideração poética da alegoria da parte do romancista, isto é, uma aproximação sentimental e estética em vez de intelectual. Ela subentende sempre uma intenção poética do escritor relativa à ideologia como qualquer coisa que deve ser vivida e experimentada e não somente demonstrada abstractamente. Indo buscar a Marx a sua fórmula, diremos que o romancista neste caso pensa que a ideologia não deve apenas respeitar a reali-

dade mas também modificá-la à sua própria imagem e semelhança. O romance alegórico ou metafórico será portanto aquele em que a ideologia tem um dado sentido e ordem em relação a uma realidade por sua vez insensata e caótica; isto é, por outras palavras, como já dissemos, transformando-a. É este o momento portanto em que, sempre segundo Marx, a filosofia deve descer do céu para a terra e demonstrar que é capaz de modificar as condições da realidade objectiva.

V

O romance como ensaio está, contudo, sempre subordinado à capacidade do romancista em fazer com que a ideologia não contradiga a natureza dos factos, antes a confirme. Ora esta confirmação é por sua natureza totalmente histórica; em outros termos, o romance ensaístico pressupõe uma ideologia de acto que possa ser considerada sem muita dificuldade como uma ideologia realizável na vida real e contemporânea. A força do romance ensaístico está, com efeito, em dar uma imagem possível, tanto ideológica como de facto. Uma ideologia morta, ou então forçada e anacrónica, nunca será suficiente para reger e justificar o contexto da narração.

É este o caso de *I Promessi Sposi*, sempre em perigo de ser tomado como obra de propaganda em vez de metafórica. Quer dizer, o leitor deve sentir a ideologia como podendo adaptar-se à própria vida e como uma das tantas hipóteses, às quais pode recorrer sem medo de cair no absurdo e no abstracto; histórica em suma. Propriamente a capacidade da ideologia em efectuar não só a história do romance mas também a história sem outros atributos, é a prova da sua qualidade metafórica e não apenas de abstracção conceptual. O romance-ensaio deve portanto fornecer uma imagem possível da vida ordenada segundo uma direcção ideológica. Quanto maior e mais vasta for esta possibilidade, tanto mais poético será o romance. Pertence por isso ao romancista extrair a própria ideologia dos temas subjacentes à própria experiência directa e não das tradições culturais e religiosas. Da história que decorre e não da que já passou.

VI

É interessante notar como numa obra como a de Kafka, que para muitos é o continuador e o herdeiro da tradição narrativa iniciada por Dostoiévski, a ideologia resume-se a uma alusão ou um pressentimento. O processo de Kafka parece ser o de criar uma metáfora precisa e a partir daqui subtrair-lhe a parte ideológica e transcrever dela apenas os factos, produzindo assim um sentido de absurdo e de mistério metafísico. Provavelmente o caso não está na subtracção, pelo menos conscientemente, estará, pelo contrário, na obstinada convicção, Kafkiana de que todas as coisas têm um sentido, embora ele não pudesse dizer qual.

Nós, contudo, sentimos sempre essa convicção com uma tal força que somos constrangidos de vez em quando a formular a ideologia que Kafka não conseguiu esclarecer-nos. Donde o grande número de hipóteses sobre os significados Kafkianos, verdadeiras ou falsas, e a sua não historicidade. Porque uma ideologia precisa e explícita é sempre histórica; mas uma ideologia que nos é apresentada com a forma dum vazio

metafórico parece considerar a histórica não existe nem se preocupa que exista, desde o momento que o homem não é capaz de fazê-la, mas só de pressentir-lhe a presença ameaçadora e obscura.

A obra de Kafka, portanto, além de ser uma quantidade de coisas (por exemplo: uma descrição profética da Alemanha hitleriana, do racismo e dos campos de concentração) é a flor terminal do decadentismo europeu; podendo manter assim o método magistral e exemplar mas não continuar os significados que são completamente não históricos porque conjecturais. Todavia a obra de Kafka tem um valor sintomático notabilíssimo, denuncia a exaustão do processo naturalista e põe a exigência de uma ideologia que favoreça e guie a narração.

VII

O romance naturalista do século dezanove devia pela sua própria natureza chegar a libertar-se do enredo e do personagem, ambos supérfluos e incongruentes numa representação científica da realidade objectiva. O enredo e o personagem tornam-se difíceis se não impossíveis onde prevalece o estudo do ambiente e das determinações sociais visto que o ambiente e as determinações sociais reduzem o homem precisamente a estado civil onde tudo é reconhecido, revisto e convencional. Por consequência, no século dezanove o enredo e os personagens sempre foram usados no romance ou em folhetins, e considerados como elementos espúrios e melodramáticos. A ciência não nos revelará, com efeito, que na natureza não há outro enredo além do simples e sumário do nascimento, crescimento e morte das formas vivas e outros personagens, além daqueles que assumem e encarnam as espécies e as categorias? Enredo e personagens desapareceram pouco a pouco dos livros e foi este o triunfo do impressionismo em todas as artes; no que se refere à narrativa bastará citar, a título de exemplo, o nome de Maupassant.

Na realidade há duas espécies de enredo e de personagens. Uma que se entrega ao estado civil e à máquina bem construída; uma outra onde, ao contrário, o personagem e o enredo são a expressão dos temas e do seu entrelaçado dramático. A literatura policial é um bom exemplo da primeira espécie: personagem e enredo definem e põem em movimento por meio dum cálculo mecânico de interesses e paixões rigidamente coerentes — a partir porém duma convenção completamente irreal — qualquer coisa como um jogo de salão. Mas no caso contrário, em que o romancista sabe entrelaçar os temas através dos acontecimentos e das situações, personagem e enredo são outra coisa: temas expressos e articulados por meio da psicologia e da acção, os primeiros; conflitos dialécticos destes temas, os segundos. Para darmos um exemplo: o personagem de Hamlet é o tema de Hamlet; o enredo da tragédia de Hamlet é o conflito dialéctico que dá origem ao tema de Hamlet posto em contraste com os outros temas, o da Rainha, de Ofélia, de Polónio, do Espectro, etc., etc.

Deste modo deve considerar-se o repúdio e o desprezo pelo personagem e pelo enredo, hoje no auge, na boa literatura, como um último eco da velha polémica naturalista e impressionista. O romance não pode retomar a questão do enredo e do personagem onde esta foi abandonada e dar-lhe uma solução.

VIII

É necessário sublinhar em relação a este ponto a diferença existente entre o romance metafórico e o de propaganda. Já dissemos que os temas jazem no fundo, abaixo da superfície dos acontecimentos e das situações, um pouco como o petróleo jaz na caverna geológica sob a superfície da terra. Ora o escritor de romances de propaganda seria um tudo nada semelhante a quem enterrasse uma pequena quantidade de petróleo comprado no mercado com o fim de proclamar mais tarde a descoberta e vender vantajosamente os terrenos.

O romance da propaganda utiliza-se da ideologia que não surge no terreno autêntico e poético da sensibilidade individual, mas que foi emprestada, já pronta pela sociedade onde o escritor vive. Podia com outra imagem comparar o romancista metafórico a um hortelão que cultiva na sua horta plantas verdadeiras, fornecidas de raízes e de caule; e o romancista de propaganda a qualquer um que, para dar a entender, dispõe na horta plantas sem raízes e que no dia seguinte estão já secas. A propaganda obriga o romancista a fabricar personagens e enredos, para as quais não foi levado por qualquer simpatia da sensibilidade mas por uma razão prática que depois terá de justificar precisamente à propaganda que, por sua vez, ele aceitou por motivos também práticos.

Efectivamente o romance de propaganda, seja ele católico, realista-socialista ou outro, é o contrário do romance metafórico; neste último a ideologia é a essência viva dos factos; no primeiro, em contrapartida, a ideologia é a essência morta de factos mortos sobrepostos a factos vivos, dos quais não nos é revelada a essência. Nasce portanto uma divergência entre a ideologia e os factos, o mesmo que pode acontecer numa mascarada onde todos vestem trajes que não são deles e se sente a falsidade do travesti sem contudo poder adivinhar-se que trajes deviam usar e usam habitualmente.

Qual é, por exemplo, o verdadeiro tema de Renzo Tramaglino? Manzoni quer que acreditemos que é o do auxílio que a Providência nunca deixa de dar a quem confia nela sinceramente. Mas a ideologia católica parece neste caso ter sido sobreposta a um personagem de diferente natureza; e inclinamo-nos a distinguir em Renzo o tema de uma plebe medrosa e impotente sujeita a um Estado absoluto e a uma religião contra-reformista. Por sua vez não é possível distinguir em Julien Sorel um tema diferente daquilo que, embora com as ambiguidades e contradições próprias da poesia, quer sugerir-nos Stendhal; quanto ao resto afirmaremos que Julien Sorel diz-nos mais do que o próprio Stendhal queria dizer-nos pelos seus meios. Em suma, os personagens dos romances de propaganda dizem frequentemente o contrário daquilo que o seu autor queria que eles dissessem; as dos romances metafóricos mais.

É uma má literatura a que precisa ler-se *à rebours*, contra a luz, tal como se verificam as notas falsas, desprovidas da filigrana regulamentar. Por uma ironia paradoxal, são precisamente o Estado e a Igreja os maiores fabricantes e passadores da moeda poética falsa e da contrafacção.

Em *O Homem como fim*
Alberto Moravia



literário

MARGUERITE YOURCENAR

O NOME E A OBRA

Marguerite Yourcenar nasceu em Bruxelas em 1903. A par da obra de vulto realizada ao longo de décadas de trabalho árduo, empreendeu um vasto programa de viagens, que culminam uma educação pouco comum, se

se atender à ascendência de cunho aristocrático, experiência que lhe permite conhecer cedo as línguas e civilizações antigas, fundamento de uma boa parte de sua obra.

Escritora de larga erudição nem por isso se rendeu ao classicismo que envolve toda a sua bora de romancista, ensaísta, poeta e tradutor.

É, no entanto, com o romance histórico que se afirma em França, e no mundo, a partir de 1951, ano em que publica um dos mais bem acabados textos romanescos deste século, entre nós traduzido por Maria Lamas, com o título de: *Memórias de Adriano* (Lisboa, Ulisseia, 1981), oito anos depois de António Ramos Rosa nos dar em língua portuguesa: *A Obra ao*



VERSOS GNÓMICOS

Crescias para a luz como as árvores,
Inefável demora;
Endurecias como as gemas do mármore,
Realidade indizível.

Prodígio à beira de perder-se,
Dureza granítica para cinzel;
Alegria partilhada pelos pássaros
E pela água sôfrega do cão.

Segredo que é preciso guardar,
Só o efémero perdura;
Sou o que prenuncia os ritmos da terra;
A mais próxima constelação.

Alegrem-se, ó reclinados mortos!
Tudo o que passa, passando fica;
O esplendor da relva
Também das negras pedras se levanta.

Uma cantilena de Pentauro
Segundo
um papiro egípcio

De mim próxima está, a morte que te é próxima
Mais doce que o sonho, mais íntima que a sombra;
Como um vinho derramado, como o lotus florido;
De ti próxima, a morte repete o chorado canavial.
Pelo extenuado repouso, pela improvável doença,
A morte é um harmonioso lago no fechado horizonte.
Como o vento prestável da tarde com seu alento lento
soprado,
A morte atrás de ti prepara a larga vela.
E vós, ó amantes, que para terra incerta navegais.

Deste festim se fez a morte convidada.
Ó recortada flor do Verão; Ó orvalhada sede;
Como um hábil roubador de pássaros, a morte estende as redes.
E a sombra que fica é a sombra mesma do cipreste,
Que aos esposos concede o sono breve.

Le pöeme du joug
Um jugo pesa no ombro das mulheres do meu país;
Forçado & lento entre os extremos hesita o coração;
Momento a momento, dois rasos baldes de leite
no fragor dos joelhos se derramam;
A alma original das vacas, a succulenta e verde mastigação
ainda assim cheirosa & doce.

Sou essa camponesa que nas granjas serve;
Contra a dor profunda avanço a passo firme;
Do lado do coração, de sangue cheio está o balde;
Até à saciação podes beber, até à saciação, desse sumo possante.
Do lado direito, cheio de gelo está, o balde;
Inclina-te, podes contemplar teu rosto fatigado.
Entre meu destino & minha sorte, meu destino & minha sorte é caminhar;
Entre meu sangue, seiva escaldante, e meu amor, transparência morta.
E quando estiver segura de que nem o espelho nem a sede
já distrair ou imobilizar podem ter coragem virgem
Evitarei quebrar esse resignado espelho;
Não entornarei o balde em que sangrou a minha vida toda;
Pela noite escura carregarei meu balde de sangue,
Até junto dos mortos que nele virão beber.
As profundezas irei com meu balde de gelo;
Mais amargo que o gemido breve será meu pranto;
Um rosto estranhamente pálido então assomará sobre a duna,
E esse espelho outrora rejeitado reflectirá da lua a serena face.
Apsresentai

Negro (Porto, Editorial Inova, 1973).

Depois de ter vivido bastantes anos na ilha de Mount Desert, na costa Nordeste dos Estados Unidos, morre em 1987, deixando atrás de si uma obra incomparável, de que se destacam ainda: *Como a água que corre* e *O Tempo, esse grande escultor*, vindos a público pela Difel, com tradução de Luiza Neto Jorge, em 1984, e Helena Vaz da Silva, em 1985.

Recentemente, a mesma editora deu à estampa o volume de ensaios: *A Benefício de Inventário* (1989) e iniciou a publicação da trilogia: *Memórias*, *Arquivos do Norte* e *O Quê? A Eternidade?*

Estes poemas pertencem ao livro: *Les Charités d'Alcipo et Autres Poèmes*. Yourcenar escreveu ainda teatro e traduziu Safo, Cavafis, Píndaro e Virginia Woolf.

Apresentação e tradução de Vergílio Alberto Vieira

Nunca houve um Verão como este, nem haverá outro como o de 1990. Tivemos por isso cuidado em sugerir-lhe boas companhias: escritores propositadamente indicados para este Verão único. Eles estão à sua disposição nas melhores livrarias. Este sol e o seu imaginário serão a memória deste Verão. A escolha é sua. Faça favor.

PASCOAES • D. H. LAWRENCE • RAYMOND GUÉRIN • RUBEN A. • VICTOR SEGALEN • MISHIMA • STEVENSON • BORIS VIAN • KAREN BLIXEN • KAWABATA • JOSEPH CONRAD • CELINE • TENNESSEE WILLIAMS • BRUNO SCHULZ • BOTHO STRAUSS • STRINDBERG • SYLVIA PLATH • PAUL BOWLES • BLAISE CENDRARS • ARMANDO SILVA CARVALHO • NUNO BRAGANÇA • UNAMUNO • JOSÉ QUITÉRIO • MIGUEL ESTEVES CARDOSO • JOÃO SOUSA MONTEIRO • JOÃO DOS SANTOS • CARLOS AMARAL DIAS • EDOUARD RODITI • PAUL GAUGUIN • GROUCHO MARX • MALCOLM LOWRY • HENRY JAMES

P. S. Ainda este mês, novidades Assírio & Alvim:
Pederastia na Idade Imperial (sobre o amor de Adriano e Antínoo) de Royston Lambert,
As Aversas de Vasco Pulido Valente e *Pela Água* de Sylvia Plath.

A S S Í R I O & A L V I M

distribuição

LISBOA: ASSÍRIO & ALVIM, RUA PASSOS MANUEL, 67-B — 1100 LISBOA / TELEFONE 555580
PORTO: ASSÍRIO & ALVIM, RUA MÁRTIRES DA LIBERDADE, 104 — 4000 PORTO / TELEFONE 315507
SUL E ILHAS: AUDIL, RUA CIDADE CADIZ, 14-B — 1500 LISBOA / TELEFONE 7265859
CENTRO E NORTE: AUDIL, RUA ADOLFO CASAS MONTEIRO, 16 — 4000 PORTO / TELEFONE 668517

leituras e ideias

UMA HISTÓRIA DAS PÁGINAS ESQUECIDAS

Eis uma obra, há muito esgotada, cuja reedição é duplamente bem-vinda. Trata-se de um manual sempre útil a um bom número de investigadores cujos interesses historiográficos se situam pelos séculos XVIII e XIX, agora enriquecido em resultado das pesquisas que o autor tem efectuado, desde 1965, neste domínio.

Fazer uma história da imprensa implica desde logo critérios, opções, uma perspectiva. Doutro modo pode cair-se no catálogo comentado (e indigesto), ou na ilusão de que se fez a história da imprensa quando apenas se abordaram alguns problemas e se trilharam somente algumas vias. Disto parece estar consciente o autor que logo na 1.ª edição nos avisava que o título mais adequado seria o de Ensaio. Hoje, quando o horizonte problemático de estudos se alargou e complexificou consideravelmente, a natureza, não direi ensaística mas antes, exploratória do livro ainda melhor se patenteia aos nossos olhos. E todavia, ele continua a ser um referente obrigatório na área dos estudos históricos sobre a comunicação social em Portugal.

As opções desta obra são claras. (1.ª) A narrativa orienta-se segundo a cronologia e não tematicamente. Escolha que parece acertada pois que se trata de um território ainda pouco estudado e se pretende realizar obra que sirva de guia a futuros investigadores neste domínio ou de instrumento auxiliar à historiografia dos séculos XVIII e XIX. Se 1910 continua a ser o termo da pesquisa, esta 2.ª edição recua até à centúria de Quinhentos, contemplando alguns materiais não classificáveis na imprensa periódica, mas apenas nos possíveis antecedentes dela: as notícias manuscritas e impressas sem carácter periódico e os almanques, reportórios e demais periódicos sem carácter jornalístico. Muito de passagem seja dito que, mesmo sendo pertinentes as razões evocadas pelo autor para interromper o trabalho em 1910, começa a sentir-se a falta crescente de uma história da imprensa que abranja o século XX ou, em alternativa, uma história da imprensa portuguesa no século XX.

Mas prossigamos. (2.ª) A pesquisa privilegia dois grandes vectores: as transformações, quantitativas e

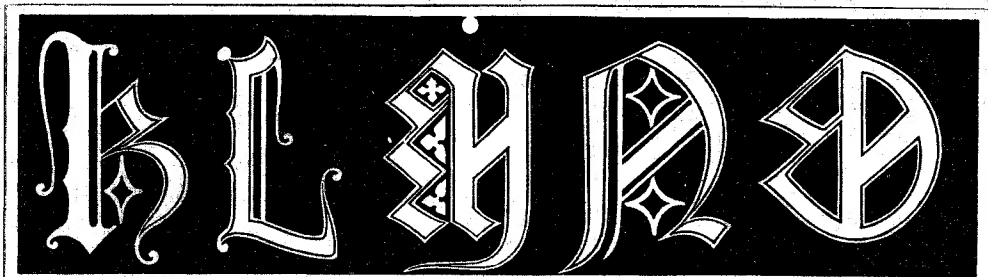
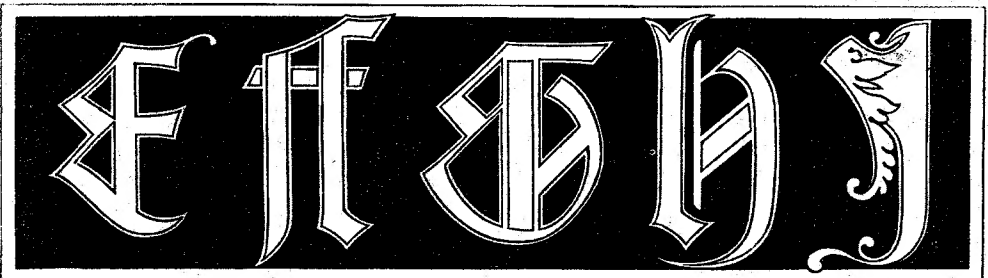
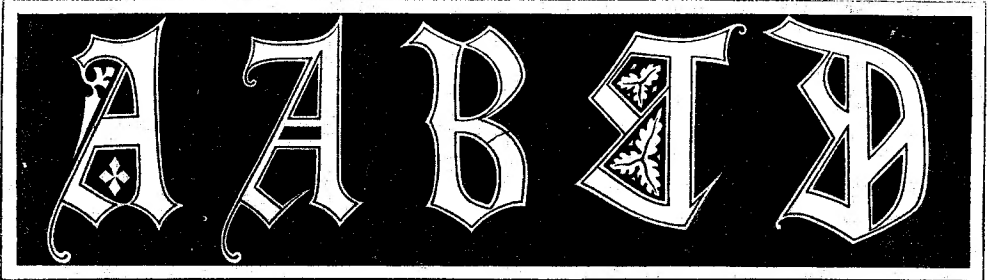
qualitativas, da imprensa periódica e o relacionamento dela com o poder político. Assim, por uma parte, indicam-se os títulos — sua criação, tempo de duração — devidamente inseridos no seu contexto cultural, político e editorial, assinalam-se as fases de expansão, estagnação e retrocesso da actividade jornalística e avalia-se o peso relativo da imprensa de opinião, noticiosa e de divulgação de conhecimentos úteis para cada período. Pela outra, acompanham-se os regimes de possibilidade de produção e de circulação dos periódicos, que inclui os tipos de censura, seus instrumentos e legitimações, e as condições de liberdade de imprensa. (3.ª) Não obstante estes dois vectores estruturantes presente-se, a cada momento, outro tipo de preocupações que alimentam a pesquisa e a narração. São elas, por exemplo, o impacto da imprensa na formação da opinião pública — mas também, o influxo do gosto público na orientação da imprensa em geral — as mutações de sensibilidade dos leitores, a articulação entre as condições de produção (financeiras, redactoriais, tipográficas) e o produto final, etc., etc...

É portanto tripla a utilidade desta obra. Abre pistas, sugere temas, fornece dados para a investigação em história da imprensa. Toma posição, faz opções que, sendo saudavelmente discutíveis, contribuem para o avanço destes estudos. Elabora um primeiro reportório de títulos útil a todos os estudiosos dos fenómenos mentais, políticos e culturais do período.

Ao contrário do que pensa o autor, este último aspecto só teria a ganhar se saísse reforçado nesta 2.ª edição. Um bom inventário de títulos (no final) com indicação do período completo de publicação e da(s) orientação(ões) política(s) seguida(s) só beneficiaria o estudante e o investigador, que não dispõem no mercado de qualquer instrumento de trabalho congénere e para quem o acesso à Academia de Ciências e ao seu tão celebrado dicionário em treze volumes, é, de ordinário, difícil.

(José Tengarrinha, *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, Caminho, 1989 - 2.ª ed., 352 págs.)

Carlos Coelho Maurício



BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O

Diário de Lisboa

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!

Pretendo assinar a partir do dia ____ / ____ / ____ Pelo período de

☐ 1 ANO	— 18 000\$00
☐ 6 MESES	— 9 000\$00
☐ 3 MESES	— 4 500\$00
☐ 1 MÊS	— 1 500\$00

Nome _____

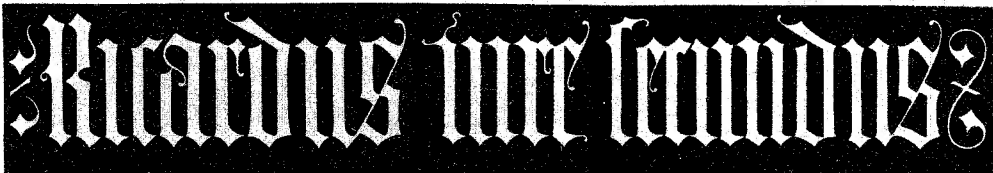
Morada _____

Código Postal _____

Junto envio: ☐ cheque ☐ vale do correio

• Números atrasados: 70\$00 cada • Mudança de endereço: 150\$00 • Por períodos mínimos de 6 meses poderá também assinar: o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana, sendo, para esse período, o preço de 1 850\$00 • Informação ao assinante: os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacional até 100 gramas, pelo que os encargos postais ali incluídos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade

Enviar para: **DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas**
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA



literário

CRIME OU MILAGRE: UM HOMEM COMPLETO



(De La Femme 100 têtes)
Max Ernst